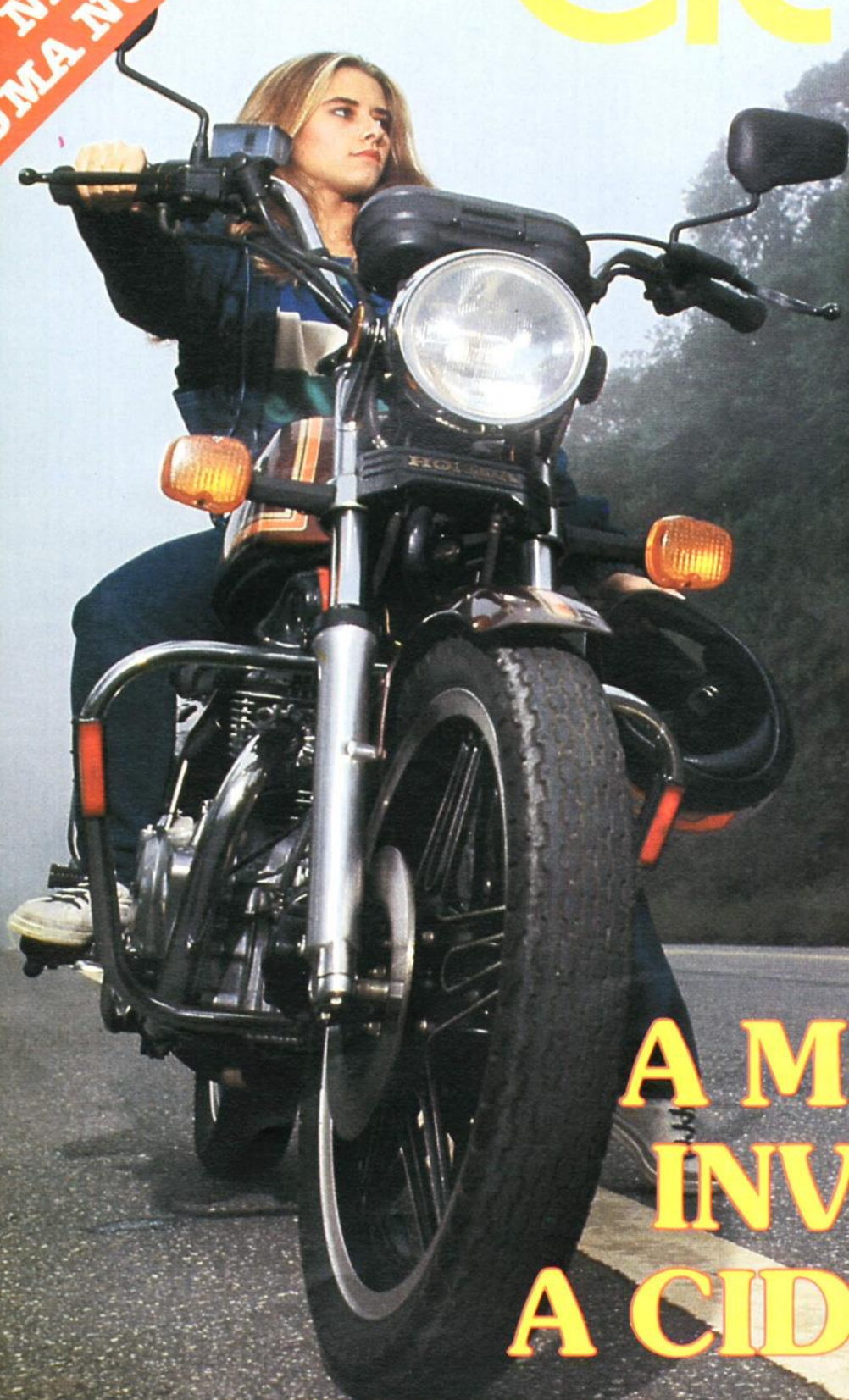


EDITORA ATO ANO II N.º 12
MAIO-JUNHO DE 1983 - CFS 820,00

ato

**NEGÓCIOS:
UMA NOVA SEÇÃO**



**A MOTO
INVADE
A CIDADE**

A bela que é fera.



Submeter essa fera aos seus comandos é a parte de prazer que lhe cabe por ter escolhido a motocicleta mais avançada da atualidade: Yamaha RD-Z - puro esporte.

Bela nas linhas - aerodinâmicas, modernas, superarrojadas.*

Fera no desempenho - arisca no trânsito, feroz nas arrancadas, ágil nas ultrapassagens, precisa nas curvas.

E quem é fera na cidade é fera na estrada. Estável, robusta, sempre se lançando à frente com incrível força, porque conhece e gosta de liberdade.

Seu tanque de 16 litros garante uma autonomia invejável, e o excelente desempenho do motor dois tempos, de 16,6 HP, se torna ainda mais econômico graças à mais perfeita relação peso/potência entre todas as motocicletas na sua classe. Além do exclusivo sistema Y.E.I.S. - Yamaha Energy Induction System -, que elimina as passagens de carburação em médias e baixas rotações, proporcionando ainda mais economia. Equipada com ignição eletrônica (CDI), que não requer manutenção, não desregula o ponto, garante corrente elétrica mais forte e regulagem automática do ponto de ignição. Câmbio de cinco marchas e

RD-Z Puro esporte

suspensão traseira com amortecedores hidráulicos de regulagem em cinco pontos.

Mas, ao seu comando, a fera se torna dócil.

O painel de controles deslizantes é de alcance imediato. Os freios são simplesmente perfeitos - a disco na roda dianteira e a tambor na roda traseira -, conferindo segurança mesmo em freadas mais fortes e mantendo perfeita estabilidade em freadas de emergência. Os pneus do tipo S são garantidos pelas normas internacionais para velocidades de até 180 km/h.

E a tecnologia Yamaha você já conhece: ela une eficiência, simplicidade, alto desempenho e facilidade de manutenção com baixo custo e baixo consumo.

Vá a um Concessionário Yamaha pra ver essa fera de perto. E aproveite as facilidades de financiamento ou do Consórcio Nacional Yamaha.

Entre a beleza e a força, fique com as duas: Yamaha RD-Z. A bela que é fera. Como só uma Yamaha sabe ser.

* Carenagem opcional.

RD-Z
YAMAHA

O SEU JEITO DE IR.



ITO MOTO LTDA

REVENDEDOR YAMAHA

R. Casareios, 1143 - Tel.: 469-0628 - Mogi das Cruzes - SP

Abertura

Desde que começaram a ser fabricadas no Brasil, em 1975, as vendas de moto jamais pararam de crescer – e as cidades, rapidamente, ganharam o novo, eficiente, prático e econômico meio de transporte. Mogi das Cruzes não foi exceção, e as duas rodas fazem tanto sucesso aqui como em qualquer outro local do país. Este o tema da reportagem de capa da edição número 12 de **ATO** – um grande perfil sobre a moto na cidade, seu uso, vantagens e a influência que tem sobre os motoqueiros. Enfim, uma análise sobre o estilo dos que – por diversão ou necessidade diária – enfiaram capacete e roupas especiais para aderir ao novo veículo.

ATO fala também da crise econômica e mostra como ela pode ser detectada em Mogi, num circuito não muito difícil de percorrer – os cartórios de protesto, o Serviço de Proteção ao Crédito e os comerciantes. Mais: um ano depois de inaugurada, a rodovia Mogi-Bertioga é um cenário quase que desolador – e a estrada dos sonhos dos mogianos está agora dependendo de alguém que queira responsabilizar-se por sua manutenção.

Os leitores, na véspera das férias de julho, terão o roteiro de uma das excursões mais vendidas em todo o Brasil, o



Epcot Center, em Miami, a última das grandes idéias de Disney. Luiz Nassif volta a apresentar saídas para os investidores, e Vital Battaglia conta quem é o técnico Carlos Alberto Parreira, outro que tenta dar ao Brasil o título mundial que não ganha desde 70.

A seção de espetáculos vem recheada de boas atrações. Em teatro, há duas belíssimas sugestões para o leitor – *A Chorus Line* considerado o maior sucesso teatral de todos os tempos, e *Evita*, outro carro-chefe da Broadway que já está sendo montado em São Paulo. Não é tudo: o crítico Rubens Ewald Filho apresenta *Danton*, filme do polonês Wajda que mostra a Revolução Francesa, lotando diariamente todos os cinemas de Paris.

Finalmente, os leitores de **ATO**, no novato Panorama, poderão deliciar-se com dezenas de novidades, começando pelos maiores sucessos da última UD e que agora chegam às lojas, desde os sofisticados aparelhos de vídeo até produtos como o disco a laser, mostrados sem a correria e o tumulto da exposição. Os novos carros do mercado, um roteiro de excursões nacionais e internacionais, os setores de computação, moda, aviação, os bastidores da televisão e os melhores restaurantes e bares da noite para um agradável fim de semana completam o Panorama.

F. L.

Sucessão

A luta pela presidência da República ganha novos contornos depois de Figueiredo tocar publicamente no assunto. Veja as chances de cada um. Pág. 21



As empresas e os grandes anunciantes descobriram que o esporte é um rico filão para seus investimentos publicitários. As camisas de grandes craques do momento, são retorno certo. Pág. 33



A Globo breiou sua política de grandes lançamentos – principalmente filmes – esperando a entrada no ar da TV Manchete. "...E o vento levou" é um deles. Pág. 44



Carlos Soh mostra em sua página como está o futebol brasileiro depois de terminado o campeonato nacional. Com o Flamengo novamente campeão. Pág. 38



Dívida

A dívida externa brasileira e as formas de pagá-la estão num amplo comentário do empresário João Manoel dos Reis, na seção Opinião. Pág. 50

E

Caldeirão	16-17
Cartas	4
Comunicação	18
Crise	18
Estrada	20
Esporte	37
Gente	12-13
Investimento	31-32

Capa: Mariette Areco Detotto em foto de Jorge Beraldo.
Colaboração:
Cotac Veículos e Lucy Butique



Made in Mogi

Impressionante a reportagem *Vendendo de Tudo* publicada no último número da revista ATO. Creio que a grande maioria dos mogianos desco-

nhecia o potencial exportador de sua cidade.

Paulo Copernico F. Lima
Mogi das Cruzes

Carro alegórico

A coluna Painel desta prestigiosa revista ATO publicou na sua última edição notícia envolvendo meu nome e o de minha filha menor, Regina Coeli. A bem da verdade, devo esclarecer que se trata de informação sem nenhum fundamento, pois jamais aderi a nenhuma escola de samba em particular. Admiro-as, nutro todo o respeito pelo que representam para o nosso carnaval, mas em nenhum momento encomendei a esta ou àquela carro alegórico. Agradeço a notícia sobre o Setor de Divulgação da Universidade de Mogi das Cruzes, veiculada na mesma coluna, solicitando, entretanto, que a notícia sensacionalista no que tange à escola de samba seja desmentida oportunamente.

Manoel Bezerra de Melo
Chanceler da UMC

Não é costume de ATO publicar notícias sensacionalistas. Divulga, simplesmente, notícias e versões que pode identificar ou comprovar. No caso, a informação foi prestada por Wilson Sanches, o "Nenê da São João", presidente da referida escola de samba. Suas declarações, feitas logo após sua agremiação ter sido proclamada campeã do último carnaval da cidade, foram dadas à *Rádio Diário de Mogi* e ao que consta até agora não desmentidas.

Transporte ruim

Gostaria de ver em ATO uma reportagem sobre o transporte coletivo urbano e municipal, pois o atualmente existente é de baixa qualidade. Uso o sistema diariamente e ele deixa muito a desejar.

Célia Martins
Mogi das Cruzes

Correspondência

Tenho 27 anos, sou escritor, compositor e poeta. Conheço bem Mogi das Cruzes e gostaria de me corresponder com

artistas da cidade.
Nelson Tangerini
Caixa Postal 1943
Rio de Janeiro - RJ

Proleste

A revista ATO, ano II, n.º 10, publicou à página 11 uma reportagem sobre o Proleste. Com relação à referida matéria, gostaríamos, como membros da equipe central do projeto, oferecer os seguintes esclarecimentos: 1. O Proleste iniciou-se em 1976, como uma iniciativa de DRE-5 Leste. 2. O professor Sérgio Leite ofereceu uma proposta metodológica, que após estudada pela equipe técnica da DRE-5 Leste foi aprovada e implantada através do projeto. 3. A partir dessa data, o projeto sempre foi analisado, avaliado e reestruturado com a colaboração não só da equipe central, como com os delegados de ensino, supervisores de ensino, coordenadores pedagógicos e professores. Portanto, é um projeto fruto de participação de todo o pessoal desta Divisão. 4. O projeto contou com todo o apoio material e financeiro da Secretaria de Educação, sendo que as verbas próprias constavam da previsão orçamentária daquela pasta. 5. As dificuldades encontradas durante a realização do projeto foram sempre estruturais, isto é, excesso de mobilidade de professores e especialistas por motivo de remoção, licença, clientela de meio sócio-econômico cultural carente, etc.

Em que pese a metodologia aplicada com o relativo sucesso do Proleste, o índice de promoção de 10 a 20% acima da média da rede deve-se talvez, em sua maior parte, a um sistema de supervisão implantado e à disposição do pessoal envolvido em procurar superar todas as dificuldades relacionadas ao processo ensino-aprendizagem.

Eulálio Gruppi, ex-diretor da DRE-5 Leste; Aparecida Cardoso Pozo; Durcília V. Monteiro da Silva; Henny Mazucatti de Camargo; Liselote Marcília S. Castiglioni; Taka Harada.

ATO ateu-se apenas ao que julgou de importância jornalística para seus leitores: a criação pelo professor Sérgio Leite de um novo método de alfabetização para alunos carentes. Assim, para complementar a informação, foi ouvido também o ex-diretor da DRE-5 Leste, responsável pela coordenação da equipe que implantou o projeto.

revista
ato

Diretor

Márcio de Paula

Editor Responsável

Fernando Leal

Diretor Administrativo

Benedito Wilson de Freitas

Editor Gráfico

Carlos Soh

Produção

Marina de Siqueira e Aranha
Elisabeth Vieira da Costa

Produção Gráfica

Mário Tadeu Rosas

Publicidade

Eleni Nicolini
Herval Vianna
Dig Jayme Guesso Leão
Robson Luiz Pimentel Regato

Colaboradores

Carlos Chagas e Rosângela Bittar (**Brasília**), Roberto Godoy e Wilson Marini (**Campinas**), José Carlos Santana (**Londres**), Darwin Valente, EME, Henrique Fernandes, Jorge Beraldo, Lenilde Pacheco e Vanice Assaz (**Mogi das Cruzes**), José Roberto de Alencar (**Rio de Janeiro**), Antônio Augusto de Toledo Neto, Amado Neto e Flávio Nery (**São José dos Campos**), Berenice Guimarães, Carlos Soh, Clóvis Garcia, Efigênia Menna Barreto, Floreal Rodrigues Rosa, Francisco Augusti, Ilka Marinho Zanotto, João Pires, José Fernando Lefcadito Álvares, Liane C.A. Alves, Leonor Amarante, Luciano Dias Pires Filho, Luís Fernando Emediato, Luiz Nassif, Maria Inês de Camargo, Mariângela Alves de Lima, Nicolielo, Renato Lombardi, Rubens Ewald Filho, Sérgio Vaz e Vital Battaglia (**São Paulo**).

ATO é uma publicação bimestral da Ato Editora e Publicidade Ltda., Av. Nazaré, 1.504, telefones: 215-8115/274-1932, CGC 46249439/0001-53, São Paulo, Capital. Redação, publicidade e correspondência, Praça João Pessoa, 38, 2.º andar, Mogi das Cruzes, telefone: 469-0502, SP. Registrada na Divisão de Censura do DPF sob número 2.305 - P. 209/73. ATO é distribuída gratuitamente por mala direta e também vendida em banca. Circulação: Mogi das Cruzes e região. Tiragem desta edição: 15 mil exemplares. Composição: Takano Artes Gráficas Ltda. Fotolito e Impressão: Ato Editora e Publicidade Ltda.

Brazil First Class



Em terra, atendimento preferencial com franquia maior e veículos exclusivos para o transporte até o avião. No ar, o conforto e o requinte a que você está acostumado: localização privilegiada com poltronas especiais, serviço de bar com bebidas importadas e um buffet de bordo com cozinha internacional. Conheça outros detalhes que fazem da 1.ª classe, uma classe muito especial, solicitando um representante da Andari Turismo.



Voos Noturnos com 30% de desconto.

TRANS  **BRASIL**
Brasil é com a gente.

Passagens, Turismo,
Cargas e Encomendas
ANDARI

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 790 - Fones: 469-1851/2866 - Mogi das Cruzes - SP.



Aquino: terno e gravata entre o escritório e o Fórum da cidade



Carlos e Shigeo: dois pioneiros mo

O reino das motos

As motos já dominam o cenário urbano e têm cada vez mais adeptos. Ganham dos carros nos preços, na economia de combustível e na agilidade.

As imagens de um valente Marlon Brando, acompanhado por um bando de motociclistas enfiados em blusões de couro preto, óculos escuros e fazendo um barulho infernal com suas máquinas ao invadir uma pequena cidade do interior, na década de 50, no filme "O Selvagem", ainda podem ser vistas nas constantes reprises de televisão, mas, nas ruas, o perfil do motociclista brasileiro – que sempre pode ser considerado um "santo" perto dos "Hell's Angels" dos Estados Unidos – mudou.

Agora, justificando um aumento de produção de 5 mil motos em 75 para 218 mil no ano passado, enquanto a indústria automobilística reduziria o número de carros de 882 mil, em 75, para 750 mil, em 82, o que se vê é uma convivência harmoniosa entre respeitáveis executivos vestidos com bem talhados ternos utilizando suas motocicletas para ir ao trabalho e jovens com roupas coloridas, dedicando o tempo livre e a facilidade do veículo aos passeios e à infalível paquera.

Em Mogi das Cruzes, a situação não é diferente. Com cerca de 2.300 motocicletas circulando por suas estreitas e mal-conservadas vias, a cidade não se surpreende mais quando observa um médico, um advogado ou mesmo um conhecido político sobre duas rodas. "A moto é o veículo de hoje e do

futuro também. Não há por que estranhar quem está sobre ela. Temos de pensar é na economia de combustível, de tempo e nas belas sensações que este veículo nos pode fornecer. A moto é completa em todos os sentidos", explica o advogado Francisco Nunes de Aquino, 28 anos, que usa sua Honda XL-250 não só para cumprir compromissos profissionais como também para fazer seu *trail* com amigos em trilhas inexploradas da Serra do Mar, durante os finais de semana.

Nos países mais desenvolvidos, as estatísticas demonstram que para cada 20 pessoas existe uma motocicleta. No Brasil, ainda estamos com uma moto para um grupo de 300 pessoas, e estes números provam como o mercado ainda está em expansão. Oswaldo Nagao, proprietário da Cotac, concessionária Honda, concorda plenamente com esta expectativa e por isso mesmo mantém três lojas na cidade e outras em Suzano e nos bairros de São Miguel e Penha, vendendo desde o mais comercial modelo desta fábrica, a CG-125, já denominada o "fusquinha das motos", até a sofisticada e cara CB-II, uma moto de 400 cilindradas: "O mercado realmente é excelente. Para se ter uma idéia disto é só saber que as concessionárias Honda da Grande São Paulo venderam, só em março passado, 3.500 motocicletas".

Nagao, um campeão de vendas da Honda e ele próprio um motociclista que por acreditar muito no veículo e em suas vantagens não vacilou em implantar uma frota de motos para serviços externos de suas lojas, não se preocupa só com as vendas e diz que até o final deste ano já estará agilizando um motoescola, ligada diretamente ao Centro de Pilotagem da Honda (veja quadro), "buscando maior assistência aos motociclistas mogianos que estão surgindo dia a dia".



No supermercado, produto comum



bs das duas rodas



Nagao: um campeão nacional de vendas das motocicletas Honda

Se o número de motocicletas aumenta naturalmente, as concessionárias não perdem tempo nem espaços para colocar seu produto, procurando demonstrar que o veículo não é exclusivo da juventude, mas é, antes de tudo, um meio de locomoção prático, rápido, econômico, composto por características do mundo moderno. Pensando assim, a Ito Moto Ltda., representante Yamaha em Mogi, montou um pequeno estande junto à porta principal do Supermercado Irmãos Marchi, onde exibe uma agressiva RD-Z de 125 cilindradas e mostra as vantagens de um consórcio para vários modelos daquela fábrica. Ninguém assusta ao ver motocicletas sendo vendidas ao lado de latarias, produtos de limpeza ou verduras e não há prova melhor de que as motos já estão incorporadas ao modo de vida do brasileiro em geral. "Motocicleta - diz Carlos Ito, um ex-estudante de engenharia de 24 anos que deixou a faculdade para tocar a concessionária que seu pai, Shigeo, um dos pioneiros revendedores de motos em Mogi, fundou na década de 60 - atualmente já é uma necessidade. Quem é que não precisa de um veículo rápido e econômico?"

Além de cuidar da concessionária, Carlos é o presidente do Moto Clube de Mogi das Cruzes (veja quadro) e como motociclista aponta uma série de dificuldades que a cidade oferece para os usuários das duas rodas: "As ruas de Mogi e seu trânsito são precários até mesmo para os pedestres. Para que se pudesse afirmar que a cidade tem boas condições de circulação de motos seriam necessárias algumas mudanças profundas, como uma descentralização e cuidados com a criação de estacionamentos específicos, por exemplo. Estes triângulos pintados em algumas esquinas não são adequados e oferecem perigo para as motos que são estacionadas neles".

O péssimo estado de conservação das ruas

mogianas é um dos pontos mais lembrados pelos motociclistas da cidade, até mesmo por aqueles que atualmente estão sem moto, como o promotor público e professor da Faculdade de Direito da UMC, motociclista desde os 16 anos, José Eduardo Arouche de



Geraldo: algumas inimizadas



Issamu: motoqueiro assumido

Toledo, que vendeu sua CB-400 "porque surgiu um ótimo negócio". Toledo quer comprar outra moto, "mas não de imediato nem tão possante, pois em Mogi não é necessário, e é mesmo uma judiação, devido às ruas tão mal-conservadas". O motociclista mogiano não tem um perfil homogêneo e que possa ser retratado em poucas palavras, como faz Geraldo Yoshizawa - o primeiro revendedor Honda da cidade -, ao lembrar quem eram seus clientes no final da década de 60, em sua loja na rua Paulo Frontin, no mesmo local onde está instalada hoje a igualmente sua BBC Vanguarda: "Naquela época, o mercado não era bom. Eu vendia bicicletas e depois passamos a vender as motos de 50, 65 cilindradas, além da 125 de dois cilindros e até a 450, todas da Honda e todas importadas, só montadas aqui. Quem tinha moto e quem se apaixonava pelas duas rodas naquele tempo



No campus, espaço próprio



Freitas: dificuldades com mulheres

era só a juventude, a garotada mesmo, e eu desconfio que cheguei até mesmo a criar alguma inimizade com os pais daqueles meninos", conta Geraldo, até hoje um motociclista inveterado e que não perde a oportunidade de passear com a sua CB-400 ou apreciar as brincadeiras dos filhos, no sítio de Guaramema, com uma pequena Panther, uma moto dobrável.

Os motociclistas mogianos, que nos finais de semana invadem a avenida Narciso Yague



Valéria: a moto é grande liberdade

Guimarães, nas proximidades do campus da Universidade, onde muitos rachas e muitos tombos já aconteceram, circulam pelos bares da moda ou estacionam suas máquinas nas destruídas calçadas da praça Bom Jesus para uma paquera mais direta no Chalé, dividem-se em vários grupos, unidos por laços de amizade, por identidade de profissão e mesmo por marcas e tipos de motos, fato que ocorre em todas as outras cidades brasileiras.

Mas há também aqueles que mal têm tempo de cumprir seus compromissos profissionais e que por isso mesmo acabam comprando uma moto, como Issamu Mitsueda. Assistente contábil de uma empresa, professor de fotografia na UMC e fotógrafo profissional, Issamu, 31 anos, tem na Yamaha DT-180 seu único veículo. "Eu sou um motociclista assumido. Faça sol ou chuva estou de moto e tenho certeza de que terei este veículo para o resto da vida. Antes, eu apreciava moto devido ao fator economia, mas agora só penso em motocicleta devido à versatilidade e rapidez que ela me proporciona." Apesar de os donos de moto-escolas, como Divaldo de Freitas, proprietário da Auto Escola Avenida, onde a média de cartas de habilitação para veí-

Culpa do piloto

A motocicleta é segura e em 90% dos acidentes que envolvem este veículo o culpado é o piloto. Foi por isso e para fornecer informações corretas sobre como utilizar, cuidar e conservar as motos e as vidas de seus condutores que a Honda Motor do Brasil resolveu criar, há quatro anos, o seu Centro de Pilotagem, atualmente com sedes em São Paulo e no Rio de Janeiro. "Sabemos que em 77,5% dos acidentes o piloto teve participação direta, dirigindo com falta de habilitação, imprudência ou imperícia. Nos 22,5% restantes, o motociclista também foi indiretamente o responsável, não observando cuidados necessários com a máquina, dirigindo com sono ou alcoolizado. Nossa intenção é alterar estes números e melhorar a formação dos condutores de moto", diz Wilson Yassuda, 32 anos, engenheiro mecânico e diretor-geral da Moto-Escola Honda de São Paulo.

Wilson concorda que os instrutores das inúmeras moto-escolas espalhadas pelo país não possuem, em sua grande maioria, as mínimas condições de fornecer aos alunos as noções de como pilotar bem uma motocicleta: "Tudo que existe por aí está muito ruim, e nossa intenção maior é melhorar o padrão de ensino". Organizado com um *know-how* japonês, "adaptado às condições brasileiras", o Centro de Pilotagem da Honda já formou mais de seis mil motociclistas e espera ampliar para 50 – hoje são 25 – o número de revendas Honda espalhadas pelo país que tenham sua própria moto-escola, com instrutores especialmente formados.

Por Cr\$ 15 mil de inscrição, Cr\$ 3.500 de aula teórica e mais Cr\$ 2.000 por aula prática,

preços que se igualam aos das auto-escolas particulares, os alunos da Moto-Escola Honda têm, além de 15 instrutores especializados, entre homens e mulheres, motocicletas de 125 e 400 cilindradas novas para seus treinos, efetuados na pista de 1.800m, construída para isso na rua Sena Madureira, no Ibirapuera, em São Paulo, e exames de habilitação especiais feitos por uma banca do Detran na própria escola. O curso tem início na sala de projeções, com os alunos – cerca de 250 por mês, "número muito pequeno perto do que se vende de motocicletas" – assistindo a um audiovisual "de conscientização, sem intenção promocional, que mostra o que acontece, em várias situações, com o motociclista brasileiro".

Durante todo o curso, cuja média é de 20 horas-aula para cada aluno, os futuros motociclistas vão aprender os fatores básicos para andar sobre duas rodas. "Há cinco coisas básicas para se andar de moto e que todos devem saber usar ou enfrentar: o equilíbrio, o freio, a inclinação, as alterações do tempo e os equipamentos", explica Wilson Yassuda, ressaltando que 90% das informações que o piloto recebe lhes chegam através da visão e somente 10% pela audição.

Com muita experiência em motocicletas, apesar de só ter subido em uma há 11 anos, escondido de seu chefe, logo depois que foi admitido no setor de Assistência Técnica da Honda, fábrica pela qual seria vice-campeão paulista na categoria 125 cc em 74 e 75, Wilson Yassuda explica que a segurança dos pilotos começa com a escolha de sua moto, "quando se deve levar em conta o porte físico, a experiência e a finalidade que se pretende dar à motocicleta". Depois, há uma série de fatores, tais como a manutenção e a



Yassuda, da Honda: segurança

inspeção mecânica diária da máquina, a utilização de capacetes corretos, "que devem ser leves e confortáveis, além de boa qualidade, já que não se pode esquecer de que 70% dos acidentes fatais são causados por ferimentos na cabeça", e as roupas adequadas, como as de couro, que protegem mais no caso de uma queda, assim como as botas e luvas.

Obedecendo a estes princípios básicos de segurança, e também à legislação em vigor, que Yassuda não considera ideal, "mas que melhorou bastante com a obrigatoriedade do capacete e imposições quanto às aulas de moto-escolas", a motocicleta deixa de ser aquele perigo que muitos imaginam para, em mãos hábeis e cuidadosas, tornar-se um veículo prático, econômico e libertador.



Leila: salva pelo capacete

culos de duas rodas é de 10 a 15 mensalmente, ainda terem motivos para afirmar que as mulheres encontram maiores dificuldades, "em termos gerais", para pilotar uma moto, elas já ultrapassaram qualquer preconceito e hoje circulam livremente pelas ruas, estradas, fazendo das motocicletas o veículo certo para as compras menores e mais rápidas, para ir ao trabalho ou à escola.

Valéria Aparecida Secomandi, 19 anos, estudante de Matemática, ganhou sua RX-125 há cinco meses. "Todos os meus irmãos tinham uma moto, e no final do ano passado acabei ganhando uma de meu pai, de Natal. Ela representa uma grande liberdade para mim. É com ela que vou à faculdade ou passear pela cidade", conta ela, que só não circula entre os grupos de motos e os lugares que todos freqüentam porque "o namorado não deixa" e não tem uma moto.

As mulheres já compõem boa parte do mercado de motocicletas, e nas revendas os funcionários habituaram-se a vê-las escolher charmosas peças nas boutiques que a moda/moto impõe. Muitas tiveram a primeira fase de sua vida de motociclista na garupa das motos dos namorados e depois compraram seus próprios veículos. Outras não passaram des-

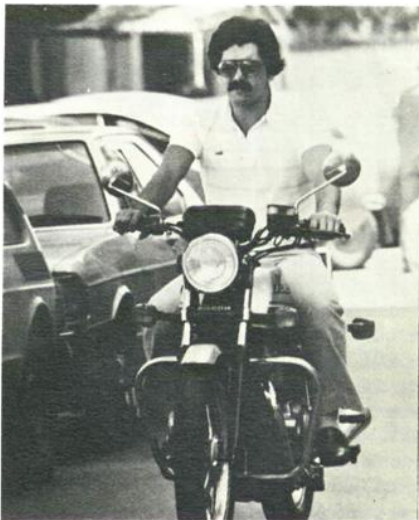
tas experiências e, como muitos homens, desistiram das motos após um tombo mais grave.

É o caso da advogada Leila Maria Ramalho Leal, atual secretária da seção mogiana da Ordem dos Advogados do Brasil. Ela sofreu um grave acidente, em 74, e nunca mais pensou em andar de moto, embora hoje acredite que poderia comprar uma, "para andar bem devagarinho".

"Era a Copa do Mundo de 74 e eu estava na garupa de uma Honda 500, a uns 120 quilômetros por hora, na estrada Bertiooga-Guarujá, quando, numa curva, a moto derrapou. Foi uma sensação incrível e posso afirmar com certeza que foi um tombo lindo, mais bonito do que aquele acidente no final do filme *Easy Rider*, conta ela, explicando que a beleza "estava na visão de um túnel, caminho para a morte, que tive nos segundos em que rolava pela pista".

Resultado do tombo, "provocado pelo excesso de velocidade": Leila permaneceu dois meses na cama, engessada, com a bacia e o cóccix quebrados, além de um profundo corte na testa, que mereceu cuidadosa plástica e que teria ocasionado sua morte, não fosse ela estar usando um bom capacete, que, mesmo assim, estourou com o forte impacto. "Eu voltaria a andar de moto, mas só passeando muito devagar, mas não penso em comprar uma, porque minha profissão me obriga a andar sempre de vestido ou saia, e o mais adequado é um carro mesmo."

Mesmo com toda a paixão que move o mundo dos motociclistas, fazendo-os conversar horas e horas sobre suas máquinas, venenos de motor, modelos a serem lançados, há exceções e alguns menos fanáticos pelas máquinas: geralmente são os donos de motos de maior cilindrada e que têm nas suas máquinas uma opção de lazer nos finais de semana, assim mesmo somente naqueles sábados ou domingos que o sol brilha e o céu está muito azul. Dois exemplos: o comerciante Nelson Crespo, 27 anos e dono de uma CB-400, e o empresário Ernani José de Paula, 26 anos, proprietário de uma bela e possante Honda



Crespo: nos dias de sol



Fito e Cristóforo: desde a infância

Não é fácil, mas escolha uma

Para escolher e comprar uma motocicleta é preciso decidir pensando-se em três fatores: a utilidade que se pretende dar à moto, a experiência do piloto e a disponibilidade financeira do comprador. Mesmo com um mercado relativamente novo e em franca expansão, as opções variam muito e pode-se escolher desde um ciclomotor **Torkita**, da Lambretta, em torno de Cr\$ 200 mil, até uma **Amazonas T-1600**, da AMB, ao preço de Cr\$ 3 milhões.

Com 11 marcas de veículos de duas rodas fornecendo 39 modelos zero quilômetro aos compradores, a escolha não é tão fácil, mas as concessionárias mogianas apontam com facilidade as mais vendidas: a grande campeã de vendas Honda é a **CG-125**, uma moto passeio que pode ser utilizada em pequenas viagens e que tem uma autonomia de cerca de 312 quilômetros, com um tanque de 9,5 litros. Ela custa Cr\$ 575 mil e pode ser adquirida também por um consórcio de 40 meses, em prestações de Cr\$ 16.537,00. A Honda também tem tido uma aceitação enorme com a sua única moto *trail*, a **KL-250**, máquina com suspensão traseira do tipo monochoque e que custa Cr\$ 1.036.200, com prestações de Cr\$ 28.957,00 no consórcio. Outro modelo muito vendido pela fábrica é a possante **CB-400**, que custa Cr\$ 1.537.800 na versão simples e Cr\$ 1.872.700 para as **CB-II**, que trazem duplo freio a disco, todas com consórcio em prestações de Cr\$ 44.212,00.

Na revenda da Yamaha em Mogi, os modelos mais vendidos atualmente são a **RD-Z**, uma moto de 125 cilindradas, veloz, leve e muito esportiva, com autonomia para cerca de 400 quilômetros, e a **DT-180 Super**, para um *trail* mais pesado, apresentando câmbio de seis marchas, suspensão traseira monochoque e uma média de consumo de 21 quilômetros por litro a 80 por hora. A RD-Z custa Cr\$ 812.800,00 e a DT-180 Super, Cr\$ 977.590,00, sendo que as prestações do consórcio para estas duas máquinas, em 50 meses, são de Cr\$ 17.294,00 e de 20.800,00, respectivamente.

Na concessionária Maremoto, a grande procura atualmente é pelo novo lançamento da FBM, a **Kapra 125**, que custa 700 mil; pela **Montesa 360** da Ibramoto, uma moto para *trail* pesado, que já atinge Cr\$ 1.400.000,00, e pela **Mobylette**, um ciclomotor da Caloi ainda muito solicitado. Custa Cr\$ 307 mil.



A moda das motos, sucesso tão grande como o das máquinas

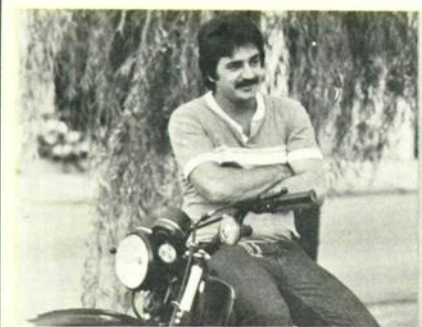
1.000 cilindradas importada e uma das únicas na cidade. "Não nego que a moto é um veículo muito prático e ágil, mas eu só uso nos dias de sol. Ela fica muito mais tempo parada. Quando o tempo está bom, uso para ir de minha casa até a loja, na Paulo Frontin, ou para fazer algum serviço nos bancos. Nos fins de semana é que passeio um pouco mais, e só. Não uso em dias ruins porque não gosto de sofrer", diz Néelson Crespo, que mesmo assim usa mais sua máquina do que Ernani José de Paula, que só tira sua moto da garagem em alguns fins de semana.

Eles são exemplos mais raros dentro desta mania motociclista que tomou conta do país, transformando-se em necessidade, em *hobby* e em esporte com lados de lazer e de trabalho. Motocicleta é um vício para a grande maioria. Rodolfo Abbondanza, o "Fito", e Rubens Celso Cristóforo, donos da Maremoto Comércio e Representações Ltda., concessionária de marcas como a Tork, FBM, Montesa, Caloi e Garelli, estão ligados às motos desde suas infâncias. Hoje, ambos com 36 anos, não escondem que a paixão ainda continua, embora os negócios tomem todo o tempo que poderiam ter para o lazer, para as viagens e passeios sobre duas rodas. "Estamos com a Maremoto desde novembro de 78 e sabemos que o público motociclista de Mogi é muito heterogêneo. O que dá para perceber e delinear bem são as preferências. Hoje, o público mais jovem prefere as motos *trail*, como a Montesa, e os profissionais liberais e os clientes de mais idade, as motos de passeio, de maior cilindrada", afirma Fito, motociclista desde os 13 anos, quando ganhou sua primeira Leonette.

Na concessionária Maremoto, um fenômeno que vem ocorrendo em todas as revendas de motocicletas também pode ser observado: o setor de roupas e equipamentos para o motociclista vem superando em vendas as peças e produtos imprescindíveis para o bom desempenho das máquinas. "É a moda do motociclista, que chegou com grande força. Nós vamos até mesmo ampliar o espaço da butique, porque a procura por camisetas, bonês, luvas, abrigos de náilon e das mais variadas peças é enorme, havendo muitos mesmo que deixam de dar assistência técnica às máquinas para andar na moda", diz Rubens Cristóforo.

É uma realidade. E os dois grandes nomes em termos de motocicletas no Brasil, Honda e Yamaha, não deixaram de perceber o grande negócio e hoje cuidam com muito carinho e criatividade de suas marcas *Honda Way* e *Yamaha Look*, colocando nas obrigatórias butiques de cada revenda desde meias e botas até gorros e luvas, passando por malhas, camisetas e mesmo chaveiros de várias cores, para uma combinação perfeita entre moto, piloto e acessórios.

Vanice Assaz



'Doni': preocupação com a imagem

Buscando sócios

Após algumas tentativas frustradas e idéias que não se concretizaram, Mogi das Cruzes finalmente já possui o seu Moto Clube, aprovado pela Federação Paulista de Motociclismo. Com sua sede provisória funcionando nas instalações da concessionária Yamaha, no bairro do Mogilar, o Moto Clube, "que é uma sociedade civil sem fins lucrativos", como esclarece seu vice-presidente, Francisco Donizeti Bittencourt, o "Doni", motociclista de 28 anos, tem como finalidades principais promover o bem-estar e a boa imagem dos motociclistas e propiciar maior união entre eles.

"O Moto Clube de Mogi das Cruzes", conta Doni, "foi fundado em setembro do ano passado, com 23 associados. Atualmente estamos cuidando da parte burocrática, registrando o clube em cartório, cuidando da documentação exigida para começarmos nossas atividades."

No Moto Clube de Mogi das Cruzes as inscrições são livres e os donos de qualquer marca de motocicleta podem associar-se, mas a cidade também já oferece uma opção exclusiva aos proprietários de motos Honda: é o Clube Honda, lançado em âmbito nacional no início do ano pela própria fábrica, objetivando "alargar o espaço já conquistado pela dupla moto/piloto nas cidades e aproximar cada vez mais o fabricante de quem possui motocicleta", como afirma o editorial da "Revista Clube Honda".

Os mogianos interessados em integrar o Clube Honda já podem inscrever-se na concessionária Cotac, onde Oswaldo Nagao é um dos maiores incentivadores do clube. "Acredito que os proprietários de motos Honda ganharão muito sendo sócios. Nós vamos fazer convênios com farmácias, hotéis, restaurantes, visando a abatimentos para os associados, assim como faremos descontos em produtos e serviços, além de formar miniassociações que divulgarão e incentivarão técnicas de pilotagem e segurança", diz ele.

Há algo de novo entre o céu e a terra.



H
Clube Honda
O Clube
de quem tem
Honda.

Agora você vai rodar 83.
A linha CB 400 coloca algo
de novo sobre o asfalto:
as novas rodas em liga
especial, mais leves, com

novos freios, desenhados
para proporcionar melhor
refrigeração e freadas mais
precisas.
Rode o mundo de CB 400

e aumente a dose
de emoção em sua vida.
HONDA
Que diferença.

Linha 83.
CB 400
A máquina da Honda.

rodizada na Zona Franca de Manaus.

 Pilote sempre equipado.

COTAC
MOGI DAS CRUZES S.P.

E aqui na Terra, além do espetáculo acima, a Cotac tem outros modelos – e planos sensacionais – para a CG-125, ML-125, Turuna-125, XL-250 R e a fantástica CB-400 II. Cotac: rua Cândido Vieira, 401 (469-8745), rua Flaviano de Mello, 758 (468-1513) e avenida Francisco F. Lopes, 700 (469-7333).



Depois de colecionar durante mais de dois anos valiosíssimas e belas peças orientais, **Helena Chermann**, pode, desde o dia 21 de abril, colocá-las em lugares especiais, à vista de seus amigos e convidados mais íntimos. Naquele dia os Chermann inauguravam sua nova casa, na rua Agostinho Caporalli, no aristocrático bairro da Vila Oliveira, construção assinada pelo arquiteto Eduardo Eugênio Andrade Figueiredo, um ex-aluno das Faculdades Braz Cubas, que tem no projeto e na decoração, totalmente feita por Helena, o alvo dos maiores elogios na cidade. "As casas que morei em Mogi não permitiam, por seus estilos, que eu as decorasse com as peças orientais que sempre gostei e que venho colecionando, comprando aqui no Brasil e no Exterior", diz Helena, que não dei-

xou nem mesmo de exigir um nicho muito especial no **hall** de entrada da mansão, para uma deslumbrante Deusa da Felicidade, e de arrematar uma sofisticada porta de laca sangue de boi com as iniciais douradas de seu marido Maurício Chermann.



Depois de obter a aprovação dos dois clubes já existentes na cidade – o Centro, desde 1949, e o Oeste, desde 1967 –, foi fundado no último dia 11 de maio o **Rotary Club de Mogi das Cruzes-Norte**, que chega para dividir com seus precursores "um território de muito trabalho", segundo José Arouche de Toledo, rotariano há 33 anos, encarregado de representar o governador do Distrito 461 do Rotary Internacional no ato da fundação. Integrado por 28 profissionais de vários setores da comunidade, o Rotary Norte, que tem como padrinho o clube fundado em 49, será presidido, até junho do ano que vem, pelo engenheiro Edgar Sueloto, tendo como vice o advogado Valdir Rodrigues Ferreira.

Oferecer todos os serviços ligados aos microcomputadores. Foi esta a intenção de Carlos Barbieri Neto, 33 anos, professor de Processamento de Dados e Programação de Computadores nas Faculdades Braz Cubas, ao abrir, há dois meses, a **Runners House**, uma firma que mantém cursos de programação, vende e dá completo suporte técnico aos microcomputadores de seus clientes. Aproveitando a parte térrea de sua residência na rua Princesa Isabel de Bragança, Barbieri dá seus cursos – abertos a qualquer pessoa, independentemente de sua idade ou profissão, "tanto que tenho, numa mesma turma, gerentes industriais, químicos, engenheiros e um garoto de 12 anos" –, desenvolve projetos para ampliar as possibilidades dos computadores e cuida das vendas dos micro da Prológica, além da representação que faz da Polymax, Microdigital e Dismac.





D ar continuidade ao trabalho iniciado na gestão passada, com "atenção especial ao trinômio lazer, social e esporte" será o lema da nova diretoria do Clube de Campo de Mogi das Cruzes, comandada pelo presidente *José Brasilio de Azevedo Marques*, e seu vice, *Alfredo Campolino do Santos Filho*. Numa eleição mar-

cada pela tranqüilidade – ao contrário daquela ocorrida em 81, quando grupos políticos da cidade lutaram pela direção do requintado clube –, conjugando no Conselho Diretivo "todas as tendências existentes e por isso formando pacificamente a chapa, sem oposição", a nova diretoria ficará no cargo até maio de 1985.



D e nada adiantaram as insistentes visitas ao Ministério da Justiça, em Brasília: a música "A Periquita da Vizinha" não pôde ser liberada pela Censura para fazer parte do LP "Os Malucos", da dupla sertaneja **Celito e Beno Silva**, 40 e 46 anos, lançado há algumas semanas pela gravadora Itaipu. A composição é garantia de aplausos e risos nas divertidas apresentações da dupla em festas e *shows* de violeiros em todo o Interior paulista, onde eles se apresentam fazendo humorismo, repentes e mostrando outras músicas do primeiro disco, como "São Paulo, Mundo Cão", uma visão bem-humorada dos problemas da cidade grande, ou "Ribeirão", apresentada no Festival da Música Sertaneja da Secretaria da Cultura, no ano passado, em Mogi.

Aliás, foi cantando com seu antigo parceiro, Zé Gonçalves, que o tarimbado Beno Silva venceu esse e outros festivais, como o da TV Record, onde os dois concorreram com mais de 400 duplas de todo o país. Por problemas pessoais, esta bem-sucedida parceria foi desfeita, e Beno acabou encontrando o novo companheiro no tradicional Café dos Artistas, em São Paulo.

Celito, depois de várias experiências, estava cantando em casas noturnas paulistanas. Daí para o disco, foram só alguns meses, após a estréia, ao lado de Sérgio Reis, no Náutico, durante a campanha do pedessista Francisco Ribeiro Nogueira a prefeito.

F oi da vontade de fazer algo novo e da necessidade de preencher o tempo que os filhos já crescidos lhe ofereciam que **Leda Cecília Sica Borenstein**, 38 anos, criou a Espaço Novo, uma variada galeria de arte que oferece aos mogianos a opção de adquirir desde gravuras de Manezinha Araújo, Eduardo Lima até telas de Navarro e Cláudio Tozzi, por sinal primo da nova **marchande**. "Uma boutique enfrentaria muita concorrência e não me daria tanto prazer. Com os quadros vou aprendendo muito, conhecendo gente maravilhosa, sentindo prazer em mostrá-los e vendê-los", conta Leda, uma dona-de-casa que, das 14 horas em diante, horário em que abre as portas do amplo ex-salão de festas de sua residência no Jardim Santista, se transforma. A iniciativa de Leda recebeu todo o apoio do marido, o banqueiro Marcos Borenstein, e das "amigas, principalmente daquelas que trabalham fora e sabem da necessidade de termos uma atividade própria. Por isso a galeria me é tão cara e seu nome, Espaço Novo, significa tanto para mim".



Sérgio Meloni: ligado à empresa pelo amor do pai

EMPRESAS

A Caric faz 30 anos

A empresa que vendia carros importados é hoje uma das maiores revendedoras de caminhões em todo o país

Já vão longe os tempos em que suas vitrinas na avenida Voluntário Pinheiro Franco, cartão postal da cidade, apresentavam com exclusividade carros requintados como os Chrysler, Fargo, Plymouth, Dodges e mesmo o na época importado Volkswagen. Em junho, quando estiver completando 30 anos, a Caric – Companhia Americana de Representações Importação e Comércio –, fundada pelas famílias Helal e Straube, mas desde janeiro de 54 nas mãos dos Meloni, não terá automóveis importados em seu grande salão para mostrar aos clientes mais íntimos durante o coquetel que marcará a

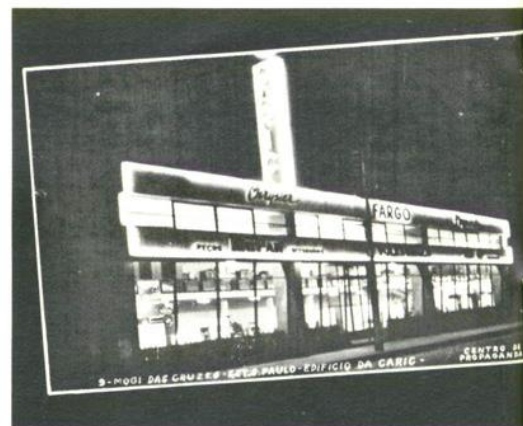
data, mas, com certeza, poderá vangloriar-se de possuir um dos nomes mais conhecidos em todo o país em termos de revenda Mercedes-Benz.

Quando José Meloni, falecido em 71, comprou, por Cr\$ 12 mil, a firma, juntamente com o grupo Urbano, estava começando a criar o nome Caric e a denominação que funcionários antigos da casa, como Ezelino Xavier Franco, 54 anos e 30 de firma, confirmam: “José Meloni era homem que podia, devido aos bons tempos, vender fiado, suavizar ao máximo as prestações, enfim, fazer a vontade do freguês”.

A Caric foi uma das primeiras concessionárias da Mercedes-Benz no Brasil e a terceira da Volks, logo que este fabricante começou a se instalar no Brasil. Na década de 50, em Mogi, além da Caric só existiam a Hilário Vilar, concessionária Ford, e a da General Motors, cujos proprietários eram as famílias Abondanza e Sica. Suas vendas atingiam vários pontos do país e em 60 o nome da empresa ficou conhecido em todo o Norte e Nordeste, pois era da Caric que saíam os ônibus que iam servir Pernambuco, Bahia, Ceará e outros Estados.

Agora, instalada em uma área de 25 mil m² – 11 mil construídos, no bairro do Mogilar –, a Caric é uma revenda exclusiva da Mercedes-Benz. “Nós ficamos na avenida Pinheiro Franco até outubro de 1976, quando o atual prédio ficou pronto. Naquele local, onde depois se instalou por alguns anos a Prefeitura Municipal, tínhamos só 4 mil m² e a Caric precisava de instalações maiores”, diz Sérgio Meloni, 40 anos, presidente da companhia e herdeiro da Caric juntamente com seus irmãos José, Sônia e Sandra.

Segundo Sérgio, que afirma “ter sido o amor de meu pai o que mais me ligou a esta empresa”, a Caric não tem “nenhum grande plano para o futuro. Com seu nome muito conhecido, ela está estabilizada e, até mesmo, enfrentando e atravessando a crise atual de uma forma suave. Somos 11 vendedores Mercedes-Benz na Grande São Paulo, e a Caric,



A Caric, cartão postal dos anos 50

que tem uma filial na Vila Guilherme, está com seu mercado estável”.

Hoje, os grandes clientes da Caric são a Pássaro Marrom, a CMTC e a Transportadora Júlio Simões, compradoras de caminhões que custam Cr\$ 21 milhões e de ônibus que atingem Cr\$ 26 milhões, que mantêm uma mesma característica dos fregueses da década de 50 e 60, como Jean D’Ornoff, proprietário de um grande curtume na cidade e comprador de carros como Cadillac, Lincoln e Plymouth, ou de Ferdinando Jungers, que também adquiria na Caric carros importados: “Desde aquela época, quando os carros vinham rodando até Mogi e que se podia emprestar o carro para que o freguês o experimentasse e testasse durante alguns dias, os clientes são iguais – querem qualidade e reclamam do preço”, diz Sérgio bem-humorado.



Pioneira, a empresa vendeu os primeiros fuscas e peruas Kombi

V.A.

Desde que ganhou as eleições de novembro e começou a governar, em fevereiro, o PMDB não conseguiu fazer nada além de discutir – e gerir – crises internas. Agora, no início de julho, quando o partido escolher os novos ocupantes do diretório, é possível que a disputa interna reflua em intensidade – ou, ao contrário, vire oposição sistemática.

A briga envolvendo todos os peemedebistas já teve lances dramáticos, pitorescos, alguns irônicos e outros quixotescos. E, mais importante, até agora ela é desconhecida da opinião pública. Os problemas começaram com a demissão dos coordenadores mais importantes da Prefeitura, logo no início do governo. Caíram Rubens Magalhães e Aécio Yamada, companheiros de legenda na última eleição, mais o vice-prefeito Waltely Aquino.

O partido reagiu rapidamente e montou o seu tribunal para julgar o prefeito – primeiro passo para sua expulsão do partido. Machado foi acusado de compor-se com o PDS do ex-deputado Bezerra de Mello, quando criou as secretarias, enviando rascunhos do projeto primeiro ao PDS e só então ao PMDB, e de ainda expor ao ridículo seus companheiros de partido no episódio da demissão, já que todos os que tiveram suas cabeças cortadas pediram antes sua própria exoneração.

Um documento foi redigido ao final da primeira reunião que investigou as atitudes do prefeito, onde lhe são feitas duras críticas. O relatório usa a tática de confrontar o que Machado dizia antes da posse com a atitude que passou a adotar depois. Lembra, por exemplo, que durante a campanha afirmava que Ivan Nunes Siqueira, que deixara o PMDB, “jamais pisaria” em seu gabinete e “até assegurava nos momentos de maior emoção que meteria este indivíduo na cadeia”. Não é tudo, segundo o documento. “O ex-deputado Bezerra de Mello não lhe merecia melhor destino: seria executado por todos os anos em que não pagara o ISS pela UMC e sua cabeça iria rolar politicamente”.

AMIGO DO PREFEITO – Sempre segundo o documento do PMDB, Ivan Nunes Siqueira passou a ser “assíduo freqüentador do gabinete do prefeito”, enquanto Bezerra de Mello foi outro interlocutor bem freqüente. O relatório reproduz conversa que o então coordenador Rubens Magalhães teve com Machado logo que este, certa vez, recebeu Bezerra de Mello no gabinete. O chanceler da UMC lhe dissera que estaria politicamente afastado de Waldemar Costa Filho, além de convidar Machado para o cargo de reitor da UMC.

O ataque do partido afirma ainda que no dia 8 de março o prefeito confidenciara ao radialista Sílvio Sanzoni que dentro de 15 dias mandaria embora todo o seu primeiro escalão, pedindo-lhe que guardasse sigilo e esperasse para ver. No dia 24 – continua o relato –, Machado anunciava pela imprensa as demissões.



Machado: agora calmo



Jacob: sem agredir



Rubens: exigindo

Nesse primeiro relatório há dezenas de críticas ao prefeito, todas para mostrar sua infidelidade partidária. Cita-se, por exemplo, declarações de Bezerra de Mello na imprensa local, após a aprovação pela Câmara, com auxílio do PDS, do projeto de criação das secretarias, em que o ex-deputado diz: “Há laços muito profundos que me ligam a ele. É um homem culto, de visão, inteligente, de universidade, de maneira que nossos liames não são de agora. Eu sou amigo do Machado não é de hoje, porque é prefeito. É porque antes ele foi meu funcionário.

O diretório do partido não se esquece também de recordar as críticas e opiniões de Machado Teixeira em relação aos jornais, às rádios, veículos que ele considerava a “imprensa oficial do ex-prefeito”, deixando claro que depois da posse o prefeito se esqueceu das posições anteriores. Ainda de acordo com o relatório: “Machado Teixeira declarou a Durval Palomares, diretor da *Rádio Metropolitana*: “Eu sou um Waldemar envernizado”, além de dirigir ameaças aos companheiros de partido, segundo o documento. “Não creio que ninguém queira apertar o primeiro botão para desencadear uma guerra atômica”.

MÃO DO GATO - Nessa briga interna (são três os grupos: Jacob, Rubens e Machado) não faltam intrigas. Nem personagens. Afinal, todo o PMDB está mergulhado nela. Num primeiro momento todo o partido voltou-se contra o prefeito, inclusive o deputado Jacob Lopes, uma espécie de dono do partido em Mogi e o grande condutor da legenda na cidade. Lopes, no entanto, fez pressão, mas jamais fez afirmações contra o prefeito. Deu o tapa, mas escondeu a mão, mudando posições do prefeito, principalmente em São Paulo, onde mostrava a desenvoltura que os 100 mil votos de novembro lhe concederam. Na cidade também mostrava força – e muita, mas nunca se declarou em guerra. Esta só foi declarada formalmente pelo restante dos peemedebistas, os que não estão com o prefeito, muitos.

O vendaval ficou mais forte quando Machado Teixeira trouxe para as secretarias gente de fora. E só começou a acalmar quando todos perceberam que estavam perdendo. Aí o prefeito ficou mais forte – e ele, que abandonara durante algum tempo a postura autoritária da época das demissões, passou a dialogar alguns decibéis abaixo. O processo aparente de reconciliação teve início com jantar promovido pelo jornalista Tirreno Dasam-

biágio, onde compareceram o deputado Jacob Lopes, o prefeito Machado Teixeira, o tio do prefeito, Newton Straube, e Tuffi Anderi, apenas uma parte do partido. Rubens não.

MESA VIRADA - Depois disso seguiram-se inúmeras reuniões do partido, envolvendo desde os filiados com mandato até o pessoal do diretório. Foi uma ampla e imensa lavagem de roupa suja, onde todos falaram, queixaram-se, defenderam-se e exigiram. Menos o prefeito. Pediu-se a demissão dos secretários forasteiros, a recondução dos demitidos, ou parte deles, porque alguns já estão trabalhando com Montoro, e, enfim, a criação de um Conselho Político. Machado Teixeira, ao contrário de outras vezes, manteve uma surpreendente calma e ponderação. Ouviu a todos, fez uma espécie de *mea culpa*, mas não avançou nada além dessa demonstração de boa vontade. Seguiram-se outras reuniões, só que agora de apenas duas pessoas: Rubens Magalhães, o atual presidente do diretório, e Machado Teixeira. Nos bastidores dos dois lados a animosidade é grande, se bem que disfarçada. E Machado parece ter ganhado um aliado forte, o deputado Jacob Lopes, que ainda evita declarações ou envolvimento públicos. A retórica dos que o acompanham, porém, moderou-se bastante. Já não se diz que o prefeito de Mogi “estava sendo uma tragédia” – e até elogiam sua disposição para o diálogo. Do outro lado, porém, o ambiente continua tenso e com cheiro de gasolina. Ali se diz que Machado Teixeira está envolvido até a raiz dos cabelos com o esquema do ex-deputado cassado Leonel Júlio, o do “episódio das calcinhas”, através da firma de assessoria Savanna, contratada pela Prefeitura, não se suportando ainda a grande dose de narcisismo do prefeito. Este, diz que as negociações devem continuar; não se afasta uma equipe de assessores assim de uma hora para outra; nada tem a ver com Leonel Júlio, que também nada tem a ver com a Savanna. De concreto, Machado Teixeira quer que exista o Conselho Político proposto por Rubens e pelo diretório, mas exige que ele tenha sua representatividade tirada dos votos que cada um teve nas urnas. Assim, Machado ficaria com maioria. Mas o final da história – ou um ponto onde tudo ficara mais claro, só ocorrerá no início de julho, quando o novo diretório for escolhido. Aí a briga pode transformar-se em amizade partidária – ou virar a mesa de uma vez.

Caldeirão

EME



Professor Argeu: "Não posso nem olhar pra lá, senão ripam também o Joãozinho"

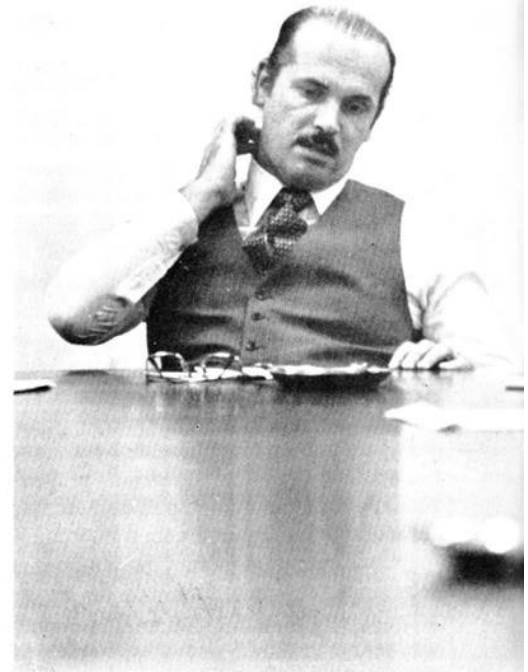
APOSENTADORIA DUPLA – Em dezembro último, o dr. Edison Consolmagno foi premiado (aliás justamente) por duas aposentadorias: a de delegado agrícola (35 anos de serviço público) e também da presidência do Diretório Municipal do PDS (iniciativa do vereador Luiz Alves Teixeira). Seus substitutos nos dois cargos são: dr. Shigetaka Ikeda, na delegacia agrícola, e Padre Melo, no comando do PDS local. Saravá!

CUCO EM JUNDIAPEBA – Pelo seu esforço e trabalho em prol dos municípios de Jundiapéba, o vereador José Cuco Pereira já está sendo conhecido como o novo Nito Sona, esbelto e "envernizado".

AGRICULTORES ESPERANDO – A mai-

oria dos agricultores de Jundiapéba, vítimas das últimas enchentes, ainda está aguardando as indenizações, dos prejuízos causados pelas chuvas prometidas pelo falecido vereador Tadao Sakai e também pelo ex-candidato a vereador Pedro Komura, em nome da Prefeitura. Com a palavra o dr. Pimenta.

BRUXA "NISSEI" ANDA SOLTA – Se já não bastasse a morte do vereador Tadao Sakai, o vereador Sethiro Namie, no dia do seu aniversário, foi internado às pressas na U. T. I. com problemas estomacais. O único "nissei" na Câmara ainda imune é o vereador Olímpio Tomiyama. Segundo o vereador e médico Chico Bezerra, o Olímpio está imune a qualquer tipo de doença, porque tomou "in-



MOGI E O BR-TRÓPICO

Machado: "enquanto as obras não saem, vamos fazendo o nosso trico"

jeção" de adubo orgânico.

LUIZ TEIXEIRA EUFÓRICO – E com razão. Apesar de no município o PDS estar por baixo, na área federal, em virtude das próximas eleições presidenciais, o delegado partidário em todos os níveis está sumamente valorizado. Comenta-se em Brasília que o "passe" do delegado com direito a voto está valendo aproximadamente Cr\$ 40 milhões.

CRITÉRIOS CIENTÍFICOS – Um conhecido porta-voz do prefeito Machado afirmou pela imprensa que as demissões ocorridas na Prefeitura não foram injustas nem arbitrarias. Obedecem, isto sim, a critérios científicos. Arbitrariedades – disse – ocorreram na última administração do Waldemar. Um vereador pedessista que não quis identificar-se, alegou: "Para demitir acredito que sim, quero ver se na admissão também o critério tem sido o mesmo".

"FOGO" NO SEMAE – No final do último mês, correu no Semae um boato de que conhecidos figurões da cidade e até ex-membros do primeiro escalão da última administração não estavam pagando a taxa de água e esgoto, isto é, estariam com ligações clandestinas devidamente "avalizadas" pelo governante de então. Em Manaus, onde o ex-prefeito foi localizado caçando onças e jacarés, inquirido a respeito, mandou o seguinte recado via Embratel: "Nem tomo conhecimento. Estou por fora de tudo e ninguém vai tirar-me do sério. Se descobrirem alguma "muamba", que denunciem pela im-



Zé Cardoso: a mordomia aprovada

prensa escrita, rádio ou televisão. Para mim, tudo isso é conversa mole pra boi dormir”.

VERBA APROVADA – Finalmente aprovaram a verba de representação do presidente da Câmara, em torno de Cr\$ 300 mil, aproximadamente, e o evento mereceu uma “bebe-moração” requintada no Restaurante Pinhal. Comenta-se à boca pequena que o vereador Miguel Sanches cantou “Malagueña”, o Chico Bezerra, “Asa Branca”, o Olímpio, “Kimi-gayô”, o Namie, “Sayonará”, o Luiz Beraldo, “Pai Herói” e o Bento, “Saudades do Matão”, tudo isso orquestrado ao piano pelo presidente José Cardoso Pereira. Se o ex-vereador Cortez estivesse lá, cantaria “Cuanta Lamêra”.

CALDEIRADAS

*Quem “futricou” o dr. Faustino, ex-diretor do Semae, caiu do cavalo. Ele tem todos os recibos quitados e portanto não deve nada a ninguém. Cuidado, “fofoqueiros”, porque o “Espanhol” está uma brasa.

*Uma pergunta para que o dr. Ivan responda:



Teixeira: valendo Cr\$ 40 “bi”

“Será que de repente todos os hidrômetros do Semae enguiçaram?”.

*Dois apelidos sugestivos: Ivan Nunes Siqueira (líder da Câmara e do PDS) é chamado de D. Quixote, e o líder do PMDB, de Sanchez Pança.

*Em absoluta primeira mão: se o prefeito da capital Mário Covas eleger-se governador na próxima, o nosso prefeito Machado será secretário de Estado e posteriormente vai disputar uma vaga para o Senado. Segundo dizem, esse acordo foi firmado por ambos à revelia, é claro, do deputado Jacob Cardoso Lopes.

*O prefeito de Salesópolis, dr. Massayuki Uono, é candidato a deputado estadual na próxima. Já cansou de ser prefeito de lá tantas vezes.

*Em Biritiba-Mirim, a descoberta de um “zoológico” clandestino pode dar até cassação para o vereador dono do mesmo. Dizem por lá que o autor da denúncia teria sido o ex-prefeito José Maria Siqueira.

*De Suzano vem a seguinte notícia: a recusa

do prefeito Firmino em aderir ao Codat não é por motivos financeiros coisa nenhuma. Dizem que é pressão de um deputado estadual da região, enciumado pelo fato de o Machado ser o pai da criança.

*Aquele vereador do PMDB “adora” ser chamado de Figueiredo Caria, pois seus eleitores podem achar que ele é primo do nosso presidente.

*Parece mentira pessoal. Infelizmente o vereador Bento Antônio de Oliveira nessa legislatura anda mais por baixo que sola de sapato. Uma pena, porque na outra administração estava em todas. Coisas da “gangorra” política.

*Só depois de assumir a presidência da Telefonia Rural é que o vereador Sethiro Namie percebeu o tamanho da canoa furada em que embarcou – e não foi por falta de avisar. Em todo caso, para quem é agricultor, um “pepino” a mais não faz diferença.

*E, finalmente, a última, bem de acordo com o slogan peemedebista: “É hora de mudar... também todos os hidrômetros da cidade”.



Caria: “primo” do João, é mole?



Bento: bem por baixo no momento



Santana: muda o hábito



França: cheques sem fundo



O comércio, queixando-se e temendo que a situação piore mais

CRISE

Alterando hábitos

A crise econômica está nas ruas, e as pessoas começaram a mudar seu padrão de vida, ficando no necessário

Com mais de 6 mil desempregados, Mogi das Cruzes atravessa o período da atual crise econômica com seus habitantes alterando hábitos e o próprio modo de vida para se ajustarem às dificuldades cada vez maiores de esticar o dinheiro até o final do mês. Comparados os 488, 384 e 770 títulos protestados em seu cartório nos meses de janeiro, fevereiro e março de 1982 aos 591, 365 e 614, do primeiro trimestre deste ano, Roberto Santana, 49 anos, oficial do 2.º Tabelação de Protestos de Mogi, chegou à conclusão de que, apesar das dificuldades, o povo continua consumindo da mesma forma. Mas com uma ressalva: a população teria aprendido a equilibrar seus orçamentos, adequando acertadamente os salários às suas reais necessidades. "O povo não está gastando à toa ou fazendo compras sem necessidade mas, sim, usando bem o seu crédito" – sugere Santana, para em seguida emendar: os títulos mais protestados em seu estabelecimento são justamente os carnês de compras a prazo, duplicatas mercantis e letras de câmbio de financiamentos. "A atual crise ainda não se compara à de 1964-1965" – conclui Santana, há 35 anos no setor.

Os cheques, no cartório de Santana, figuram no último lugar dessa extensa lista de diferentes títulos recebidos de vários pontos centrais da cidade e da zona rural, onde, segundo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, não há desemprego. Já no 1.º Cartório de Registro de Imóveis e Anexos, a história é outra. Com 40 de seus 67 anos vividos nesta atividade, o tabelião-interino Luiz França tem informações diferentes. Ali, os cheques protestados só perdem para as duplicatas por indicação. Os números, nesse caso, mostram sinais mais evidentes de crise, já que dos 1.164 títulos protestados durante o ano passado, o mês de janeiro contribuiria com 73, fevereiro com 62 e março também com 62. Em 83, a elevação no número de protestos chega a espantar o experiente Luiz França, que nos três primeiros meses do ano já registram, respectivamente, 160, 117 e 158 títulos.

SEM TÁXIS – Para França, "a crise reflete diretamente no comércio". Os indícios de preocupação dos comerciantes são claros: aumentou consideravelmente o número de consultas ao SPC, que, em todo o ano pas-

sado, recebeu 292.065 telefonemas e só no primeiro trimestre de 1983 já atendeu a 59.976 chamados. Há também considerável aumento no número de pessoas "negativadas", aquelas que deixam de ter crédito em virtude de não haver saldado os débitos dentro dos prazos.

Somente no último ano, essas pessoas aumentaram de 585 para 716, em janeiro; de 814 para 1.181, no mês de fevereiro; e de 1.546 para 1.792 em março, levando a crer que o número de 11.945 clientes negativados em 1982 será facilmente superado. No entanto, o que mais preocupa os comerciantes é a reabilitação dos clientes inadimplentes. Em relação ao ano passado, o mês de janeiro apresentou uma flácida melhora, de 423 para 518 clientes, repetida no mês de fevereiro, de 348 para 440. No mês de março, porém, a situação se inverteu por completo. Enquanto, há um ano, 555 clientes recuperavam o crédito, em 83 o número caiu para 438.

Geraldo Yoshizawa, vice-presidente da Associação Comercial de Mogi, tem explicações simples para o fenômeno. Para ele, as vendas do comércio mogiano caíram entre 20 e 30% de um ano para cá, resultado direto da adequação do consumidor ao mercado e à realidade nova que passa a viver, em função dos tempos difíceis. Tempos que, ele acredita, poderiam ser ainda mais duros, não fosse o índice de desemprego apresentado pelo município – na rua opinião, ainda suportáveis.

Enquanto as lojas de eletrodomésticos vivem dias aparentemente difíceis, os supermercados e as lojas de roupas e calçados não chegam a ser muito afetadas pelo período recessivo. No entanto, uma coisa é absolutamente verdadeira: seus clientes dificilmente usam táxis para chegar ou sair delas. Os motoristas mogianos sentem a crise mais de perto, já que a média diária de 40 corridas, mantida até o início do ano passado, caiu assustadoramente, chegando, com dificuldade, a 13 viagens por dia. Ainda assim para trajetos curtos. Mas eles esperam por dias melhores. O que já não acontece com Sylvio da Silva Pires, do Cartório do Distribuidor do Fórum de Mogi das Cruzes. Pelos números, ele teme que as 57 falências e duas concordatas verificadas no ano passado possam ser repetidas neste ano. Afinal, no primeiro trimestre de 82 ocorreram 16 falências, quando no mesmo período de 83 foram registradas 17. ●

COMUNICAÇÃO

Mais telefones

A cidade cresce e a CTBC instala novos terminais

Com mais de 200 mil habitantes e uma população flutuante calculada em 30 mil pessoas, Mogi das Cruzes possui apenas 19.742 telefones. Parece pouco, mas esse número era bem inferior, em 1975, quando a Companhia Telefônica Borda do Campo assumiu os serviços de comunicação do município. Encontrou, então, 3 mil aparelhos funcionando. Agora, oito anos depois, a empresa prepara-se para estender a rede telefônica, abrindo 3 mil novos terminais, através de um plano de expansão aberto em maio do ano passado. "Fizemos pesquisas, projetamos o crescimento da demanda e chegamos à conclusão de que seriam necessários novos terminais" – explica Dagoberto Jorge, assistente de vendas da CTBC, empresa que responde também pelo mesmo serviço em 17 cidades da Grande São Paulo.

Com a criação de 3 mil novos terminais – Mogi tem 13.200 instalados e 12.937 em serviço –, a CTBC deu um duro golpe no comércio de telefones, uma espécie de mercado paralelo em que as vendas alcançavam patamares altíssimos antes da abertura do plano de expansão, pois a oferta era pouca e a procura, várias vezes maior. Hoje, portanto, fica difícil vender-se um aparelho muita coisa acima do vendido pela CTBC, que oferece telefones residenciais a Cr\$ 311.080,00 e comerciais por Cr\$ 444.400,00. "O mercado só voltará à normalidade quando se esgotarem as vendas do plano" – diz resignado um dos grandes comerciantes do setor.

No momento, a CTBC tem instalados 197.222 terminais nos locais onde atua, com 290.374 telefones em operação. Segundo seu relatório de atividades de 1982, 95% da demanda foi atendida, ocorrendo a instalação de 11.930 novos terminais. Tal desempenho permitiu chegar a um lucro líquido de Cr\$ 8,2 bilhões, com suas ações apresentando durante o ano passado um ganho de Cr\$ 7,84 por unidade. Mais: enquanto a rotatividade da mão-de-obra se fixava no patamar de 17,8 pontos em 1978, em 82 ela despencou para excelentes 5,6 – o mesmo ocorrendo em relação à solicitação de concertos para cada grupo de 100 telefones: baixou de 9,5 em 1978 para 3,7 no ano passado. ●

***Antes de construir um
grande nome
foi preciso construir
um grande banco.***

auxiliar

Um grande banco não se faz da noite para o dia. Com tradição e experiência de mais de 50 anos, o Auxiliar é um dos principais bancos brasileiros. Empresa líder da Corporação Bonfiglioli, um dos maiores grupos de capital privado do país, o Auxiliar está presente no exterior e em todo o território nacional, participando ativamente nos setores básicos da economia: agricultura, pecuária, importação, exportação, teleinformática, construção civil e indústria. Auxiliar. É isso que faz um grande banco.



Sonho ruindo

A estrada está pronta, mas não tem quem tome conta

Foi um triste aniversário. Sem festas ou comemorações, a ligação rodoviária Mogi das Cruzes – Bertioiga completou o primeiro ano de sua inauguração relegada a um abandono que, além dos dois trechos diretamente vinculados ao governo estadual, já atinge também a área da Serra do Mar, sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes. Uma inexplicável situação para uma rodovia de 3.500 usuários diários, que chegam a 15 mil, ou até mais, durante os fins de semana prolongados ou grandes feriados e que, num curto espaço de tempo, desencadeou um crescimento de 350% no sempre esquecido distrito de Bertioiga, favorecendo, portanto, o comércio de Mogi das Cruzes, principal fonte para as compras dos 15 mil habitantes daquela localidade.

O verdadeiro boom proporcionado à Baixada pela Mogi – Bertioiga já provocou uma valorização média de 100% nos terrenos do distrito, responsável pelo aumento de 115% no total de impostos arrecadados, graças à supervalorização de determinadas áreas onde o Imposto Predial Territorial Urbano chegou a ser reajustado em até 150%. Esse inesperado crescimento, somado às preocupações com a possibilidade de se manter no cargo –



Bertioiga: o descuido pode ser fatal

através da sonhada autonomia que proporcionará eleições diretas para a Prefeitura de Santos – e ao crescimento do movimento pela autonomia político-administrativa de Bertioiga, já faz com que o prefeito Paulo Gomes Barbosa demonstre algum interesse com a situação do distrito, onde, apesar das promessas, os turistas ainda enfrentam problemas, que vão desde a falta de água potável até banheiros públicos e segurança, resultantes da total inexistência de infra-estrutura. Lá ainda não foram instaladas redes de esgotos ou água, e os seus 20 policiais civis e militares não dispõem sequer de viaturas para o patrulhamento de 42 quilômetros de praias.

Mas se o prefeito de Santos – que desde maio desse ano, se vem reunindo uma vez por mês com os moradores de Bertioiga, ao lado de seu secretariado, para solucionar as reivindicações dos habitantes – deixa claro o interesse pelo distrito, outro prefeito, Antônio Carlos Machado Teixeira, de Mogi das Cruzes, busca livrar-se a todo custo da responsabilidade pela conservação dos 17 quilômetros de serra da estrada, sob seus cuidados. Ele já entrou em entendimentos com setores do governo estadual para transferir ao DER a responsabilidade pela conservação daquele setor da rodovia, após receber um relatório elaborado por técnicos do Instituto de Pesquisas Tecnológicas, IPT, de São Paulo, que aponta a necessidade de elevados investimentos para a manutenção em bom estado daquele trecho da Mogi – Bertioiga. Algo inviável para as já abaladas finanças do município de Mogi das Cruzes, segundo Machado Teixeira.

Cena antiga

A cidade saiu às ruas para falar, cantar e escrever

Foi um dia diferente, em que a cidade se reencontrou na praça, as pessoas voltaram a se cumprimentar e conversar, despreocupadas, ao som de retretas e cantos de bandas e de músicos mogianos. Durante todo o dia 1.º de maio, durante a execução do Projeto Elias Bismarck – Colorindo a Cidade –, o secretário da Cultura da Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, Armando Sérgio da Silva, teve argumentos irrefutáveis para concluir, ao final das atividades, no amplo espaço entre os largos do Carmo e Bom Jesus, que “o povo está sedento de arte” e que, por isso mesmo, é fácil levar para as ruas os artistas mogianos para uma amostragem de um trabalho pouco conhecido da maioria das pessoas da cidade.

A bem-sucedida experiência, que reuniu, num só dia, de congadas, bandas de música, violeiros, cantores e compositores populares a lutadores de karatê, ginastas, atores, poetas, pintores e até ciclistas para um verdadeiro *happenning* em praça pública, já deu resultados e bons frutos: desde o início de junho, a começar pelo Jardim Universo, um espetáculo semelhante estará percorrendo os bairros da periferia da cidade, levando a cultura para as ruas e ao povo em geral. “Fazer arte para o povo é a única saída para uma arte menos comercial e mais popular. Ela tem de sair dos espaços fechados para as ruas, pois é aí que está a possibilidade de atingir o grande público, normalmente afastado dessas manifestações” – diz, seguro, Armando Sérgio.

Para Armando, a sede do povo em relação à arte é tanta que uma orquestra sinfônica, se levada para as ruas, lota a praça. O importante, hoje, para ele, é o primeiro grande passo dado, com sucesso, no Dia do Trabalho, numa justa homenagem ao artista circense, desempregado, Elias Bismarck, que morreu atropelado próximo à Praça da Sé, onde ele mostrava, diariamente, o seu trabalho para o povo. O trabalho de Armando e seus companheiros coloriu a cidade. Do jeito que Bismarck gostaria.

Darwin Valente



ROLAMENTOS

**OSCAR KLEIN
& CIA. LTDA.**

SKF - FAG TINKEN

CONEXÕES PARA AR E
HIDRÁULICO EM LATÃO

RETENTORES
ÓLEOS • GRAXAS
FERRAMENTAS
CORREIAS
RETENTORES SABÓ

consultas pelo telefone
469-0844

Av. Vol. Fernando Pinheiro
Franco, 308
Mogi das Cruzes - SP.



*Produtos Descartáveis
Artigos para Festas
Materiais e Produtos de Limpeza*

ATACADO E VAREJO

Preços especiais para bancos, indústrias,
escolas, restaurantes industriais, etc.

Pronta Entrega

Chame nosso representante

pelos fones

469-4702 ou 469-4126

Av. Francisco Rodrigues Filho, 149 - Mogi das Cruzes - SP.



POLÍTICA

Começa a corrida

O presidente declarou aberta a temporada da reeleição, e os candidatos aquecem o termômetro político

As sucessões presidenciais sempre começam mais cedo do que desejam os detentores do poder e mais tarde do que pretendem os aspirantes a ele. É natural, pois se estes querem decidir a questão o mais depressa possível, criando fatos consumados, aqueles gostariam de protelar ao máximo a hora em que sua autoridade começa a ser dividida. Frustram-se todos, na maior parte das vezes, demonstrando a experiência que as sucessões chegam e acontecem de modo natural, nem antes nem depois.

Outra situação não vivemos hoje, quando transcorre aquele invulgar período, tão a gosto do comediante. O antes já passou e o depois ainda não chegou, assistindo-se ao durante. O antes era aquela fase em que o general João Figueiredo tentou protelar ao máximo a largada sucessória. O depois, só às vésperas do 15 de janeiro de 1985. Até lá, um longo intervalo, em que a Nação assistirá, no máximo pelo vídeo das emissoras de televisão, ao desenvolvimento das candidaturas postas finalmente na rua.

Na primeira quinzena de maio, enfim, o general Figueiredo avançou definições sobre a sucessão, de que ele se arvora coordenador, e os candidatos, que seguindo suas recomendações se fingiam de mortos, puderam vir à tona. As definições não apenas precipitaram o processo sucessório como também lhes deram perspectivas distintas e conflitantes.

Mário Andreazza, Aureliano Chaves e Costa Cavalcanti, além do inefável e combatido Paulo Maluf, são os principais pretendentes ao Palácio do Planalto, mas outros existirão, capazes de ocupar espaços até outubro do ano que vem. Naquele mês se realizará a convenção nacional pedessista, mas bem antes é possível que se saiba estar vitoriosa ou malograda a missão de Figueiredo de encontrar um sucessor enquadrado no figurino que traçou, de administrador da crise, popular e portador do consenso nacional. Hélio Beltrão, Rubem Ludwig, Danilo Venturini e, no meio deles, aspirando à Vice-presidência, Marco Maciel, Antônio Carlos Magalhães, Ibrahim Abi-Ackel. E quem mais?

NAS CAPITAIS — Mário Andreazza conteve o quanto pôde o lançamento de seu nome por parlamentares e governadores do Nordeste, nos últimos meses, obviamente nunca fechando as portas e até estimulando seus adeptos a se manterem unidos. A partir de agora, verá com prazer a instalação de comi-

tês, mesmo cautelosamente não fazendo deles o seu carro-chefe de campanha, até segunda ordem centralizado na conquista do apoio de parlamentares federais, estaduais e governadores. Não descuidará das bancadas do PDS, sediadas em Brasília, que recebe todas as semanas na proporção que desejam, mas estará voltado também para as representações políticas nos Estados. Tem presente que a maioria dos convencionais do partido está nas capitais, não no Distrito Federal. E, como suas funções ministeriais exigem, desde 1979, presença constante em todas as regiões, bastará acoplar uma realidade à outra. Dispõe, também, de mecanismos suplementares: os governadores do Nordeste exercerão significativa influência no processo e estão com ele, como Jair Soares e Esperidião Amin, do Sul.

Não ficará por aí a ação do ministro do Interior, interessado em provocar estímulos diretos de fora para dentro em favor de seu nome, mesmo com cautela. Da sociedade para os políticos, também espera estímulos. Tem popularidade inequívoca, não passa uma semana sem visitar ou inaugurar obras em qualquer ponto do território nacional, quando dialoga diretamente com a população. Dentro do PDS, conta com o precioso apoio do senador José Sarney, presidente do partido, que, se não vai declarar de público a preferência, trabalhará o quanto puder por ela.

No governo, abstraindo-se o presidente não pela simpatia que dedica ao auxiliar, mas pela necessidade de se manter por enquanto isento, Andreazza parece reunir a boa vontade de Leitão de Abreu, Rubem Ludwig e Danilo Venturini, se amanhã não forem candidatos, como hoje parece que não são, e mais Octávio Medeiros, Delfim Netto, Murilo Macedo, Ibrahim Abi-Ackel e outros. Eles não estarão cometendo a ingenuidade de se inclinar pelo colega de Ministério, imaginando ficar onde estão depois de 1984, mas sem dúvida se sentirão mais satisfeitos e melhor acomodados imaginando-o como sucessor de Figueiredo.

Andreazza não está mais disposto a apurar se existem resistências a seu nome, partidas do general Ernesto Geisel. Imagina que não, mas não fará o jogo dos adversários, interessados em apresentar o veto do ex-presidente a ele. Não duvida contar com a antipatia do general Golbery do Couto e Silva, mas, num caso e no outro, coloca as coisas nas devidas proporções: será o PDS a decidir, sob a coor-

denação de Figueiredo.

Não procedem as alegações de que contaria com obstáculos no Alto Comando do Exército. Os chefes militares, além de não participar do processo, por decisão própria, sempre apreciam a imagem de quem se caracteriza pelo dinamismo otimista — como ainda esta semana confienciava um deles.

Até há pouco, Aureliano Chaves parecia quem mais se amoldava ao modelo exposto por Figueiredo, e não saiu do molde. Apenas assiste a candidatura de Andreazza avançar por fora, mas, como a reta final está longe, nem por milagre irá ensarilhar as armas. Continuará incrementando entendimentos com parlamentares. Seu centro de atuação é o Congresso, mas atua em outros espaços: esteve com empresários, em São Paulo, viajou ao Rio, para encontro com o General Ernesto Geisel, seu grande cabo eleitoral. Encontra receptividade cada vez que percorre os corredores da Câmara, sempre cercado e seguido por inúmeros deputados. Vai recuperar o tempo perdido com a doença, da qual já se recuperou plenamente, pretendendo a formação de núcleo denso e operoso.

Sua maior característica, a austeridade, não o coloca como seguidor obrigatório da atual política econômico-financeira. Pelo contrário, diverge no plano teórico e no plano pessoal, pois suas relações com Delfim Netto deixam a desejar tanto quanto suas fórmulas seriam diferentes. Por lealdade ao presidente Figueiredo, evita críticas e ponderações, mas na intimidade prega teses voltadas para maior aproveitamento do potencial do mercado interno e das possibilidades energéticas alternativas.

Em termos políticos, Aureliano Chaves desfruta bom ambiente no PDS e simpatias por parte da oposição, compondo popularidade parlamentar com consenso. Tancredo Neves não esconde que Minas se unirá em torno dele, caso suas chances se configurem.

Costa Cavalcanti, presidente da Eletrobrás e da Itaipu Binacional, jamais deixou de convidar grupos de parlamentares, de militares e de técnicos para visitar a hidrelétrica em construção. Soma pontos com as caravanas permanentes e com o seu passado político. Deputado estadual em uma e federal em duas legislaturas, sua origem militar — é general da reserva — não o impede de integrar a lista dos civis.

Hoje, encontra-se em posição inferior a Andreazza e a Aureliano, mas possui como bandeira o fato de haver integrado os últimos governos revolucionários — Costa e Silva, Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Figueiredo. Seria uma espécie de denominador comum dos diversos grupos, quem sabe a opção das preferências do general Golbery do Couto e Silva, que diz apoiar Maluf imaginando poderem anular-se mutuamente o ex-governador paulista e o ministro Mário

ATLANTA

Instrumentos Musicais



O lugar certo para se falar de música

Rua José Bonifácio, 256 - 469 9279 - Mogi das Cruzes - SP

C.M.

Faça da elegância
uma companhia constante.

Stylus
MAGAZINE

Moda Masculina
R. Braz Cubas, 150
Fone: 469-0722

Moda Infante Juvenil
Av. Vol. Fernando P. Franco, 180
Fone: 469-1082

C.M.

Andreazza. Outra característica de Costa Cavalcanti é seu trânsito amplo no meio empresarial.

PELA PRESIDÊNCIA – De Paulo Maluf não haverá que falar. Falou o general João Figueiredo, verberando jogadas individuais e ambições pessoais, que devem ser limitadas pelo interesse nacional. O ex-governador não será, jamais, o candidato que o presidente deseja coordenar. O açodamento com que se lançou na campanha, há um ano, contrariando diretrizes e recomendações, somado aos métodos peculiares que utiliza para aliciar adeptos acabaram por colocá-lo como o proscrito dos proscritos, mas nem por isso em condições de ser desconsiderado em sua obstinação. Joga com o sentimento de independência do PDS, entre outros trunfos mais objetivos junto a deputados e senadores. Continuará insistindo, e talvez venha a se constituir no motivo ou no pretexto de o general João Figueiredo, mais tarde, obrigar-se a abandonar as hipóteses ortodoxas e admitir a prorrogação (reeleição) de seu mandato. Estranhamente, porém, Maluf é entre os quatro citados aquele que não possui uma característica especial. Almeja a Presidência pela Presidência, sem ser desenvolvimentista, defensor da austeridade ou denominador comum de coisa nenhuma. Está na sucessão, sob este ângulo, como os cavaleiros de Granada pintados por Cervantes, que um dia saíram em louca cavalgada, brandindo a espada, mas para quê? Para nada. Assiste ao veto frontal de Figueiredo cair sobre ele como um raio, finge estar apenas limpando a poeira do paletó e prossegue, obstinado.

Dos outros nomes, que já foram ou poderão vir a constituir hipóteses, com uma exceção, não se deverá falar muito. Porque, mesmo tendo sido ou vindo mais tarde a ser cogitados, Leitão de Abreu, Rubem Ludwig e Danilo Venturini jamais abriram a guarda.

A exceção é Hélio Beltrão, em sua própria definição, um candidato no banco de reservas, pronto para entrar em campo se for necessário, convocado pelo técnico. Também é da intimidade e estimado pelo presidente, como o ministro do Interior, mas sua principal proposta, caso termine por emergir, não será propriamente a de continuador do modelo atual. Sem criticar o presente e o passado, por fidelidade, assume postura alternativa no campo econômico-financeiro. Será candidato opcional. Jair Soares deixou a Previdência Social e Beltrão assumiu para mudar quase tudo. Se porventura Delfim Netto sair, ou for saído, será o seu substituto, também para alterar posturas e figurinos. Em paralelo, e apesar de ocupar cumulativamente uma Pasta que o indis põe com o fisiologismo político, apresenta outra marca essencial: tem seu nome prestigiado nas oposições, ou seja, soma além das fronteiras oficiais. E sempre será bom não esquecer que por formação liberal não aceitou passar do Governo Costa e Silva para o governo Médici, como ministro do Planejamento, apesar de convidado com insistência. Finalmente, se tudo mudar – e radicalmente –, convém lembrar então os nomes de Leonel Brizola, Tancredo Neves, Ulysses Guimarães...

Carlos Chagas •

Novidades



O Brasil na era da eletrônica

O Brasil entra, definitivamente, na era da eletrônica, uma tendência em moda nos países industrializados e, com certeza, a nova mania nacional. Foi o que se viu na última UD, a Feira de Utilidades Domésticas, que agitou São Paulo há dias, e, principalmente, é o que se observa nas lojas que já oferecem as novidades.

A grande vedete da temporada é sem dúvida o equipamento de som a laser da Philips – o toca-discos e compact disc, um sistema digital incomparavelmente mais eficiente que os analógicos “convencionais”. As informações digitais são gravadas num pequeno disco de plástico transparente. O raio laser do toca-discos atravessa a camada protetora e focaliza diretamente as informações, sem sequer tocar o disco. Os aparelhos já devem estar à venda agora em junho, em Manaus, na faixa de Cr\$ 300 mil a Cr\$ 420 mil, enquanto os discos deverão custar o equivalente a dois LPs, embora possam ter 60 minutos de gravação numa única face.

Já incorporados ao dia-a-dia, os equipamentos de vídeo deixam de ser exatamente novidade, para entrar na fase da sofisticação e, mais importante, da nacionalização. Depois dos video-cassetes, lançados no ano passado, os fabricantes apresentam agora a parafernália de complementos.

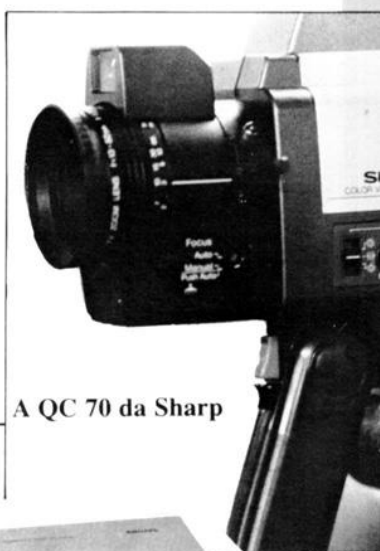
A Sharp, além de um videocassete novo (VC-9520 – faixa de Cr\$ 740 mil), oferece a pri-



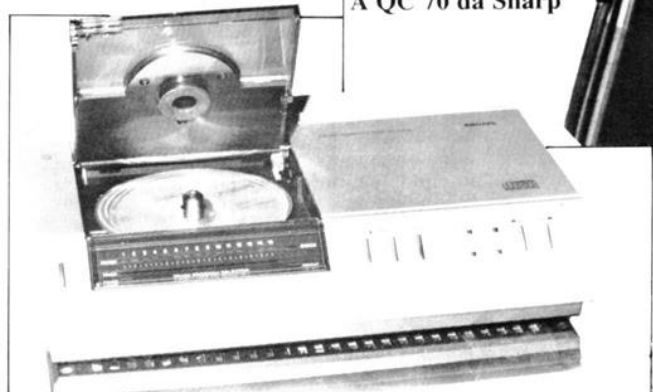
“Odyssey”, a cores

meira **câmera nacional** para esses aparelhos, a **QC-70** (preço médio de Cr\$ 740 mil), própria para os sistemas de cor PAL-M e NTSC usados nos televisores nacionais. E, para quem se cansa de apenas fazer contas em sua calculadora, a empresa recomenda a sua recente **WN-100** – uma calculadora que pesa apenas 75 gramas e que, além das funções normais, tem programas de jogos de dados, cara ou coroa e testes para medir reflexos físicos e mentais.

Nessa área de jogos, aliás, há uma verdadeira invasão do mercado, a começar pelo primeiro video-game nacional, o **Atari/Polivox**, da Gradiente (faixa de Cr\$ 120 mil). Até o final do ano, a empresa pretende produzir, em Manaus, também 28 programas diferentes de jogos (cada cartucho custará entre Cr\$ 14 mil e 20 mil). São aparelhos adaptáveis a qualquer televisor do sistema PAL-M. Concorrem nesse mercado, ainda, o novo Odyssey, que a Philips traz dos EUA (Cr\$ 150 mil), com a novidade de ter jogos a cores, e o **Dactari**, da Computerland, que pode usar os cartuchos do Atari (jogos do tipo “A Missão do Super-Homem é colocar os ladrões na cadeia e reconstruir a ponte destruída por Lex Luthor e sua gang e retornar ao Planeta Diário, imediatamente, como Clark Kent”).



A QC 70 da Sharp



Toca-discos a laser

Em casa

Poupar tempo da dona-de-casa que trabalha fora parece ser a maior preocupação dos fabricantes de eletrodomésticos. A Arno, por exemplo, já colocou nas lojas uma incrível panela que substitui o forno, o fogão, o gás e até a frigideira convencional. É o **Multichef** (Cr\$ 30 mil a 35 mil) uma “panela elétrica” com temperatura regulável e revestimento interno antiaderente que serve para cozinhar, assar, grelhar ou fritar qualquer tipo de alimento e preparar pratos simples ou sofisticados.

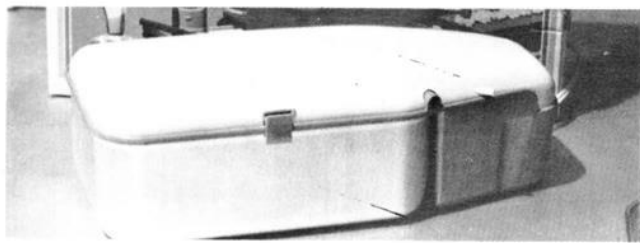


Multichef

A mesma Arno ensina ainda a dona-de-casa a fazer sunday e outros sorvetes cremosos com sua nova **sorveteira elétrica** (Cr\$ 13 mil a 15 mil) – um conjunto motor montado em plástico que aciona pás giratórias para misturar a massa constantemente, até ela adquirir consistência. Já para as noites de frio, a empresa lança um **aquecedor a quartzo** (Cr\$ 25 mil), uma novidade que impede a queima de oxigênio do ar e possui três resistências independentes, proporcionando três temperaturas diferentes.

A Braun também trabalha dois lançamentos: um aquecedor de cera doméstico para **depilação** (Cr\$ 10 mil a 14 mil) e uma simpática balança, a **Braum Exata** (Cr\$ 6 mil a 8 mil), que tem uma escala ajustável e pesa vários ingredientes sucessivamente e ao mesmo tempo.

O ferro elétrico a vapor, nacional, foi mostrado no ano passado, mas a Piacé apresenta agora um modelo prático, com tecnologia canadense. É leve, tem a metade do tamanho de um



A nova sorveteira



O cartucho de gás

ferro convencional – na verdade, a ponta e o cabo –, passa qualquer tipo de roupa e custa entre Cr\$ 9 mil e 10 mil.

Em 20 segundos, o **thermo tronic** da Icel faz, eletronicamente, o que um termômetro normal demora 4 minutos para executar: indicar a temperatura do corpo. Embora custe bem mais do que o tradicional (cerca de Cr\$ 13 mil), opera com dígitos luminosos, que permitem fácil leitura de sua escala, até mesmo no escuro. Funciona a bateria e, como qualquer termômetro, mede a temperatura axilar ou oral.

Ainda para casa, surgem aperfeiçoamentos nos sistemas de segurança. O Amelco desenvolveu o **porteiro eletrônico 2.000**, que serve de campainha, fala, escuta e ainda aciona a fechadura. O modelo maior (Cr\$ 40 mil) tem como vantagem um telefone móvel – permite atender o visitante de qualquer aposento da casa – ligado por plug às tomadas normais. O menor, com interfone fixo, sai por volta de Cr\$ 25 mil.

Já a Graber oferece como novidade um completo sistema de **alarme sem fio** operado por computador. Um pequeno sensor é colocado em cada porta ou janela, disparando uma sirena a qualquer movimento forçado de fora. Ao mesmo tempo, um terminal de computador instalado na casa aciona a central, na sede da Graber, em São Paulo, onde um funcionário localiza a



Depilador a cera

chamada na hora e telefona para a residência. Se o morador está em casa, e foi alarme falso, ele se identifica por meio de seu código específico. Caso contrário, o mesmo funcionário liga na hora para a polícia. O sistema, com até 20 sensores individuais, custa cerca de Cr\$ 1,2 milhão na instalação, mais uma taxa de manutenção mensal equivalente a 3 ORTN, e pode ser aplicado em qualquer ponto do país.

Fora de casa, as novidades também facilitam a vida. A Yanes tem nova linha de lâmpios e fogareiros que dispensam o botijão de gás, pois carregam seu próprio **“cartucho de gás”**, cada um com duração média de dez horas de uso. O lâmpio, com luminosidade superior a 100 watts, custa entre Cr\$ 4 mil e 5 mil, e o fogareiro, com acendimento eletrônico, perto de Cr\$ 3.500. Cada cartucho (196 gramas), Cr\$ 350,00.

E finalmente, para o fim de semana, a Evrec apresenta a primeira churrasqueira residencial com **espetos giratórios** (Cr\$ 120 mil). Além dos equipamentos que qualquer churrasqueira tem (caixa de tijolos, braseiro, coifa e chaminé), conta com um motor elétrico, que aciona uma roldana e, por meio de uma corrente, faz girar 11 espetos ao mesmo tempo. É só colocar a carne no espeto e voltar depois de algum tempo, para comer o churrasco.

Boas idéias

Nesta época do ano, as prateleiras de utilidades domésticas dos supermercados e magazines também costumam ficar cheias de novidades. Algumas são até interessantes pelo preço e pela boa idéia que apresentam, como o afiador de facas e o colocador de linha de costura da metalúrgica Misura. O **Afiamatik** (Cr\$ 3.500,00) tem um esmeril que gira acoplado a qualquer liquidificador caseiro e o **Coloca Linha** (Cr\$ 1.000,00) nada mais é do que uma caixinha com um abertura onde se põe a agulha, uma ranhura onde se deixa a linha e uma ponta fininha que, ao se movimentar, enfia a linha.

Para quem ainda não descobriu um jeito de não derramar o leite de saquinho, a DIM sugere seu **Tira-leite** (Cr\$ 1.500,00), um porta-saco de leite que ao ser fechado já fura a embalagem. E a Eutec propõe-se a proteger as mãos e unhas de quem lava louças e talheres com sua **Tec spon** (Cr\$ 750,00), uma embalagem fechada num dos lados com uma esponja do outro e lugar para detergente.

Uma brincadeira que a criança vai adorar é o **Happy** (Cr\$ 1.600,00), da Hingbras, um elefantinho que fornece automaticamente creme dental. Preso facilmente ao azulejo junto à pia do banheiro, basta enfiar a escova de dente na boca do elefante que a pasta (pressionada por um mecanismo interno) sai pela tromba.

Outro achado é o **Fura-fácil** (Cr\$ 300,00), da Burmat (quem já não brigou com a empregada, que abriu um rombo na lata de azeite estrangeiro?), que faz furos na medida exata!

Já para quem aprecia novidades exóticas, a Virasol oferece o **Smack** (Cr\$ 9.000,00) – um sistema de controle remoto para desligar aparelhos de TV, rádio, abajur, ventilador e que funciona apenas com um beijo. Isso mesmo. O Smack não tem botões, teclas, caixinhas, nada. O controle é adaptado ao aparelho que se quer desligar e tem um microfone embutido que capta exclusivamente a frequência do som de um beijo.

José Maria Santana



Estética

O fim das gorduras localizadas

Uma nova técnica difundida-se no Brasil, revolucionando a cirurgia plástica e prometendo acabar com a gordura localizada. Trata-se da lipoaspiração, e consiste na utilização de um aspirador médico que suga gorduras. Tem a vantagem de quase não deixar cicatriz e é considerado o maior passo da cirurgia plástica desde o aproveitamento do silicone nas mesas de operação.

Imagine um aspirador de pó. Agora pense num aparelho semelhante, com um tubo mil vezes mais fino, que em vez de eliminar a poeira aspire a gordura localizada e a celulite ligada a ela. É justamente esta a técnica revolucionária – descoberta há cerca de quatro anos pelo especialista francês Gérard Illouz –, que começa a ser adotada por cirurgiões plásticos brasileiros, depois de mostrar sua eficiência na Europa e nos Estados Unidos.

Na lipoaspiração, como se chama o método, tudo o que se precisa fazer é uma pequena incisão de meio centímetro ao lado da região onde se encontra a gordura localizada, introduzindo uma solução para dissolvê-la e o tubo cirúrgico para sugá-la. É o adeus aos famosos culotes, pneus, papadas e “bolsas” gordurosas na áreas das nádegas, axilas e costas, que resistem até aos mais rigorosos regimes alimentares.

Com a enorme vantagem, em relação à cirurgia plástica tradicional, de praticamente não deixar cicatriz, a lipoaspiração é capaz de dar fim a dois quilos de matéria em determinada área – e o aparelho pode ser aplicado, durante uma mesma cirurgia, em vários pontos do corpo.



Bruna: uma história de princesa e plebeu



Palco

A Globo reencontra o sucesso

Eo Brasil voltou a se encontrar às oito da noite (ou melhor às 20h30) com a novela *Louco Amor*. Um surpreendente e inesperado sucesso de audiência, quando todos os prognósticos pareciam indicar o contrário. A maior temerária era a própria Globo, que vem de três quase insucessos no horário — *Brilhante*, *Sétimo Sentido* e *Sol de Verão*. E, pela primeira vez se preocupando com a concorrência da TV-Bandeirantes, com o bombástico *Sabor de Mel*, que a obrigou a anteceder em duas semanas o lançamento da novela.

Havia também a dura suspeita de que o folhetim de Gilberto Braga, recheado pela sofisticação da zona Sul carioca, não contava uma história consistente. A própria emissora viu suas idéias sendo esvaziadas em *Água Viva*, quando necessitou contar com a co-autoria de Manoel Carlos. E, principalmente, pelos sucessivos (e descartados) plágios que formaram as tramas de *Brilhante*.

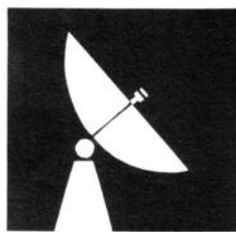
Talvez esteja na simplória proposta de Gilberto Braga o fator preponderante do sucesso. "Uma novela amena, sem nenhuma tentativa de renovação, de ser diferente. Apenas uma novela, onde não abro mão do principal elemento ligado à dramaturgia das novelas, o folhetim." E atrás dessas nuances folhetinescas, nítidas desde o primeiro capítulo, que se garantiu o interesse maior do público.

No leque de emoções encontra-se exposto tudo aquilo que o público gosta e que em novela se torna irresistível. O jovem pobre (Fábio Jr.) que quer subir na vida para alcançar o amor da jovem rica (Bruna Lombardi); o velho milionário (José Lewgoy) com passado obscuro, cuja herança é disputada; uma madrasta (Tereza Raquel) que tenta comandar o destino da enteada, o que faz com todos que vivem ao seu redor, inclusive a de seu jovem amante (Carlos Alberto Ricelli); relações misteriosas entre as pessoas, que os anos teimam em avivar a cada momento.

Uma novela marrom? Talvez. Mas, como já foi dito, em televisão o "kitsch" é uma arte para ser curtida. Não fosse assim, como seria possível fazer TV para os brasileiros de Norte a Sul? O triunfo da telenovela brasileira em parte é devido a essa tendência — uma orgia de sentimentalismo, que durante 20 anos conseguiu arrastar milhares de adeptos, sempre dispostos ao emocional.

ISMAEL FERNANDES

Radar



O santo comércio do Vaticano

Quem acredita que o Vaticano exporta apenas artigos eclesiásticos está enganado: entre os itens vendidos à Itália apenas nos primeiros dez meses do ano passado destacam-se produtos de alta tecnologia como maquinaria industrial (13,9 toneladas) e derivados químicos (33,7 toneladas), além de quatro toneladas de perfumes e objetos de plástico (61,7 toneladas), entre outros produtos.

A pauta de importações italianas do pequeno Estado pontifício — que tem apenas 400 residentes também é das mais diversificadas. No mesmo período, o Vaticano comprou na Itália, entre outros artigos, 7.234 pares de sapatos, 150 toneladas de espaguete, 22.100 litros de vinho, 181.900 de cerveja e 200.700 de licor.

Os dados sobre o comércio do Vaticano com a Itália — que inclui até mesmo um trator, no valor de 17,8 mil dólares (cerca de Cr\$ 7,6 milhões), comprado por uma congregação romana através da Santa Sé — foram divulgados pelo Instituto Italiano de Estatística, pois o Estado pontifício tem por norma não divulgar nenhum de seus balanços. Com uma área de apenas 44 hectares, o Vaticano não tem indústrias próprias e essas mercadorias são geralmente compradas a terceiros países.

Segundo os observadores, a "febre de consumo" registrada no Vaticano é compreensível, quando se leva em conta que cinco mil funcionários da Santa Sé que vivem em território italiano, assim como seus parentes mais próximos, podem comprar mercadorias livres de impostos no armazém Annona, situado

dentro dos muros do Estado pontifício.

Uma bomba alemã de 60 quilos, jogada durante a Segunda Guerra Mundial, foi encontrada recentemente no rio Tâmis, no centro de Londres, e durante cinco horas causou um dos maiores engarrafamentos que a cidade já sofreu. Passados quase 40 anos do fim da guerra, o número de bombas não detonadas, encontradas na Inglaterra, ainda atinge a média de 20 por ano.

⚡ Poucos sabem que a H. Stern é uma empresa totalmente brasileira. Quem transita, por exemplo, pela 5.ª Avenida de Nova York e passa diante da Stern nova-iorquina, tem a impressão que está defronte à matriz. Mas não. A H. Stern é uma organização integralmente nacional, comandada pessoalmente pelo sr. Hans Stern, um alemão naturalizado há 36 anos. Atualmente instalada em 13 países, com 80 pontos de vendas no Brasil e 17 lojas fixas nos principais transatlânticos, a H. Stern inaugurou a sua filial de Porto Alegre.

⚡ Manequins profissionais e mulheres exuberantes perderam espaço nos anúncios de roupas da Cori. A agência Talent, detentora da conta daquela indústria, entende que "a mulher apresentada na maioria dos comerciais de moda simplesmente não existe", e resolveu vestir profissionais de outras áreas para tornar mais autêntica a publicidade da Cori. Ana Maria (da Rádio Jovem Pan), Célia Pardi (diretora de redação da revista Capricho), a estilista Ruth Botelho e Cândida Arruda Botelho, presidente da Nova Mulher Clube de São Paulo, foram as escolhidas.

⚡ Fuji Photo Co. Ltda, anunciou recentemente o desenvolvimento de dois filmes fotográficos "revolucionários": O Fujicolor HR 100, com velocidade de 100 ASA e o Fujicolor HR 400, de 400 ASA. Segundo a Fujiphoto Film do Brasil, "graças ao descobrimento da 'técnica de emulsão HR' (high resolution) pelos cientistas da empresa estes filmes oferecerão reprodução mais viva das cores".

Carros



O Oggi, novo 3 volumes no mercado

Parece que o brasileiro definiu sua preferência por modelos de automóveis. Ele gosta de carros com traseira. E isso ficou definido com o grande sucesso de vendas do Voyage, da Volkswagen, e do Chevette, da General Motors (a linha mais vendida no primeiro trimestre deste ano), e mais: com o último lançamento da Fiat Automóveis, que lançou o modelo Oggi para disputar essa lucrativa fatia do mercado – de carro pequeno/médio com traseira, ou os chamados três volumes (veículos com compartimento de motor, passageiros e de bagagem).

Pensando nisso, toda a indústria automobilística vem trabalhando em novos projetos, e sempre visando à tendência mais rentável do mercado – tendência definida até agora pelo termômetro de vendas do próprio Voyage e do Chevette, que deu início a essa louca corrida.

O Oggi, carro que começou a ser vendido no último dia 9 de maio, vai entrar nessa briga para melhorar a posição da Fiat no mercado. O seu diretor comercial, Vincenzo Barelo, como não poderia deixar de ser, é um dos que mais acreditam nesse lançamento: será um carro "pouco" mais caro que o Chevette e "mais" barato que o Voyage, portanto com competitividade de preço.

E o carro tem tudo para agradar aos jovens consumidores de carros três volumes: tem linhas harmoniosas, desenho moderno, tendência nitidamente européia e uma bonita traseira, onde se resalta um amplo porta-malas –



O Oggi, grande novidade da Fiat

segundo a fábrica, com volume superior ao de todos os seus concorrentes, principalmente porque ele usa o pneu estepe junto ao motor, e não – como seus "adversários" – no compartimento de bagagem.

Mecanicamente, o Oggi traz duas boas inovações: a primeira é a adoção do dispositivo cut-off, que, de acordo com a fábrica, interrompe o fluxo de combustível na marcha lenta, nas desacelerações acima de 1.700 rpm, "proporcionando uma economia significativa no consumo". Essa economia, ainda segundo a Fiat, "é parcialmente visível, principalmente quando o carro é dirigido de maneira mais esportiva", ou seja, no seu limite de velocidade. A segunda inovação não é bem uma novidade – ela já é utilizada pelo Voyage e pelo Chevette –, mas traz resultados significativos, principalmente nos motores a álcool: é a válvula thermac. Ela otimiza a combustão, assegurando melhor aproveitamento da energia gerada pelo motor, o que "significa menor consumo de combustível, melhor dirigibilidade e partidas a frio mais fáceis".

Apesar de todo o sucesso dos carros com traseira e do seu grande êxito de vendas, essa tendência pode mudar. Pelo menos é o que afirmam especialistas, argumentando que existe grande expectativa de mercado em torno "de um lançamento da Ford do Brasil". Na verdade, eles se referem aos Escort, que a Ford se prepara para lançar no início do segundo semestre, que foge aos conceitos clássicos dos carros de três volumes.

Esses carros, eles garantem, "vão reativar novamente o conceito dos carros hatchback, com porta na tampa traseira, e, sem dúvida, vão tornar-se as grandes vedetes de vendas".

Um pequeno problema de freio movimentou toda a rede de concessionários da General Motors. Ela recolheu – e ainda está recolhendo – milhares de Chevettes modelos 82 e 83 (ao todo 83 mil veículos), para trocar os parafusos que fecham as pinças de freio. Como surgiu e como se detectou esse defeito a GM não quis dizer; sabe-se que eles se localizam nas pinças e estão sujeitos a um desgaste, que dá ao motorista a sensação de estar sem freios.

Nivaldo Notolli

Prepare-se para uma onda de séries especiais em junho. É que toda a vez que uma indústria percebe que seu estoque de produtos tende a aumentar, ela cria promoções de vendas. Com a indústria automobilística acontece o mesmo. E a promoção de vendas mais comum é a criação, de tempo em tempo, dos carros de série especial. A partir de junho, segundo comentários feitos no mercado, todas as fábricas lançarão novas séries especiais, "queimando" seus estoques de modelos 83 antes de começarem a fazer os lançamentos de 84.

A General Motors está em festa: a linha Chevette foi a mais vendida no primeiro trimestre deste ano, tornando o Chevette o carro mais vendido do Brasil. Segundo a fábrica,

foram colocados no mercado interno nesse primeiro trimestre nada menos do que 25.051 unidades – somente no mês de março a fábrica afirma ter vendido 9.086 modelos da linha Chevette.

Preocupada com o fantasma da corrosão, que assusta muitos consumidores, a Volkswagen está implantando "uma das mais modernas linhas de pré-tratamento de pintura existentes na indústria automobilística mundial". Para isso ela investiu recentemente Cr\$ 2,5 bilhões. A principal característica desse sistema é a garantia de qualidade anticorrosão dos veículos modelo 83, produzidos pela fábrica de São Bernardo.

A Ford Motor Company, segunda maior fabricante de veículos em todo o mundo, vai completar 80 anos de atividades em junho próximo. A empresa representa hoje um conglomerado internacional que reúne mais de 480 mil empregos diretos em 30 nações e que vende produtos a cerca de 200 mercados, através de uma rede superior a 14 mil distribuidores. Esse gigantismo supera, em muito, a melhor expectativa que Henry Ford poderia ter no dia 16 de junho de 1903, quando instalou, em Detroit, uma pequena linha de montagem e o seu pioneiro sistema de produção em série. Oitenta anos depois, a Ford vende seus produtos para um mercado internacional formado por mais de 3 bilhões de consumidores, quase 60% de toda a população mundial.

Com o objetivo de ampliar o seu mercado de exportações, a Ford submeteu o Escort, automóvel que lançará no mercado brasileiro no segundo semestre deste ano, a um rigoroso teste em estradas da Finlândia. O trabalho, considerado inédito na indústria automobilística brasileira, foi realizado por uma equipe comandada por Francisco Bevilacqua, engenheiro executivo da empresa, na região mais fria da Escandinávia, numa faixa situada 150 quilômetros acima do Círculo Polar Ártico.

Moda



Os anos 30 e 40 estão de volta

Trazer de volta a glória do passado não tem sido tarefa fácil para aqueles que traçam os rumos da moda, embora esta tenha sido a tônica dos últimos anos. Agora, mais uma vez, a indústria têxtil ataca com todo empenho nos estilos que consagraram os anos 30, 40 e, especialmente, 50. "Estão de volta os velhos tempos", dizem as manchetes das revistas especializadas em moda, e nas vitrines já aparecem os exemplares de um gênero que quer devolver à mulher sua feminilidade. E tudo indica que agora, com seus padrões feministas já revisados, ela vai aderir, afinal, como usaram dizer várias personalidades do cenário artístico e social, "feminismo não é incompatível com feminilidade".

Armadas de saltos altíssimos, batons em tonalidades fortes, cabelos visivelmente tratados, roupas aderentes e provocadoras, ou esvoaçantes e insinuantes, as paulistanas invadem a vida noturna da cidade. Prova de que estão realmente dispostas a reviver, com todo o look hollywoodiano, os bons momentos dos anos 50, seguindo à risca a fórmula consagrada por Marilyn Monroe e dispostas a abandonar, pelo menos temporariamente, os trajes unissex. A malha será, sem dúvida, a grande dama das ocasiões mais formais. Confeccões como a Cori ou a G, só para exemplificar, lançaram conjuntos de duas ou três peças, vestidos e blusas, em cores como o preto, o vermelho, o ferrugem. Por enquanto, as extravagâncias, aqueles vestidos coladíssimos no corpo com decotes profundos nas costas, ficam reser-

vadas para as ocasiões muito especiais. As saias de couro (ultra-sensuais), usadas com blusas também de malha e saltos altíssimos, ganham os momentos mais arrojados.

Os estilos inspirados nos anos 30 e 40 vêm para conquistar o dia-a-dia da mulher voltada para o trabalho, que exige uma roupa prática para enfrentar também, e com a mesma elegância, jantares, reuniões e coquetéis. E a volta do tradicional *tailleur de corte impeccable* (de saia ou calça), do gênero *dandy*, o retorno de padronagens há muito esquecidas, como o *pie-de-poule*, o *jacquard*, o *xadrez* em inúmeras versões e o clássico *risca de giz*. Tudo isso acompanhado de acessórios apropriados: chapéus, *scarpins* ou os sapatos bicolores quase masculinos e às vezes até mesmo *luvinhas*.

Mas, como a moda é democrática (ou não ousa deixar de atender aos mais variados anseios e necessidades), a par do gênero "feminino", clássico ou sensual está a tendência batizada de *pioneira* (saias e mais saias franzidas, às vezes disformes, usadas com camisas, coletes e cardigãs superpostos, lembrando as desbravadoras do Oeste norte-americano) e a novíssima *moda trapo*, concebida pelos estilistas japoneses, considerados hoje criadores tão importantes quanto os franceses.

Ana Cândida Vespucci

Aviação



O Europa, na 12.ª temporada

O dirigível *Europa*, operado pela Goodyear, já iniciou sua 12.ª temporada de vôos sobre os principais países da Europa, onde deverá sobrevoar cerca de 40 cidades. Desde sua construção, em 1972, esse dirigível já percorreu 960 mil quilômetros e transportou mais de 80 mil passageiros em vôos turísticos gratuitos. O *Europa* tem sido usado também como plataforma aérea estável para a instalação e operação de equipamento científico para a medição de poluição, fotografar ruínas antigas, observar e controlar padrões de tráfego e emitir programas radiofônicos de utilidade pública. Além do *Europa*, que voa a 60 km/h, a Goodyear opera mais três dirigíveis, todos nos Estados Unidos.

☆ O EMB-120 da Embraer o Brasília, fará seu vôo inaugural

a 29 de julho – e com ele a empresa passa a concorrer numa ampla faixa de mercado, a de aviões para 30 passageiros. Mais de 100 clientes internacionais já fizeram opções pelo novo aparelho, que deverá ter suas primeiras unidades entregues em 1985. As asas do Brasília ficaram prontas a 30 de janeiro e processa-se agora a montagem final da fuselagem, à qual será incorporada a asa e posteriormente todos os sistemas.

☆ A Japan Airlines acaba de desenvolver um robô para lavar aviões de grande porte. O trabalho, que atualmente ocupa 20 homens durante quatro horas e meia, é realizado em apenas 45 minutos.

O robô, que custou US\$ 8 milhões, vai estar no aeroporto de Narita, em Tóquio, à disposição também de outras empresas aéreas.

☆ Em 1983 a Embraer está comemorando dez anos da entrega dos primeiros aviões Bandeirantes à FAB. Hoje, a força aérea do país conta com outras 117 unidades além daquelas. O vôo inaugural foi feito em São José dos Campos, e para demonstrar a confiança na aeronave o presidente da República, Emílio Garrastazu Médici, e seu vice, Augusto Rademaker Grunewald, voaram juntos na estréia do aparelho.



O dirigível da Goodyear já levou 80 mil passageiros



Itália usou a carnitina e ganhou

O surpreendente fôlego dos italianos no 2.º tempo da partida com o Brasil, na Copa do Mundo de 82, que favoreceu a vitória do selecionado italiano naquela tarde de junho, no estádio Sarriá, em Barcelona, Espanha, veio ter, meses depois, uma explicação razoável. A esquadra Azurra tinha usado, ao iniciar a segunda fase do Campeonato Mundial, um estimulante chamado **carnitina**, que não é considerado doping pela Fifa e aumenta o rendimento muscular e cardíaco do jogador.

A lição dos italianos foi bem aprendida pelos espanhóis. E, hoje, a **carnitina** está convertendo-se no estimulante da moda do futebol espanhol. Esse produto sintético, é capaz de acelerar o transporte dos ácidos gordurosos para o lugar da sua utilização, no interior da mitocôndria, produzindo energia para o miocárdio e para os músculos.

O consumo da **carnitina** em doses diárias de um grama, antes dos treinamentos, pode ter sido o segredo para a sensacional virada, no Campeonato da 2.ª Divisão da Espanha, por Castilha – o time filial do poderoso Real Madrid. Na 16.ª rodada do campeonato, o Castilha havia ganho apenas quatro jogos e as suas chances de classificação estavam bastante reduzidas. A partir de janeiro de 83, os jogadores começaram a ingerir diariamente a **carnitina** e três semanas depois começou uma série de vitórias. De 14 partidas, o Castilha só perdeu uma e está colocado em 5.º lugar.

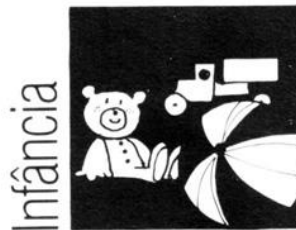
Os jogadores do Castilha estão servindo, na realidade, de

cobaias para uma experiência que o departamento médico do Real Madrid está realizando. Enrique Gonzales Ruano, chefe dos serviços médicos do clube madrilenho, disse que "não existe razão para ocultar o uso da **carnitina**, porque não se trata de nenhum segredo. O que estamos realizando é um estudo científico".

Para o dr. Enrique Gonzales Ruano, "a **carnitina** não é um estimulante, mas sim um reconstituente". O produto – segundo ele – apenas auxilia o organismo de quem está realizando grandes esforços. Sua utilização pelos jogadores é paulatina, um grama diário antes dos treinamentos, que é a base principal para o rendimento considerado ótimo pelo treinador.

Os efeitos da **carnitina** ainda são duvidosos, segundo o catedrático de Bioquímica da Universidade de Madri e desportista, José Odriozola. "Não conheço – disse ele – nenhum trabalho publicado que prove que a ingestão em quantidades diárias de **carnitina** produza efeitos positivos". O pesquisador da Universidade de Madri alertou ainda para o perigo de ingestão de substâncias sintéticas, por mais inócuas que sejam. Para ele, a absorção dessas drogas por atletas para obter maior rendimento os transformaria em "homens-droga", que, teoricamente, lhes proporcionaria alguma vantagem agora e muitos problemas fisiológicos no futuro. No entanto, a precaução dos cientistas não tem impedido o uso da droga na Espanha, onde se pode comprar uma caixa de dez ampolas, em qualquer farmácia, pelo preço equivalente a 14 dólares, menos de Cr\$ 800,00.

⊗ Como o **Cosmos de Pelé**, da Warner Communication, o empresário José Maria Ferraz Jr. está com planos bem adiantados para empresariar um time da 2.ª Divisão para conduzi-lo, no espaço de dois anos, à Divisão Especial. Obedecendo a um roteiro preestabelecido que inclui a aquisição de bons e renomados atletas, infraestrutura e concentrações.



Barbie ganha seu primeiro guarda-roupa

na de roupas e acessórios para a sua boneca. Na exclusiva Coleção 83, Barbie veste roupas para cocktail, longos para festas, calças compridas esportivas, minivestido, casaco de pele e também um vestido de noiva.

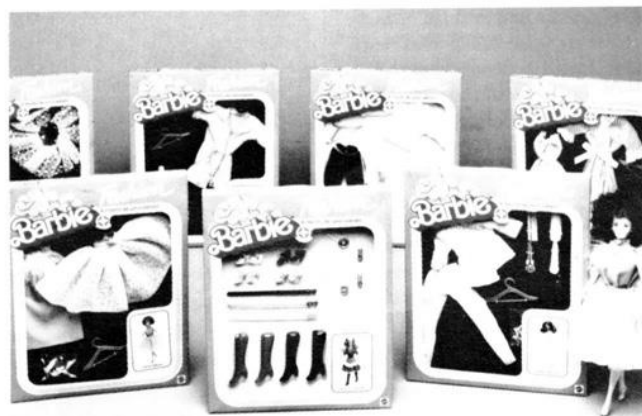
E, para a garotada de hoje mudar a roupa de Barbie para a ocasião que quiser, apresentamos a linha Barbie Fashion. São 6 cartelas de roupas e uma com acessórios. Nas cartelas de roupas temos: calça comprida



Barbie tem roupa para todas as horas...

A **Estrela** está lançando a Coleção Barbie 83. Formada por 12 novas bonecas com roupas sofisticadas, cabelos de tonalidades diferentes, que permitem penteados modernos, a nova Coleção Barbie apresenta a novidade mais aguardada pela menina: cartelas "Barbie Fashion", uma variada li-

com blusa branca rendada, um vestido azul para ocasiões especiais, saia e blusa para passear, uma roupa de balé, um jogo de camisola e peignoir, um pijama e até um roupão e touca para banho. A cartela de acessórios tem botas, sapatos, cintos, óculos e presilhas para os cabelos.



... bastando retirar o traje das cartelas

Informática



Setor cresce muito e rapidamente

A indústria de informática, especialmente em seu segmento de minis e microcomputadores, teve neste primeiro trimestre um desempenho que surpreendeu os próprios fabricantes, com um volume de vendas superior ao esperado, em média.

É o que revela o empresário Célvio Ikeda, coordenador da área de Informática da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), destacando que o bom desempenho não ocorreu apesar da crise, mas justamente por causa dela.

"Receosas com o prosseguimento da retração, as empresas passaram a investir mais na aquisição de equipamentos de informática, como os micros e minicomputadores, que melhoraram os processos administrativos, com a grande vantagem de reduzir custos", esclarece Ikeda.

Embora os números do desempenho da indústria de informática neste primeiro trimestre ainda não estejam coligidos, o diretor da Abinee estima que o quadro é bem melhor que o registrado em igual período do ano passado.

"Uma série de fatores explica este desempenho. O baixo preço destes equipamentos é evidentemente um dos fatores, mas não creio que seja o principal. O fato é que a venda dos microcomputadores pessoais dirigidos à aplicação pessoal como ferramenta de trabalho nas indústrias e nos escritórios tem aumentado independentemente dos custos."

★ O escritório do futuro já está sendo instalado no Brasil: com a adoção de microcomputadores, o executivo da pequena e

da média empresas vem ganhando autonomia para desenvolver seus próprios trabalhos, como extrair relatórios, sem nunca perder acesso à massa global de informações armazenadas.

Esses microcomputadores assumem, assim, as funções de um autêntico birô da empresa, responsável, por exemplo, pela contabilidade, folha de pagamento, controle de estoque, contas a receber e contas a pagar, etc.

"Dessa forma, as informações sobre os programas financeiros e administrativos da empresa", diz Milton Schikmann, gerente de produto da Polymax Sistemas e Periféricos, "estão contidas no processamento pelo sistema off-line, isto é, um funcionário não pode consultá-las a qualquer momento através do vídeo, mas folhear formulários contínuos contendo essas informações e elaborados por uma saída do microcomputador, a impressora de textos."

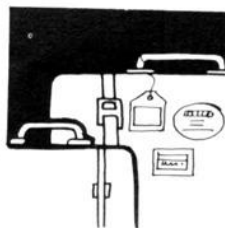
★ Grandes empresas, por sua vez, vão obedecendo à tendência atual, apontada por Sérgio Perrenoud, gerente de marketing da Brascom Computadores Brasileiros, de "descentralizar as aplicações dos microcomputadores que suportam a acoplagem de alguns terminais. Tal progresso permite ao usuário autonomia setorial e redução de custos e investimentos pela utilização de uma memória maior". De olho nessa tendência, que já se manifestou em mercados como o norte-americano, a Brascom lançou o Sistema Brascom BR1000M, que suporta até seis terminais.

Ao lado dos micros e minis, os microcomputadores pessoais dirigem-se basicamente ao profissional que necessita fazer análises técnicas ou financeiras. A Hewlett Packard do Brasil, por exemplo, projetou o HP 85, que, numa unidade, reúne todos os seus componentes. Seguindo seu gerente de produto, Ricardo Delforge, "seu público-alvo são analistas financeiros e engenheiros civis e eletricitistas, que os empregam para cálculos estruturais ou para fazer simulações de circuitos elétricos"



As famílias, viajando com descontos

Viagens



Vasp bate recorde no VTD

O turismo interno foi um dos setores da economia que mais se beneficiaram com a maxidesvalorização do cruzeiro, conforme análise da Embratur. As próprias companhias de aviação estão estudando novas medidas para estender o transporte aéreo a uma camada maior da população. Até o momento, dos planos propostos, o de maior êxito é o "Brasil na Palma da Mão", lançado pela Vasp, em conjunto com o Sistema Integrado de Agentes de Viagens - Siav -, reunindo um conjunto de opções de viagem, como se fosse um supermercado turístico.

A originalidade do plano "Brasil na Palma da Mão" consiste em dar a um simples turista ou a uma só família os benefícios das excursões em grupos. Procurando uma agência de viagem credenciada, o passageiro terá às suas ordens amplo leque de opções, podendo escolher um roteiro verdadeiramente personalizado, desde os vôos e as respectivas datas aos hotéis mais convenientes às excursões a pontos de interesse e até detalhes como o aluguel de carros.

Todos esses e outros itens são fornecidos em bloco, podendo

ser integralmente financiados, evitando os inconvenientes do pagamento individual e tornando mais elástico o orçamento da viagem, sem onerar o familiar.

Dentre as medidas econômicas tomadas pelo Departamento de Aviação Civil, a mais antiga é o Vôo de Turismo Doméstico, agora em versão mais modernizada. O VTD visa a estimular viagens em grupo, com uma redução de 30% no custo total do programa, incluindo passagem aérea, estadas e traslados. De acordo com as estatísticas oficiais, a Vasp é a empresa aérea que mais realiza VTDs, tendo efetuado 397 vôos em 1982.

Outra facilidade consistiu na criação dos Vôos Econômicos Noturnos - VEN -, realizados após as 22 horas e com desconto de 30% no preço total da passagem. Por fim, foram autorizadas as tarifas promocionais e familiares, que permitem à esposa viajar com o marido pela Vasp com um desconto de 30% e os filhos menores acompanhados dos pais com 50% a menos. Além disso, os maiores de 65 anos e menores de 21 têm direito a uma tarifa 30% mais barata.

★ Varig e Cruzeiro do Sul acabam de implantar o sistema informativo computadorizado de congressos e eventos. Através dele, todos os setores da área comercial das empresas dotados de terminais de computador, balcões de aeroportos e lojas de passagens podem obter respostas a suas consultas em poucos segundos sobre aquele importante segmento do mercado, tais como datas, nomes e local dos eventos e congressos no Brasil ou no Exterior.

PANORAMA

Som



O tempo dos discos a raio laser

O próximo grande e decisivo passo nesta nova era do som já foi dado oficialmente no Brasil, quando duas empresas, a **Gradiente** e a **Philips**, anunciaram que estão trabalhando para colocar nas lojas o toca-discos a laser. Quem foi à **UD**, por exemplo, pôde conhecer, se bem que em precárias circunstâncias, por causa do tumulto diário, os novos discos digitais e os *compact disc players*.

A diferença entre a perfeição do sistema a laser e os utilizados nos equipamentos convencionais é tão grande que enquanto ele não chegar por aqui ninguém deve aventurar-se a voar muito alto. Mesmo porque, e mesmo que isto seja um exagero, tudo pode parecer obsoleto.

Mas, enquanto a era do laser não chega às lojas, o que deve ocorrer apenas em meados de julho do ano que vem, as empresas eletroeletrônicas vão continuar substituindo os modelos do ano passado, seguindo, basicamente, duas tendências: a primeira, preparando o consumidor para a chegada do toca-discos a laser e, a segunda, compactando cada vez mais, no tamanho, os equipamentos de som convencionais.

◆ A nova linha da Gradiente, que deve estar nas lojas provavelmente em junho, estará voltada para o futuro. Entre os vários modelos novos vão aparecer amplificadores e caixas acústicas mais potentes. E a explicação desta opção é bastante simples: quem quiser aproveitar bem seu toca-discos a laser vai precisar estar preparado. Como? Aumentando a potência do seu equipamento, pois o sis-

tema é tão melhor que o atual que vai precisar de uma atenção especial do ouvinte. Ele certamente vai querer aproveitar todas as vantagens que os discos compactos trarão. E ninguém pode esperar um desempenho brilhante de um equipamento que tenha menos de 80 watts IHF.

A outra tendência que deve marcar este ano será uma atenção especial, por parte das empresas, para os *systems* de pequeno porte, como os *míni e micro*, pequenos apenas no tamanho, nunca na potência. Afinal, eles só foram lançados aqui no Brasil, no fim do ano passado, porque fizeram muito sucesso na Europa e nos Estados Unidos.

Basicamente, estes *systems* – compostos de um *receiver* (amplificador e sintonizador), toca-fitas, toca-discos e caixas acústicas compactas – dominaram o mercado das grandes cidades, onde cada vez mais o bom aproveitamento do espaço é levado em conta. Mas acabaram virando moda, e isto teve o seu lado positivo.

E, quanto mais eles forem vendidos, mais atenção receberão das indústrias, que há tempos decidiram investir nas linhas mais populares, deixando para trás as atenções que davam aos equipamentos profissionais.

Mário Schwarz

Restaurantes



O Entrecôte, correto e muito fino

Entrecôte – *Steak House* – Rua Amauri, 275, tel: 64-3162. Jardim Europa. Entre Faria Lima e Nove de Julho. Idéia certa, ao paladar paulista: pequeno cardápio somente dedicado a filés e contrafilés. Carnes elegantes, não é churrascaria. Ao contrário, um lugar diferenciado, sofisticação discreta, bom gosto. Espaço contido, bem usado.

Agradável recepção. Doqui-nha, a própria dona, muito jovem, mas atenta e dedicada. Liberdade e descontração. Barzinho à entrada, madeiras, metais, espelhos, tom sobre tom, bege e marrom, verdes plantas. Boas bebidas, importadas e nacionalizadas, atendimento correto. Rápido.

Proprietários, vários. Todos jovens: Paulo Eduardo veio do Rio, paulistas, Antônio

Augusto, Maurício, Marcos. E Doqui-nha. Juntos tramaram menu, escolheram carnes, molhos, batatas. Doze variações sobre o tema. Em cardápio bem bolado, numerados de um a doze, possíveis combinações. Carne + batata + molho, um só preço – Cr\$ 1.750,00.

Filet-mignon ou entrecôte. Doze molhos, alguns exemplos. Molho béarnaise: manteiga, gemas, estragão, pimenta-do-reino. Roquefort, com bechamel e creme, Moscadins: demi-glace, vinho branco, azeitonas verdes ou pretas, Bordelaise, demi-glace, vinho tinto, tutano, manteiga. Variações da batata, soufflé, grisette, francesa, xadrez, palito, palha, rôti, prussiana, boudanger, baked potatoes, dauphine, sauté. Coisas que o paulistano gosta, boas porções, ótimos temperos. Chefe de cozinha: Agenor, ex-Paddock. Maitre: Paulinho, ex-Viela.

Entradas? Também as há. Recomendação do maitre: Carpaccio Cr\$ 1.000,00. E saladas. Sobremesas: ninho de ovos, tortas, mousses ou sorvete com cobertura – Cr\$ 600,00. Frutas da estação. Gostamos do que provamos, fomos bem atendidos, serviço gentil. A casa, porém, ainda começando, está disposta a crescer com o tempo. No momento, vai bem.

Paulo Cotrin

Empresas



Souza Cruz, 80 anos e nova marca

Em julho a presidência da holding **Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio**, detentora em 1982 de 80,4% do mercado nacional de cigarros, troca de mãos: Alan Charles Long, 52 anos, deixa a empresa para assumir

um cargo no board da **British American Tobacco (BAT)** controladora da Souza Cruz, entregando o cargo a Kenneth Murray Sumner, diretor-superintendente da Cia. de Cigarros Souza Cruz.

Alan Long retira-se da Souza Cruz, no ano em que a empresa

completa **80 anos** de atividades com produção anual de mais de 100 bilhões de cigarros e faturamento bruto em 1982 de Cr\$ 637 bilhões e lucro líquido de Cr\$ 34 bilhões, 139% superior ao de 81.

A condução administrativa da Souza Cruz não deverá mudar com Kenneth Sumner, cuja filosofia empresarial é semelhante. Sumner tem pela frente alguns desafios: manter em 80% a liderança do mercado nacional, estimado em 140 bilhões de cigarros; sucesso no lançamento do JPS – John Player Special –, no segundo semestre, também na embalagem de forma cilíndrica; e fechar 1983 com o mesmo nível de desempenho alcançado em 1982.





INVESTIMENTOS

A corrida do ouro

Não está fácil escolher o melhor caminho para investir, mas uma das rotas é a que leva ao mercado do ouro

Como aplicar corretamente, numa economia submetida a taxas de inflação da ordem de 120% ao ano? Nesse quadro, a análise financeira torna-se um exercício extremamente complexo. A primeira grande dificuldade é estimar corretamente o comportamento da inflação e da correção monetária no futuro próximo. Uma estimativa correta desses índices é fundamental para se definir entre um título prefixado e um título pós-fixado.

Como se sabe, título prefixado é aquele

onde já é definido, no momento da aplicação, o rendimento do período. É o caso das letras de câmbio e de algumas modalidades de depósito a prazo fixo. Já nos títulos pós-fixados, a rentabilidade só é determinada um pouco antes do vencimento. São aqueles títulos que recebem correção monetária — como os Certificados de Depósito Bancário (CDB) e as cadernetas de poupança.

Na hora de comparar uma letra de câmbio com um título pós-fixado, é necessário que se

ATO, MAIO/JUNHO DE 83

PET'S SHOP MOGI

PEIXES ORNAMENTAIS
DE ÁGUA DOCE E SALGADA
NACIONAIS E IMPORTADOS
VASOS E PLANTAS EM GERAL

Fornecemos filhotes de cães de várias raças, com ou sem pedigree.

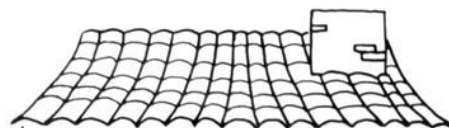
EXCLUSIVAMENTE:
Raça japonesa Akita
(inérita em Mogi)

TRAGA SUA FAMÍLIA E
VENHA NOS FAZER UMA VISITA

SÁBADOS
Até as 20:00 horas

DOMINGOS
Até as 13:00 horas

Rua Barão de Jaceguai, 467
Fone: 469-8798
Mogi das Cruzes - SP.



MORADINHA

Hotel, Maternal,
Jardim e Pré-Escola

Pioneira no sistema de "Baby Hotel", a Moradinha oferece estadia para crianças de 0 à 6 anos, no horário das 07:00 às 23:00 horas.

Visite-nos e veja como sua vida ficou mais fácil.



R. Barão de Jaceguai, 1051
Tel.: 469 8163
Mogi das Cruzes - SP.

estime a correção monetária futura. A partir dessa estimativa, calcula-se a rentabilidade do título e compara-se com aquela conferida pelas letras de câmbio. Mas há outro fator a se considerar, que é o comportamento da inflação futura. Uma aplicação apresentou um rendimento real quando a rentabilidade oferecida superou a inflação no período. Suponha-se que determinada aplicação rendeu 100% em 12 meses e que no mesmo período o cruzeiro se desvalorizou 120%. No final do período, o dinheiro resgatado estará valendo menos do que o dinheiro aplicado – e o investimento apresentou prejuízo.

Há períodos em que a correção monetária costuma ser inferior à inflação. Foi o que ocorreu em 1980, causando prejuízos a todos os aplicadores que investiram em títulos pós-fixados. No momento, tudo indica que a correção monetária acompanhará a inflação – e que a inflação continuará alta. Espera-se para os próximos 12 meses uma inflação por volta de 130%. Para tais níveis de inflação – e de correção monetária –, a rentabilidade dos investimentos em títulos prefixados não consegue acompanhar nem de perto as aplicações em títulos pós-fixados.

O OURO É BOM – Assim, os títulos prefixados acabam sendo consumidos apenas por aqueles investidores mal informados ou muito conservadores – que querem ter a certeza do valor que vão receber no final do período. Dentro da psicologia dos investidores, esses conservadores ocupam uma posição curiosa. Não abrem mão da prefixação, mesmo

sabendo que vão perder dinheiro para a inflação. Para os que sofrem da síndrome da prefixação, há alternativas um pouco menos convencionais, mas igualmente seguras, e muito mais rentáveis.

Uma delas é aplicar em renda fixa no mercado do ouro. Como se sabe, o mercado do ouro é um mercado altamente especulativo, mas as corretoras conseguiram desenvolver, no Brasil, um sistema de mercado futuro – pelo qual vendedor e comprador acertam hoje um contrato por um preço determinado para ser entregue daqui, digamos, a seis meses. Vamos supor que o vendedor venda a barra de ouro por Cr\$ 15 milhões. Na data do vencimento ela estará valendo Cr\$ 17 milhões. Ele levou na cabeça: terá de entregar por Cr\$ 15 milhões uma barra que estará valendo Cr\$ 17 milhões.

A maneira de transformar o investimento em renda fixa é simples. Primeiro, compra-se uma barra de ouro, em uma das fundidoras credenciadas pela Bolsa de Mercadorias (para conseguir a relação delas, ligue para qualquer corretora de valores). Depois, entra-se no mercado futuro. A cada dia negociam-se contratos que vão vencer de dois em dois meses. Para saber se a aplicação será vantajosa ou não, tem de se comparar o valor do contrato futuro com o valor do ouro à vista. Comprada a barra de ouro, bastará ao investidor vender esse ouro no futuro, pelo preço do contrato do dia. No decorrer do prazo, ocorra o que ocorrer, o seu lucro estará garantido. Isso porque, se houver uma elevação brusca do preço do ouro, a barra que ele já adquiriu também se valorizará. Caso caia o preço do ouro, o vendedor também já estará garantido, pelo contrato.

O FLUXO DE CAIXA – Naturalmente, não se recomenda a aplicação automática dessa modalidade de investimento. Ela tem de ser precedida de uma boa análise das cotações, de contas corretas, para saber se a diferença entre o preço à vista e o preço no futuro é compensador ou não. Numa análise que efetuei há semanas, chegava a representar uma rentabilidade de 10% ao mês por contratos de seis meses – uma taxa inigualável. Dentro do mercado de renda variável, as opções são variadas, mas o investidor precisa dar uma atenção cada vez maior ao seu fluxo de caixa – aqueles

cruzeiros que ficam parados na sua conta corrente, para pagar as despesas do mês.

Nos atuais níveis de inflação – e de taxas de **overnight** –, não se deve deixar o dinheiro parado. Hoje em dia surgiu uma série de alternativas de aplicação que, na prática, funcionam como depósito à vista. São os chamados Fundos de Investimento (como o Comind, ou o Crefisul), que permitem ao investidor movimentar o dinheiro, como em conta corrente.

Para aqueles investidores com maiores dificuldades de locomoção – por morarem afastados do centro da cidade – há o Fundo de Defesa do Patrimônio, da corretora Adolpho de Oliveira, que elaborou um mecanismo bastante engenhoso. A corretora mantém uma conta em uma agência do Banerj. Quando quiser efetuar qualquer aplicação, o investidor terá de depositar nessa conta. Para tanto, o depósito poderá ser efetuado através de qualquer agência bancária de qualquer rede bancária. Depois, liga-se para a corretora, comunicando o depósito.

Para sacar, percorre-se o caminho inverso. Liga-se para a corretora, pedindo-se a liberação da quantia desejada. À tarde, ela estará disponível na agência do seu próprio banco. Por contrato, a corretora compromete-se a pagar a taxa média do **overnight** – que é publicada diariamente nos grandes jornais, facilitando o controle da rentabilidade da aplicação, ao contrário dos Fundos de Investimento.

Para aqueles investidores que preferem aplicar em grandes instituições, finalmente, há o recurso da caderneta de poupança, através do esquema das seis cadernetas. Consiste em abrir seis contas, duas a duas sucessivamente, por mês no mesmo dia do mês. Depois, girar o depósito de forma a que a poupança sempre esteja sendo remunerada pelas taxas do terceiro mês de cada uma das contas. Na fórmula de reajuste do BNH há uma incorreção, que faz com que os empréstimos do terceiro mês sejam remunerados a taxas mensais superiores aos do primeiro mês. Essa modalidade de utilização da poupança permite uma remuneração maior do que a da maioria dos CDBs do mercado.

Luís Nassif

**Use a nossa
qualidade
e tradição
para causar
boas
impressões**

GRÁFICA
Santana

R. Dr. Paulo Frontin, 395
Fones: 469-9066 e 469-9091
Mogi das Cruzes - SP.

Na Maremoto você encontra todos os modelos e marcas de motos, oficina especializada e uma grande variedade de peças e acessórios.

**REVENDEDORA AUTORIZADA
CALOI • FBM KAPRA**

maremoto

rua dr. ricardo vilela, 390
fones 469-0698 e 469-6321 mogi das cruces - sp.



As grandes empresas descobriram que o esporte é um filão bem mais importante que anunciar simplesmente na televisão.

ESPORTE

Mudando de rumo

Com o merchandising, o patrocinador sai ganhando, mas o esporte amador do Brasil, cada vez mais profissional, também tem seus lucros

Se o barão Pierre de Coubertin estivesse vivo, certamente teria um ataque cardíaco: o esporte, que defendia a pureza do amadorismo olímpico, hoje sobrevive em função do dinheiro, muito dinheiro. Coubertin, idealizador das Olimpíadas da Era Moderna, em 1896, e criador da frase *o que vale é competir*, talvez jamais imaginasse que, 50 anos após sua morte, os atletas seriam painéis ambulantes.

No tempo de Coubertin, que ajudou a organizar várias olimpíadas do século XX, a luta era por aplausos, coroas de louros, medalhas, taças e troféus. Agora, as competições são por dólares, libras, pesos, francos, marcos, coroas, pesetas, liras, cruzeiros. O profissionalismo, até algum tempo atrás ainda disfarçado, já não é negado na nova fase, em que os nomes das empresas se misturam aos dos clubes.

No Brasil, a fase do *merchandising* está sendo uma tentativa de fazer com que o esporte amador supere um antigo complexo de inferioridade. É o nascimento de uma superpotência olímpica ou apenas outra ilusão do País do Futebol?

Por enquanto, a participação das empresas no esporte consegue alguns bons resultados e conquista importantes adesões, mas há quem resista com ceticismo a essa euforia dos brasileiros, geralmente apressados em suas análises.

Já que os mais prudentes aconselham a espera da Olimpíada de 1984, em Los



PANTERA NEGRA

A Academia de Capoeira Pantera Negra oferece aulas para ambos os sexos, preparando você físico e mentalmente.

Desenvolva seus reflexos através da ginástica e capoeira.

Rua Prof. Flaviano de Mello, 932 - 2.º andar
Mogi das Cruzes - São Paulo.



boutique

**A estrela
mais quente
desse inverno**

Rua Prof. Flaviano de Mello, 1280
Mogi das Cruzes - SP.

Angeles, para serem confrontados seus resultados com os das participações mediocres do Brasil nos Jogos de Munique (72), Montreal (76) e Moscou (80), as recentes vitórias do vôlei nas quadras e nos bastidores das promoções podem ter duas explicações: representam mesmo um verdadeiro sinal de evolução do esporte brasileiro ou talvez sejam um simples fenômeno de modismo, como outros que o País viveu em função de títulos isolados de certas modalidades esportivas nas últimas três décadas.

O barão de Coubertin teria um ataque cardíaco? A resposta é do diretor esportivo do Esporte Clube Sírio, Delorges Albano, um dos pioneiros do *merchandising* no basquete na época em que o vôlei ainda não tinha atingido a eferescência de 1982: "Provavelmente ele teria um ataque cardíaco ao verificar uma mudança tão grande em relação ao esporte de seu tempo, mas acontece que o mundo inteiro evoluiu em todos os setores e a adesão das empresas ao esporte faz parte dessa evolução. Foi-se o tempo em que um jogo terminava em pizza".

O Sírio, campeão mundial de clubes de 79 e com uma tradição de 25 anos no basquete, começou a aderir ao *merchandising* há cinco anos, fazendo um contrato com a empresa Topper de material esportivo para colocar propaganda em seu uniforme de viagem: como campeão sul-americano de 78, o time paulista disputaria o Mundial, em Buenos Aires. Terminou aquele torneio em terceiro lugar, mas, alguns meses depois, ganhou o direito de promover o Mundial de 79 no Ibirapuera. Então, enquanto o dirigente Ruy Dip



Bernard e Xandó: a Pirelli contra a Atlântica Boa Vista

cuidava da equipe do Sírio, em que apareciam Marcel, Marquinhos, Larry Williams, Oscar e Dodi, treinados por Cláudio Mortari, a tarefa de tornar o torneio lucrativo ficava por conta de Albano, que intensificava o *merchandising*, vendendo espaços para faixas publicitárias junto à quadra do ginásio.

SÓCIO NAO GASTA – Com isso, o Sírio foi campeão dentro e fora da quadra: seu time ficou com o título derrotando equipes fortes, como o Emerson Varese, da Itália, o clube obteve lucro, promoveu o basquete no Brasil, garantiu várias excursões para o Exterior com a ajuda do vice-presidente de Relações Exteriores da CBB, José Cláudio Siqueira dos Reis, e conseguiu dois importantes contratos em 1980 – passou a usar o material esportivo da Adidas e começou a ter o café Melitta como patrocinador da equipe.

Ruy Dip deixou o cargo em 80, lamentando o fim da época do "amor à camisa", mas Albano continuou e hoje se orgulha de afirmar que o time de basquete do Sírio, sempre com grandes estrelas – embora não consiga um título de expressão há três anos (ganhou o Rio – São Paulo em 83) –, sai de graça para o clube: "Os associados não gastam com a equipe.

E estamos com o contrato renovado com a Melitta até abril de 1984. Os jogos aparecem na televisão, o patrocinador está satisfeito".

No Brasil nem todos estão satisfeitos com essa nova fase. Quem mais reclama é o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro, Sylvio de Magalhães Padilha, que também já ocupou vários cargos no Comitê Olímpico Internacional e que alerta sobre os "excessos" provocados pelo envolvimento das empresas com os esportes: "O problema é que chegam até a publicar nos jornais quanto uma jogadora de vôlei e um jogador vão ganhar em seus novos clubes. Temos de tomar cuidado não só com o mercantilismo, que ameaça transformar atletas em verdadeiros mercenários, como também precisamos combater a forma com que são feitas as transferências. Por muito menos, o COI expulsou atletas de outros países que foram considerados profissionais e que não puderam participar de outras Olimpíadas".

Também é verdade que já vai longe a década de 60, quando o COI era presidido pelo conservador milionário norte-americano Avery Brundage, que andou caçando profissionais do esporte. O ciclista colombiano Martin Cochise, por exemplo, perdeu a con-

**S SUZANO
PARAFUSOS**

Mantemos estoque permanente de parafusos de todos os tipos, para indústrias, automóveis e construções.

Abrasive, Eletrodos, Ferramentas de corte, manuais, elétricas e medição.

- * PRONTA ENTREGA
- * ESTACIONAMENTO PRÓPRIO
- * UTILIZE NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS POR TELEFONE

FILIAL

Av. Francisco Rodrigues Filho, 548
Fones: 468-1555/460-3788
Mogi das Cruzes - SP.

MATRIZ

Av. Armando Salles de Oliveira, 204
Fones: 476-2188/2256/2695
Suzano - SP.

ACADEMIA DE TAE KWON-DO



Arte Marcial Coreana (novo esporte olímpico), defesa pessoal, ginástica e hata-yoga. Para ambos os sexos e todas as idades.

Rua Barão de Jaceguai, 474 - 3.º andar - Mogi das Cruzes - SP.

dição de amador na época de Brundage apenas porque tinha sido fotografado no México, assistindo a uma prova, quando usava uma camiseta em que aparecia o nome de uma fábrica de bicicletas. Com a saída de Brundage, o COI passou a ser presidido pelo irlandês Lord Killanin, já não tão rígido quanto seu antecessor. E a "abertura" tornou-se ainda maior em 1980, com o espanhol Juan Antonio Samaranch sendo eleito em Moscou, e este ano, com o COI, em congresso na Índia, reformulando totalmente o conceito sobre o amadorismo: agora, os atletas podem receber dinheiro.

PATROCINADOR SATISFEITO - O presidente da Ford Brasil, Robert Gerrity, que joga golfe e tênis, pode muito bem falar pelas empresas. A sua, por exemplo, vem patrocinando o time de basquete do Monte Líbano, atual campeão paulista e brasileiro. Gerrity, sem chegar a citar a Volkswagen, que preferiu investir muito dinheiro no patrocínio das transmissões dos jogos da Copa do Mundo de 82 por uma cadeia nacional de televisão, define: "Nós, da Ford, preferimos investir em algo como um time de basquete e corridas de automóveis. Sai mais barato e, no fundo, a penetração da publicidade é muito boa, graças aos jornais e emissoras de televisão".

As emissoras de TV mostram mesmo a marca Ford nos uniformes dos jogadores do Monte Líbano a cada partida da equipe. Entretanto, ocorreu algo bastante curioso quando da excursão do clube ao Kuwait, em fevereiro deste ano: não pôde utilizar as camisetas habituais porque os países árabes fazem restrições à Ford, alegando que essa empresa de origem norte-americana tem ligações com Israel.

Apesar desses contratemplos, vários patrocinadores estão mesmo satisfeitos. Eugenio Saller, da Melitta, às vezes faz uma brincadeira - que tem um fundo de verdade - com os dirigentes do Sírio: "Puxa, depois que a gente começou a patrocinar o time, nunca foi conseguido um grande título". Essa idéia já não é compartilhada por Horácio Berlinck, da Haspa, empresa que acaba de reformar contrato para patrocinar o time de basquete do Tênis Clube de São José dos Campos: "Em dois anos de patrocínio, o Tênis foi campeão duas vezes. Um dá sorte para o outro".

Em Franca, a fórmula é ainda mais original: a Francana, vice-campeã mundial de 1980, possui não apenas um patrocinador, mas sim cinco - são cinco fábricas de sapatos da cidade. O Continental conta com a ajuda do Curso Objetivo e da Poupança Continental; o Palmeiras conta com a Fiat; e o Corinthians só pôde voltar ao basquete em 82 porque recebeu uma verba elevada da Evadin para bordar a marca TV Mitsubishi em suas camisetas, novidade que Vicente Matheus jamais permitiria (na época de Matheus, aliás, o Corinthians acabou com quase todos os esportes amadores e intensificou a obsessão pelo futebol). Em julho, uma grande atração no basquete: o Mundial Feminino, promovido pelo Brasil, terá condições de atrair muitos torcedores.

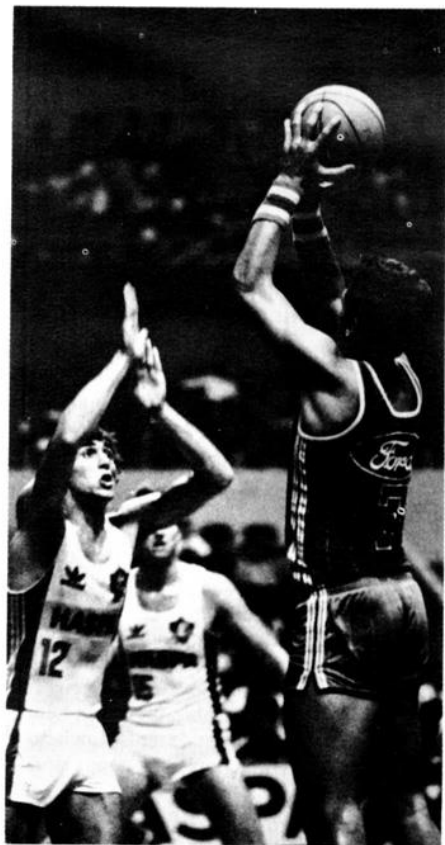
ISABEL FICA - O vôlei entrou nesse jogo de cifras altas quase por acaso. Dois anos atrás, alguns jogadores brasileiros tinham recebido convite para ir para a Itália. O presi-



Nas quadras, um mar de siglas

dente da CBV, Carlos Arthur Nuzman, impediu e convenceu o empresário Almeida Braga, da Atlântica Boavista, a montar uma equipe no Rio. Com isso, Almeida Braga registrou os jogadores como funcionários da empresa e assegurou a presença de ídolos no País, algo que acabou sendo importante no ano passado para a formação de um selecionado nacional com base na Atlântica e na Pirelli. O jogador do saque "Jornada nas Estrelas", Bernard, é da Atlântica: ajudou a seleção a ser vice-campeã mundial de 82 e quase levou seu clube ao título brasileiro, perdido para a Pirelli no Ibirapuera.

Entre as equipes femininas, o Paulistano ganhou o título nacional, derrotando a Pirelli. Mas a notícia de impacto do começo de 83 foi a criação de outro time de empresa no Rio, desta vez só de moças, o Supergasbrás, que ofereceu bastante dinheiro para ter Jacqueline, Vera Mossa e outras jogadoras eficientes (não conseguiu levar Isabel, que não escondeu a decisão de ter preferido permanecer no



Monte Líbano e Tênis: sucesso

Conforto deve se oferecer desde cedo. Por isso, a Mama Mia há 5 anos veste a mamãe e seu bebê. Moda gestante, bebê e infanto-juvenil, enxovais, móveis, carrinhos, artigos para presente e decoração. E tudo isso, em até 3 pagamentos sem acréscimo. Consulte nossos preços.



MAMA MIA MODAS

Gestante - nenê - infantil
Rua Paulo Frontin, 177 - Centro - Fone: 468-3648



MAMA MIA DECORAÇÕES E REPRESENTAÇÕES

Móveis Infanto-Juvenil - Enxovais - Novidades
Rua José Bonifácio, 493 - Centro



Itaú e Kock: uma dupla de êxito nos torneios de tênis

Flamengo porque seu atual clube cobriu a oferta). O vôlei está com um contrato de transmissões de jogos assinado com a empresa Promoção, do narrador esportivo Luciano do Valle: com isso, garante mais dinheiro e mais divulgação em 83. E o contrato é bom também para o próprio Luciano, que, depois de viver de ordenados na TV Globo, descobriu as vantagens de ser o organizador dos torneios transmitidos pela sua nova emissora, a TV Record. Assim, em menos de seis meses de Record, narrando com entusiasmo o Mundialito feminino, o Mundial masculino e os Campeonatos Brasileiros de Vôlei, o torneio internacional de hóquei sobre patins de Sertãozinho, importantes jogos de tênis, Luciano ganhou mais que em alguns anos como simples empregado.

O futebol tem sido também explorado pelas empresas, que preferem utilizar os jogadores individualmente em publicidade – Sócrates e Zico são os mais procurados. Corinthians e São

Paulo conseguiram alguma verba a mais na decisão do último Campeonato Paulista, com o Corinthians usando nas camisas a marca Bom Bril e o São Paulo sob o patrocínio da Cofap, de acordo com uma regulamentação criada no Conselho Nacional de Desportos em 82 mesmo. E o Santos tem patrocínio das Casas Bahia. O automobilismo e o tênis são mais tradicionais no uso do *merchandising*, a ponto de um carro de Fórmula 1 e uma quadra ficarem sob a constante poluição dos anúncios, uma poluição milionária.

Em outros esportes, a tradição do amadorismo é muito rígida, caso do *rugby*. É talvez por isso o *rugby* tenha descoberto só recentemente a ajuda das empresas, como no Uruguai, onde a Coca Cola promove torneios: essa rigidez, que impede uma melhor divulgação desse esporte nos jornais e emissoras de TV, pode ter contribuído para a desistência do Brasil de promover o Sul-Americano de 83 em São Paulo, decisão tomada em março. Os

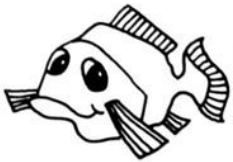


No Morumbi, Bombril vence Cofap

dirigentes de *rugby* buscaram patrocinadores e não conseguiram, mas vêm os próximos anos com certa esperança, devido à adesão dos clubes de futebol a esse esporte – em 80, o Palmeiras criou um time; em 83, é a vez do São Paulo, que lançou o seu na III Copa Itaú.

Assim, enquanto alguns dirigentes optam pelas empresas em determinados esportes, fica a idéia de que, mesmo com a nova fase, não deve ser abandonada a essência dos clubes. Os times recebem dinheiro com o qual pagam seus jogadores e ajudam seus patrocinadores a vender seus produtos. Mas os clubes podem manter uma pureza que faz bem ao esporte e que ainda não se transformou em algo completamente utópico: o amor à camisa e ao esporte, algo que resta dos sonhos do velho Coubertin, mesmo em um País do Futebol, acostumado a ficar em 37.º nas Olimpíadas.

Luiz Carlos Ramos



PEIXARIA CHIC

Comércio, Captura e Distribuição de Pescado

Na Chic você encontra a maior variedade de peixes. Fresquinhos e bem acondicionados, garantem qualidade com bom preço.

Rua São João, 619 - Tel.: 469-8149
Mogi das Cruzes - SP.



® SUZANIL PISCINAS

- Filtros e equipamentos para sua piscina à preços de fábrica.
- Produto químico que substitui o cloro. Aquanil A e Aquanil A/B. (Uso mensal: 1 litro para 40.000 litros).

Av. Francisco Rodrigues Filho, 544 - Fone: 469-1223
Mogi das Cruzes - SP.

Viva o Branco é a única loja com completa coleção de vestuário branco. Dos pés à cabeça. São diversos artigos, inclusive de confecção própria a preço de custo, em 3 pagamentos sem entrada e sem acréscimo.

VIVA O branco

Rua Dr. Ricardo Vilela, 1049
Fone: 469-8100
Mogi das Cruzes - SP.



Parreira e sua cúpula, o novo futebol brasileiro



Memória: o Brasil recorda os velhos tempos de 74

Seguindo o mestre

Parreira começa o trabalho inspirado em Zagalo. Então, pode-se esperar de tudo, e é bom voltar-se ao passado

Quem o viu assistindo ao jogo entre Brasil e Chile garante que seus olhos umedeceram. Fato raríssimo em sua vida, pois guardava todas as mágoas para si, e esses dissabores só podiam ser observados nos cabelos que caíam, embranqueciam, e as rugas que lhe apareciam no rosto. Apenas uma outra vez o sentiram assim emocionado, como no dia do jogo. Foi quando, pela televisão, viu Sidney Poitier interpretando o filme "Ao Mestre com Carinho".

Quando a Seleção Brasileira entrou em campo e viu Carlos Alberto Parreira dirigindo-se para o túnel, teve a sensação de estar, ele próprio, voltando a ser o técnico do escrete, exatamente como em 70, quando chegou meio assustado, até 74, quando saiu "em triunfo" dos campos da Alemanha, segundo informação de rádios e jornais cariocas. Ao ver a entrada de Márcio, zagueiro central, derrubando o ponta chileno Orellana, veio-lhe à lembrança, de imediato, a convocação de Chiquinho. Lembram-se de Chiquinho, aquele que era pastor? Isso, aquele mesmo que jogou no Botafogo, depois no Flamengo.

Ainda não conseguiram lembrar? Assim já é demais, não adianta discutir com quem não tem boa memória. A alegria não podia ser maior, quando se sabe que nos dias de hoje o que vale é o interesse, o cargo que as pessoas ocupam, a beleza exterior... ninguém dá valor às pessoas pela sua pureza interior, e Parreira deixou claro: A minha seleção será ao estilo de 70, isto é, de Zagalo.

Então, veio-lhe à mente aquele jogo contra a Áustria, na véspera do embarque para o México. Lembrou-se que naquele dia, o Maracanã quase lotado, exigiu que escalasse Tostão ao lado de Pelé e Rivelino na ponta esquerda. Aquele é o time da "galera", respondeu sem pestanejar ao chegar em Gualajara. No meu time, o ataque joga com Rogério, Jairzinho, Roberto e Paulo César. — Quer dizer que não haverá lugar nem para Pelé? — Ele vai disputar a posição, sorriu ironicamente. (Só muito mais tarde percebi que não haveria ironia naquele sorriso, pois ninguém deve esquecer que ele já havia deixado Pelé na reserva, aliás foi o único técnico do mundo a deixar Pelé na reserva, e esse mérito ninguém jamais poderá tirar-lhe.)

QUEIXAS AO CHEFE — Bem, se Parreira queria logo de início uma seleção ao estilo de

70, quem personificaria Pelé? Creio que só poderia ser o Zico, apesar de que em 86 ele estará com seus 33 anos, mas ainda é o único jogador aqui no Brasil com carisma de campeão e que, mesmo estando longe de ser o herdeiro do rei Pelé, pelo menos ainda honra o futebol carioca. E quem seria o Gérson? Quem seria o Tostão?

Nada disso importa. Não importa mesmo que já se passaram quase 15 anos desde a glória no México; o importante é o que fica na cabeça, no peito, e para os jovens discípulos os mestres nunca serão pessoas ultrapassadas. Como o velho Mário Jorge Lobo Zagalo, seu mestre, Parreira também sentiu o horror da vaia durante o jogo com o Chile. Zagalo lembra quanto foi vaiado ao longo de sua carreira, no Flamengo, no Botafogo e mesmo na seleção.

A imprensa — sempre a maldita imprensa — preferia Canhoto, Pepe e qualquer outro em seu lugar. Quantas vezes teve de se queixar com o dr. Paulo Machado de Carvalho sobre essas perseguições. E o Marechal bem que gostava de suas queixas. Parreira já teve mais sorte. Nunca foi vaiado como jogador, aliás, nunca teve a glória de jogar, de participar desses jogos de chuteiras, calções e camisas, num campo gramado, traves, etc. "Vaia é falta de educação", disse Parreira, depois de sete longos anos fora do país.

Pois é bom que ele saiba, embora nunca tenha vivido em São Paulo, que até Pelé foi vaiado, principalmente pela torcida corintiana. Daí, ele marcava uns dois ou três gols, e,

se ninguém aplaudia, também não vaiava. O silêncio ganhava espaço. Mas, ainda seguindo o mestre, talvez Parreira prefira não voltar à glória de 70, mas quem sabe à honrosa participação de 74, na Alemanha. O goleiro é o mesmo daquela Copa; o Luís Pereira está por aí, pode ser o seu próprio representante, apesar de dez anos mais velho. Quem melhor do que Júnior para seguir os mesmos passos de Marinho Chagas?

Talvez seja um pouco difícil encontrar um novo Ademir da Guia. Quem poderia ser tão humilhado quanto foi Ademir por Zagalo? Quem sabe o Pita, o menino do Santos, que também é tímido? Para Paulo César Caju será fácil encontrar substituto. Há dezenas de jogadores dispostos a desempenhar o papel. E já Zagalo dizia: "O Paulinho será o novo Pelé".

ZICO NO BANCO A única coisa que o entristeceu, mas entristeceu mesmo o mestre, foi que o discípulo não seguiu o principal ensinamento de sua cartilha: "Nunca tomar gols, só tentar marcá-los depois dos 40 minutos do segundo tempo, se o resultado for de 1 a 0 para o adversário".

E tenha dó. Parreira sofreu dois gols, sem nenhuma necessidade. Poderia, ao vencer por 1 a 0, mandar o time recuar, jogar com apenas um atacante, pois os três gols marcados contra o Chile jamais apagarão a imagem dos dois gols sofridos. O melhor resultado teria sido 0 a 0, pois ficaria patente a firmeza da defesa brasileira e a falta de sorte do ataque. Que Parreira lembre bem! O outro discípulo, Cláudio Coutinho, foi muito mais brilhante. Saiu invicto da Copa da Argentina. E para igualar-se ao outro discípulo, ou pelo menos para fazer jus à escola, o mínimo que Parreira deverá fazer é deixar Zico, "o rei da área", curtindo o cimento frio do banco de reservas, num próximo jogo no Maracanã. Obs: Pelé ficou na reserva num jogo realizado no Pacaembu.

Vital Battaglia



**Academia de Dança
SUPER STAR**

De segunda à sexta até às
21:00 horas e aos sábados
até as 18:00 horas, você tem
um encontro com a dança.
Na Academia Super Star,
aulas de ginástica, jazz,
ballet moderno e clássico
a partir dos 3 anos.

Rua Cel. Souza Franco, 667 Mogi das Cruzes - SP



CARLOS SOH

ABRE O JOGO

(Arte & Efeitos de Som: Nicolielo)

Uma página feita por gente que acha que, apesar do Betão e do Alemão, o Parreira não convoca tão mal assim. Afinal, nesse país, tem técnico que convocou há muitos anos - e tem coragem de manter no time - o Delfim, o Galvêas e o Carlos Langoni...

HEI, PARREIRA: QUE TAL CONVOCAR O ZÉ BÉTIO???

Bom, como dizia a sábia vovó Amélia, do fundo da sua mineirice histórica, "quem se mete a dar receita de que, depois, engolir o bolo". Assim, nada mais resta ao locutor que vos fala do que abrir solenemente a mão à mais contundente palmatória, enfiar a viola no saco e dar um jeito de, na próxima vez, falar menos para não ter de degustar tantos sapos.

Tudo porque, confiando na aparente superioridade do futebol paulista, resolvi, aqui mesmo, prognosticar uma final entre dois clubes da província para a Taça de Ouro, não sem antes embutir subliminarmente no texto torpedinhos irônicos para cima dos cariocas e seus ídolos fabricados, ao estilo Zico & Cia. Pois bem, das seis equipes paulistas que estavam nas semifinais da competição, cinco foram rapidamente para a mais retumbante glória, enquanto a que restou, o então promissor Santos de muitos milhões investidos, sucumbiu mansamente justamente aos pés do Flamengo, a quem eu tanto ironizara.

Mas, brincadeiras à parte e registrada a devida "mea culpa", não se pode deixar de falar aqui que, mais uma vez, fica muito bem no peito dos flamenguistas a faixa de campeão brasileiro. Principalmente porque, independente de deficiências da equipe e exageros dos que a defendem, o Flamengo é, de alguns anos para cá, um clube planejado para o sucesso. Muito mais do que suas qualidades dentro de campo, é toda aura que cerca o rubro-negro que o faz, por antecipação, candidato sério a qualquer título que se dispute no país.

Portanto, mais do que qualquer outra coisa, é preciso tirar o chapéu para os homens que planejaram esse Flamengo ganhador. E, de quebra, registrar que é muita teimosia insistir em apostar nesses clubes paulistas, superiores, sim, no que diz respeito aos craques que defendem suas honradas camisas. Mas dirigidos com mesquinhez, vaidades e interesses pessoais que sepultam qualquer sonho de conquista. Afinal, basta dar uma espiadinha no que acontece na política de bastidores de Corinthians, Palmeiras e São Paulo para entender que não podem sonhar com tão ambicionado título clubes planejados, ao contrário deste mengo campeão, para o mais sonoro fracasso.



Depois do que Serginho anda aprontando, John Wayne, se fosse vivo, só conseguiria emprego para apresentar noticiário de moda no "TV Mulher"...

FALA, MATHEUS:



- Premeramente devo de dizê qui cumigo o Lauro de Moraes não iria fazer essa palhaçada que está fazendo com o Juninho. Si ele num viesse falá conosco, nosco num iamo falá cum ele...



Vamos logo aos finalmente

Paulo Borges acabara de ser comprado pelo Corinthians, em 1968, pelo estonteante preço (para a época) de 1 milhão de cruzeiros, e o político presidente corintiano de então, Wadi Helu, não perdeu tempo e saiu com o craque a tiracolo, a fim de faturar prestígio e manter-se em evidência. Nem bem o jogador chegara de Bangu e Wadi levou-o para jantar num dos restaurantes da moda em São Paulo.

Chegando lá, enquanto muita gente dava um jeitinho de dar um tapinha nas costas do novo astro alvinegro, o maitrê, todo solícito, quis anunciar as opções do dia:

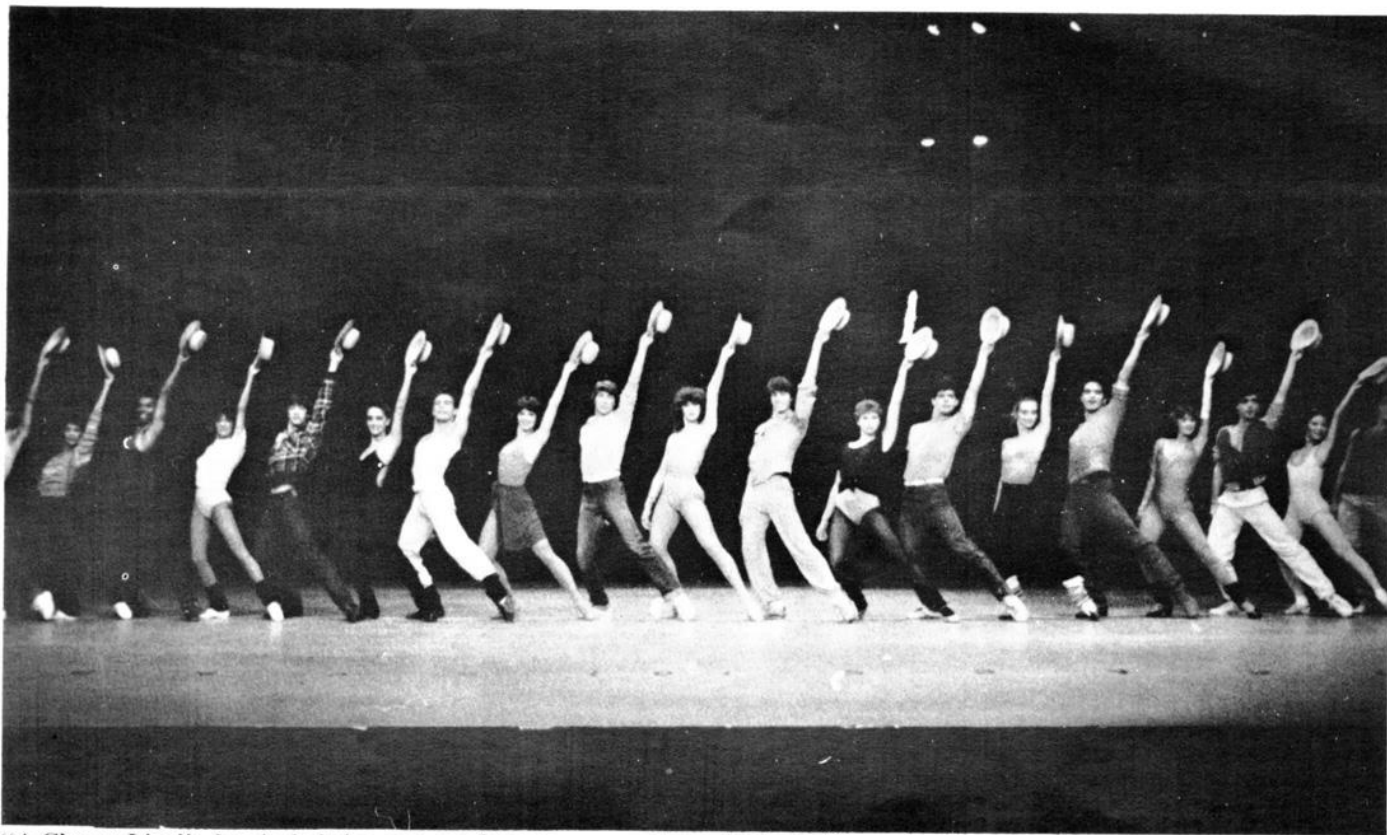
- De entrada, temos fundos de alcachofra ou casquinha de siri...

Ao que Paulo Borges, como nenhuma das opções lhe agradasse, quis saber: - E de saída, o que é que tem???

Foi um tremendo sucesso o jantar de confraternização promovido no Parque Antártica, a fim de unir todas as alas do clube. Houve só 178 fraturas expostas, 12 traumatismos cranianos e 27 internados na UTI...

Lêem a página

Você, o que justifica as muitas horas em busca de alguma coisa engraçada; pelo Milton Neves, disparado o melhor plantão do rádio esportivo brasileiro, fazendo trabalho empolgante na Jovem Pan; pelo Vladimir, que chegou à seleção com apenas dez anos de atraso; pelo Rubens Minelli, defendendo-se mais do que equilibrista para não sucumbir à cornetada do Parque; pela moça das cartas coloridas, a mesma luminosidade de sempre; pelo Mário, que está tentando fazer o filho esquecer o hino do Palmeiras; pelo Biro-Biro e pelo Gara-pa, o rei do rabo de galo na Baixada.



“A Chorus Line”: depois da briga com produtores, o encantamento da platéia nacional.

TEATRO

Como na Broadway

*Como na Broadway, “Evita” e
“A Chorus Line” fazem também muito sucesso
no Brasil, onde lotam teatros.*

A Broadway finalmente ancorou no Brasil através das superproduções “Evita” e “Chorus Line”. Ambas montadas com todas as preocupações grandiloquentes e os requisitos técnicos exigidos pela bíblia dos encenadores originais. Aplaudi as duas realizações, baseando-me na sua inegável qualidade e no fato de oferecerem trabalho a grande número de artistas – fator nada desprezível, na atual conjuntura de desemprego. Qualidade patente no caso de “Evita”, na música belíssima de Andrew Lloyd Webber, no texto inspirado de Tim Rice (infelizmente massacrado na tradução de Victor Berbara) e nos desempenhos adequados de Cláudia, Mauro Mendonça e Carlos Augusto Strazzer, nos papéis principais. Cenários requintados, iluminação perfeita, figurinos tão ofuscantes quanto os da Broadway. Se algum reparo pode ser feito é ao movimento do coro, nem sempre tão simétrico quanto deveria ser. Não deixa de ser fascinante o contato com a história dessa Cinderela

de verdade, que de garota paupérrima chegou a vice-presidente da nação argentina. Instigante, também, a maneira cáustica e lírica, ao mesmo tempo, pela qual é abordado o tema.

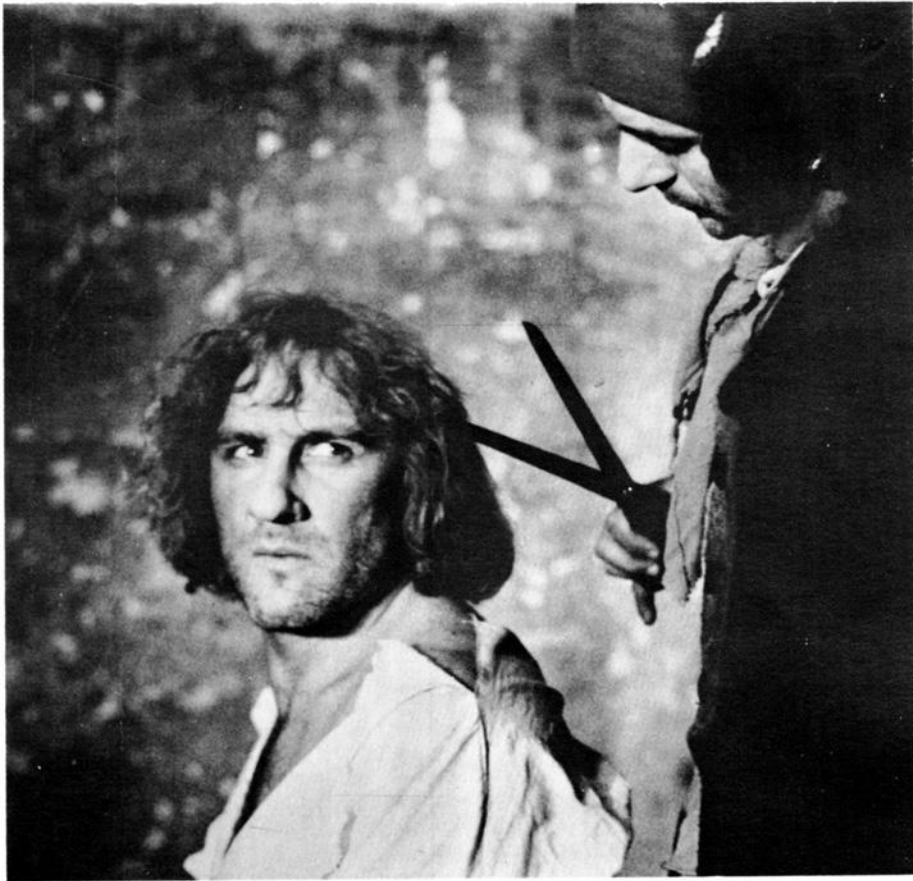
“Chorus Line” obedece igualmente aos padrões nova-iorquinos, contando, além de tudo, com o desempenho de A. C. Violla, “double” de bailarino perfeito e ator sensível, que enriquece o papel do porto-riquenho Paul. Roy Smith dirigiu pessoalmente os ensaios com rigor extremo, conseguindo levar o elenco ao excelente resultado que se reflete na parte coreográfica. Foram convocados pelo produtor Walter Clark para colaborar nos demais setores, além do iluminador ianque Richard Winkler, Millôr Fernandes (tradução), Antônio Mercado e Jorge Takla (direção de atores) e Murilo Alvarenga (direção musical), secundados por equipe séria e competente. Nada a obstar, portanto, a essa importação de pacotes da Broadway, não fossem os recintos que eles privilegiadamente ocupam: teatros estatais, no Rio, o João Caetano, em

São Paulo, o Sérgio Cardoso, que deveriam abrigar produções nossas, que dessem ao teatro brasileiro oportunidade de desenvolvimento, também no nível da dramaturgia, de criatividade genuína.

Por mais bem realizadas que sejam, “Evita” e “Chorus Line” serão sempre xerox dos originais e, se ocupam espaços oficiais, deveriam pagar por eles o mesmo que fariam em teatros particulares, destinando-se a verba ao patrocínio de nossos grupos experimentais. Há mais: apesar dos testes exaustivos que envolveram centenas de pessoas e que reproduziram na vida real o problema central de “Chorus Line” (o drama existencial dos postulantes a um lugar no coro de um musical), tenho ouvido inúmeras queixas do público, que não consegue ouvir os cantores, que além de tudo estariam desafinando...

Lamentável que a produção não tenha conseguido manter a perfeição técnica, que é o maior trunfo de suas congêneres norte-americanas.

Ilka Zanotto



Gerard Depardieu, o Danton da Revolução Francesa

CINEMA

Ótimo Danton

Danton, a Revolução Francesa segundo a visão de Wajda

A grande polêmica cultural da França neste momento está chegando agora a São Paulo, inaugurando uma das salas do novo Belas Artes, que a empresa Gaumont espera seja a ponta-de-lança de nova política de exibição no país. O filme é **Danton – O processo da Revolução** e foi vencedor do Cesar de melhor filme e direção do ano (o Cesar é o Oscar francês). Mas, antes disso, foi amplamente debatido em todos os jornais e revistas franceses, que se dividiram diante desta nova visão da Revolução Francesa de 1789.

Na verdade, o filme já começa em dezembro de 1793, quatro anos depois da queda da Bastilha, com a revolução dividida. No dia 5 de setembro do ano seguinte, o Comitê de Salut Public, por sugestão de Robespierre começa a semear o terror, caçando os chamados inimigos da Revolução e mandando-os para a guilhotina. Danton (Gerard Depardieu) é o único que tem um plano de paz e acaba

**ELÉTRO DINÂMICA
N. S. APARECIDA**

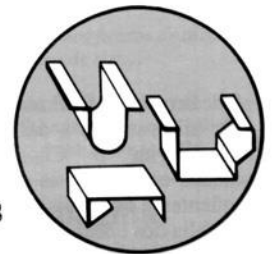
Carlos da Costa

Artigos elétricos em geral
Os melhores preços da praça
Faça-nos uma visita sem compromisso
Entrega-se a domicílio

Rua Senador Dantas, 161
Rua José Bonifácio, 100
Fones: 469-6945/6606/2326

Mogi das Cruzes - SP.

- **FABRICAÇÃO PRÓPRIA**
* Industriais * Residenciais
- **MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA**
- **MANUTENÇÃO A INDÚSTRIA**
- **COIFAS INDUSTRIAIS E RESIDENCIAIS**
- **ARTEFATOS DE COBRE * LATÃO**
* AÇO INOX * ALUMÍNIO



FUNILARIA E CONSERTOS

Calhas Fontana Ltda.

Mogi das Cruzes

VENDAS:
469-9065

Rua Hamilton Silva
e Costa, 124

Suzano

VENDAS:
477-2833

Rua Baruel, 451

São Bernardo do
Campo

VENDAS:
458-9666

Rua Rosa Pacheco, 105

entrando em choque com o amigo Robespierre (Wojciech Pszoniak). No dia 5 de abril de 1794, Danton morreu guilhotinado. Não sem antes prever fim idêntico para Robespierre, que aconteceria dois meses depois.

O interessante é que tudo isso é contado pela ótica de um estrangeiro, um polonês, Andrzej Wajda, o polêmico realizador de *Homem de Ferro* e *Homem de Mármore*. Ele se baseou numa peça "L'Affaire Danton", que foi escrita também por uma polonesa - Stanislaw Przybyszewaka. Segundo Wajda, o verdadeiro drama é que os dois lados tinham razão. A autora da peça era apaixonada por Robespierre e chegou a transformar o texto para que só ele tivesse razão. Mas o choque entre esses dois homens é exatamente o momento em que vivemos hoje. O mundo ocidental é Danton. O mundo leste é Robespierre.

Wajda acha também que o filme foi feito no momento certo. Ele teve problemas com o golpe na Polônia, que o demitiu do Sindicato dos Realizadores e o mantém como praticamente um exilado. E na França há um governo socialista: "Hoje, com o governo socialista, todos se perguntam, quem tem razão? Para onde vamos nós? Até onde ir com a nacionalização? E acho que o Ocidente também deveria responder a estas questões: em nome de quem nós fazemos a revolução? Daqueles que já têm o poder ou daqueles que em nome de quem nós tomamos este poder? Estarão os trabalhadores franceses contentes com sua vida ou tentarão exigir ainda mais?"

Há também outra interpretação mais pessoal do filme. *Danton* foi realizado logo após a queda de Lech Walesa e a *débâcle* do Sindicato Solidariedade. E, para o financiamento, o governo francês teve de lhe dar uma verba especial. Mas quem reparar bem verá que Danton e seus amigos são todos interpretados por franceses, enquanto Robespierre e seus partidários são todos poloneses. Isso seria uma metáfora que Wajda usou para mostrar a atual situação na Polônia. Danton se identificaria com Lech Walesa, e Robespierre, com a atual ditadura militar. Quem prestar atenção também verá referências a outros filmes de Wajda (com a idéia das mudanças nos princípios artísticos que Robespierre prega e que lembra *Homem de Mármore*).

Mas o mais claro é a seqüência final - escrita por Wajda, fugindo ao texto da peça -, em que Robespierre faz uma espécie de auto-crítica, mostrando que ele podia também estar errado. É uma garantia também que Wajda vai continuar resistindo. Atualmente, ele termina um filme na Alemanha - *Um amor na Alemanha* -, uma história de amor entre uma mulher alemã casada e um polonês prisioneiro de guerra.

Rubens Ewald Filho

ATO, MAIO/JUNHO DE 83

NÃO QUEBRE O GALHO PARA LEVANTAR SUA EMPRESA.



J&W publicidade

Rua Prof. Flaviano de Mello, 769
s. 24 e 25 - Fone: 469-5359
Mogi das Cruzes - SP.

Onde quer que você vá...



CALÇADOS

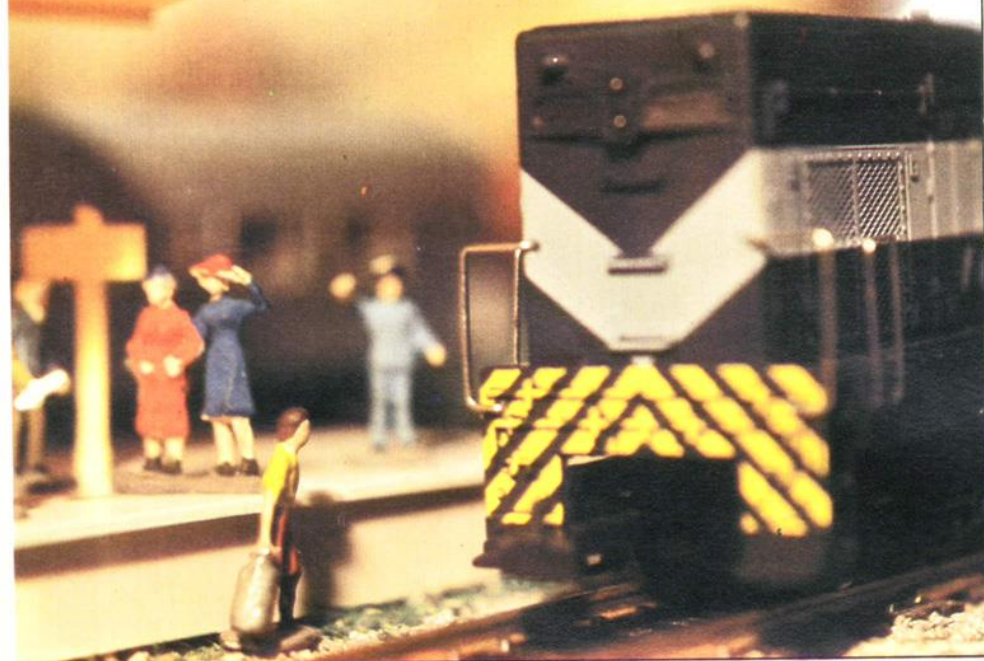
Flex-Pé

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 30 - Mogi das Cruzes - SP.

Mogi das Cruzes
ganhou uma nova estação.
Venha conhecê-la!

HOBBY CENTER

PROF. FLAVIANO DE MELLO 761- FONE: 469-8636



**Começou o inverno.
Mais uma oportunidade
para você mostrar
que é uma pessoa
de bom gosto.**

RIG
Moda Masculina.
**Completa
coleção inverno,
sem entrada e
em 5 pagamentos
sem acréscimo.**

RIG
**MODA
MASCULINA**

**R. Dr. Deodato
Wertheimer, 1473
Fone: 469 1988
Mogi das Cruzes - SP.**

LIVROS

Mais Gandhi

Artigos e discursos do líder
preparados por Attenborough

Como era seu desejo, Gandhi tem sua memória cultuada muito mais pelo que fez do que pelo que disse ou escreveu. O que não quer dizer, entretanto, que sejam menos importantes as palavras que deixou escritas e que constituem uma espécie de súpula de seu pensamento ao mesmo tempo religioso e político, pois para ele uma coisa não se distinguia da outra. Não são passados ainda 40 anos da independência da Índia, e a exibição do filme sobre a vida de Gandhi, um êxito de bilheteria em todo o mundo, acabou propiciando uma reavaliação do papel desempenhado pelo Mahatma como herói da resistência, cujas armas máximas são a não cooperação e a não violência. Ao lado da obra cinematográfica, também aparece no Brasil o livro "As Palavras de Gandhi" (Record, Rio, 1983, 112 págs. Cr\$ 1.250,00), texto selecionado por Richard Attenborough, diretor do filme, que reúne artigos publicados em semanários, nos quais o líder hindu pregava a desobediência civil e a independência.

Afirmava Nehru ser Gandhi um homem religioso que a força dos acontecimentos levou à política; tais palavras são confirmadas neste livro, onde o político e o religioso andam de braços dados, na medida em que o primeiro parece ser a complementação prática das aspirações do segundo. De resto, como um novo São Francisco de Assis (Gandhi inspirou-se nos velhos livros brâmanes, mas não dispensou certamente o Evangelho), o líder hindu, que pertencia a uma família abastada, mas sofreu a humilhação e a miséria quando estava na África do Sul, saiu pregando, com o exemplo de seu próprio corpo, o jejum e a castidade como forma de alcançar a ascese. Esta, por sua vez, conduziria ao *svadeci*, que funcionaria, no plano político, como uma forma de resistência passiva. A lição ministrada pelos livros sagrados, os *Uspanishads* e os *Vedas*, acrescentaria certamente os princípios do jainismo, que floresceu na Índia no século VI a. C.; aí se encontram os preceitos observados pelos hindus, entre os quais o respeito pelos seres vivos, incluindo animais e plantas, que era seguido com devoção. Naturalmente, o tempo encarregou-se de provocar atenuações no rigor desses mandamentos. Quem se der ao trabalho de ler com atenção os pensamentos do Mahatma verá que eles representam, em última instância, uma adaptação da suma religiosa às condições do momento, que impunham uma atitude política. Os dois conceitos básicos em que se sustenta o pensamento de Gandhi — *satyagraha* (a força que nasce da verdade e do amor) e *ahimsa* (abstinência de todo ato ou pensamento nocivo) — ganham evidentemente um sentido político, cuja retomada nos dias atuais, embora de difícil aplicação, poderia dar resultados consideráveis.

•
Nilo Scalzo

ATO, MAIO/JUNHO DE 83



TRANSCONTINENTAL
FM
104,7



PROGRAMAÇÃO BEM TRANSADA

Atingindo a um público consumidor ativo de bens e serviços, com sua programação dirigida e diversificada, a Transcontinental vai levar suas mensagens de propaganda aos melhores segmentos de audiência em cada área e horário. Numa região tão desenvolvida econômica e culturalmente falando, fica patenteado o "target" próprio e singular da Transcontinental, não havendo, portanto, possibilidades de desperdício de verbas.



Radio Transcontinental FM
Rua Dr. Deodato Wertheimer, 1413 - Sala 17 A - Sobreloja
Tel.: 468-1300 - Mogi das Cruzes

A briga dos filmes

Preocupada com a concorrência, a *Globo* seguiu seus filmes novos até a inauguração da *TV Manchete*



Gable e Leigh: a inesquecível história, uma arma da *Globo*

Se tiveram a impressão de que a programação de filmes na tevê andava fraca, sem interesse, e as novidades anunciadas pela *TV Globo* custaram a aparecer (como "...E o vento levou"), não é mera impressão. É verdade. Mas agora que foi inaugurada a *TV Manchete*, a programação de filmes na *Globo* deverá melhorar, por causa da concorrência. Na verdade, a competição beneficia somente a *Globo*, ainda a mais poderosa. A *Record*, a *Bandeirantes* e a *TVS* são as únicas além da *Manchete* e da *Globo* que exibem filmes, pois a *Cultura* e a *Gazeta*, talvez por motivos econômicos ou por falta de filmes, já não têm uma programação cinematográfica.

A *Bandeirantes* adquiriu um lote de produções francesas inéditas na TV ou também nos cinemas. A *Record* e a *TVS* não apresentam novidades – a *Record* vez por outra tem filmes novos e fracos. A *Globo* andava anêmica em novidades e quase esgotou seu estoque de filmes produzidos diretamente para o vídeo, geralmente aventuras, pilotos de séries de televisão e principalmente filmes sobre gente morrendo de leucemia e outras doenças incuráveis, ou ficando paralisadas.

Por outro lado a *Manchete*, de Adolph Boch, adquiriu, além de longa-metragens, várias minisséries baseadas em folhetins, romances, etc. produzidos pela *BBC* de Londres. Entre os filmes para o cinema, "A Megera Domada", de Zeffirelli, com Elizabeth Taylor e Richard Burton; "O Outro Lado da Meia-Noite", folhetim de sucesso recentemente reprisado nos cinemas; "Cerimônia de Casamento", de Robert Altman; "Justiça para Todos", com Al Pacino; "As Duas Vidas de Audrey Rose", sobre reencarnação; "A Profecia", com Gregory Peck; "O Pássaro Azul", nova versão com Liz Taylor, Ava Gardner e Cicely Tyson. Daqui para frente – esperamos – a tendência é sempre melhorar. E os deficientes auditivos agora já poderão assistir a filmes: decreto presidencial determinou a aplicação (não cumprida) de projeto que obrigava as emissoras a exibir uma vez por semana um filme com legendas (e não dublados) para surdos. Não resolve o problema quando o filme é brasileiro, mas pelo menos, excepcionalmente, é uma medida que beneficia alguém. ●

Carlos M. Motta



Peck, em "A Profecia"



Liz Taylor: megera

A rota certa para
um bom aprendizado.

M.M. LÍNGUAS

Av. Vol. Fernando Pinheiro Franco, 496
Tel. 469-2560 - Mogi das Cruzes - SP

Você já não precisa dar a volta ao mundo
para aprender inglês, francês, alemão,
espanhol, italiano, russo ou japonês.

M.M. Línguas traz o mundo até você.

(cursos especiais em todos os idiomas para crianças)

DISCOS

Sem ajuda

Denise Emmer, talento num disco muito interessante

Um dos discos mais interessantes que já chegaram às lojas este ano é de uma cantora praticamente desconhecida: Denise Emmer. Só os mais fiéis leitores de revistas especializadas em fofocas sobre figuras famosas da televisão conheciam seu nome — ela é filha dos conhecidíssimos Dias Gomes e Janete Clair. No entanto, ao contrário de tantos astros globais que resolveram faturar também com música, Denise Emmer prefere não se utilizar de fatores extramusicais para construir sua carreira. Nem mesmo o material de divulgação distribuído à imprensa pela sua gravadora, a RGE, menciona o nome dos pais famosíssimos.

Fora essa curiosidade biográfica, outra característica distingue Denise Emmer de tantos novos cantores/cantoras surgidos à sombra do esquema promocional da Rede Globo. Ao contrário dos Fábio Júnios da vida, a moça é do ramo. Conhece o assunto. É competente. Como compositora, é sensível, rica, delicada; suas melodias são doces, suaves, agradáveis. Como letrista, demonstra maior capacidade do que a maioria dos nomes revelados nos últimos cinco ou seis anos; embora a pouca idade se mostre em versos um tanto ingênuos como "a passara segue seu



Denise Emmer: criação pessoal

corcel", ela demonstra que tem talento, na maior parte das nove canções, todas com sua assinatura. E, sobretudo, como cantora, é uma grata revelação: a voz é afinadíssima, educada, extensa.

Mais ainda: como um todo, o disco de Denise Emmer, *Canto Lunar*, tem a rara e bem-vinda capacidade de surpreender, num terreno tão pouco propício à surpresa, tão afeito à repetição, como é o da música popular, hoje, no Brasil. Remando contra a corrente da música excessivamente eletrificada, ornada por

sintetizadores e computadores que se repetem até a exaustão, Denise Emmer opta por um som totalmente acústico, à base de flautas e violões, e que usa também violoncelo, cravo e viola da gamba. (Até mesmo o baixo é acústico, e não elétrico.) Além desses, o arranjador Alain Pierre usou também instrumentos latino-americanos, como o charango. A sonoridade obtida é uma agradável, fascinante e rara mistura da música medieval (com a qual Denise teve contato já aos 16 anos, participando de um grupo de cantores cariocas que utilizava um repertório renascentista) e da música latino-americana, tão pouco aceita e compreendida pelos meios de comunicação de massa de São Paulo e do Rio (e que é uma das influências de Denise, uma admiradora do trabalho de Violeta Parra).

Canto Lunar foi gravado para lançamento como um disco independente. A cantora já havia lançado um LP anterior, **Toda cidade é um pássaro**, e que, mal distribuído, pouco chegou a ser notado. Assim, ela preferiu entregar a uma gravadora grande, a RGE, o trabalho de prensagem, distribuição e divulgação do seu segundo LP. De qualquer forma, a produção das nove faixas foi feita sem nenhuma interferência da gravadora ou de esquemas comerciais. O que pode explicar parte da qualidade do trabalho — uma obra séria e pouco preocupada com o sucesso imediato.

Se depender de qualidade, no entanto, o nome de Denise Emmer não continuará desconhecido por muito tempo.

Sérgio Vaz

Super NGK

Chegou pra revestir Mogi e Região



Os Revestimentos Porcelanizados NGK já estão à sua disposição na CASA OLIVEIRA. Com eles você poderá criar ambientes de beleza e sofisticação. São dez exclusivas linhas com enorme variedade de modelos e cores. Padrões personalizados para revestir banheiros, lavabos, corredores, halls, colunas, fachadas, salões de festas, cozinhas, piscinas, etc. Se você mora em Mogi das Cruzes e Região venha à CASA OLIVEIRA e conheça os Revestimentos Porcelanizados NGK - Material que reúne nobreza e resistência, usado no mundo inteiro como a mais criativa solução para revestimentos.

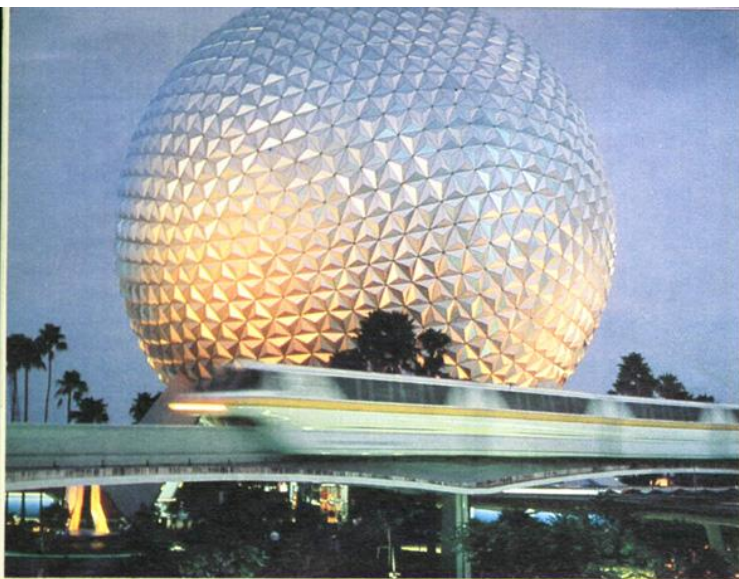
Super NGK
O Revestimento
Classe A



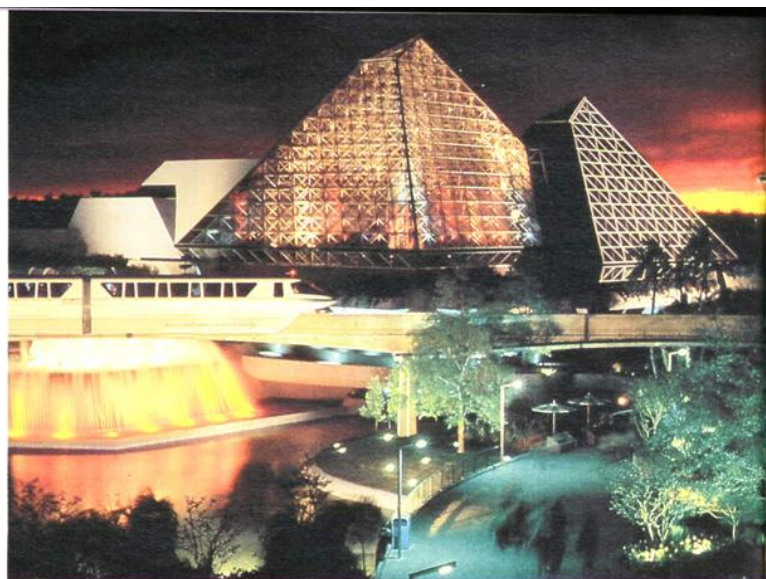
CASA OLIVEIRA

FUNDADA EM 1926
Rua Barão de Jaceguai, 481
Mogi das Cruzes - SP
Tel.: 469-2872

LINHA GRAN REAL
VERMELHO ANGRA
5x5 cm



Logo à entrada, o grande deslumbramento



Imagination: mostrando o passado no ano 2000

TURISMO

Virando o século

O Epcot Center é o novo êxtase da fantasia de Disney – um fantástico centro que mostra hoje a vida e os costumes do século XXI.

A primeira visão é de uma gigantesca esfera prateada: 54 metros de altura e capacidade para abrigar 1.800 pessoas, onde pequenos carros comandados por computador levam os visitantes a uma viagem através da história da civilização. É apenas a primeira surpresa. Depois dela, o Epcot Center parece justificar a cada instante a orgulhosa frase repetida centenas de vezes no mês de sua inauguração: "O século XXI começou em outubro de 1982".

Com um milhão de metros quadrados e vizinho de Disneyworld, a 30 quilômetros de Orlando, na Flórida, o Epcot – sigla de *Experimental Prototype Community of Tomorrow* (Protótipo Experimental de Comunidade de Amanhã) – é a concretização do maior sonho de Walt Disney, esboçado num guardanapo de papel pouco antes de sua morte, em 1966, e uma viagem fantástica por um mundo de fantasia, que mistura na dose certa presente e passado com as surpresas que aguardam a Humanidade no ano 2000.

Nele, não há as grandes reproduções do Pato Donald ou do Mickey Mouse nem o Lobo Mau caçando eternamente os Três Porquinhos, mas o toque mágico de Disney está sempre presente – dos dinossauros mecânicos que lutam entre si e assustam os turistas no Universo da Energia ao simpático dragão cor-de-rosa *Figment*, que guia os visitantes no pavilhão "Viagem à Imaginação". "Se pudermos combinar o *know-how* técnico da indústria americana e a imaginação criativa da organização Disney", ele costumava dizer a seus executivos: "Tenho confiança que podemos criar um mostruário para o mundo do sistema americano de livre empresa".

Conseguiu. E a poucos homens se pode creditar a habilidade de transformar a fantasia em realidade 16 anos após a sua morte. Hoje, esse mostruário, construído a um custo de um bilhão de dólares, já provou que terá uma longa e próspera vida, devendo receber só este ano mais de 10 milhões de pessoas de uma centena de nacionalidades, que pagarão 15 dólares cada uma por um dia de visita, 35 dólares por três dias e 45 dólares por quatro.

RAIOS LASER – Na primeira "viagem", a bordo do Foguete Terra – no interior da gigantesca esfera prateada –, o visitante percorre 17 andares em espiral até ingressar na era espacial e ter a impressão de que está flutuando no cosmo, entre estrelas e meteoros. Em quinze minutos, ele assiste a uma série de cenas da história da civilização encenadas por robôs que escrevem em hieróglifos como os egípcios, vestem-se como os senadores e centuriões romanos e, seguidamente, participam da era das invenções, apresentando o vapor, a impressora, o uso da eletricidade pelo telégrafo, o telefone, o rádio, o cinema e a televisão.

A partir daí, centenas de atrações movidas a fantásticos efeitos especiais oferecem sessões ininterruptas de deslumbramento e, se no Foguete Terra o turista é brindado com 40 mil anos da história da comunicação entre os homens, em outros pavilhões novos temas básicos foram desenvolvidos. Há atrações para todos, mas os discípulos de Disney planejaram o Epcot para atrair principalmente um público mais sofisticado de adultos e adolescentes, interessados na tecnologia do futuro e na espécie de feira mundial permanente montada na área batizada de Vitrina do Mundo, onde réplicas de ambientes de nove

países reúnem amostras da cultura, da culinária e da arquitetura locais.

Sobram manifestações de criatividade, mas algumas das experiências mais extraordinárias estão no pavilhão A Terra, que reúne estufas e viveiros de plantas de várias regiões do mundo e exemplos de métodos agrícolas revolucionários. É uma aula completa sobre processos de cultivo, e, conduzidos por um barco, os visitantes passam por áreas de floresta, desertos e pantanais, onde até o cheiro e a temperatura variam segundo as regiões.

VIAGEM À IMAGINAÇÃO – Ninguém consegue disfarçar a surpresa ao deparar com abóboras gigantes que crescem dependuradas como uvas ou com pés de alface cultivados em placas de poliestireno. Sem falar dos tomates que se desenvolvem suspensos, exemplificando uma nova técnica agrícola: a aquacultura, em que a planta não precisa de terra para se desenvolver, mas apenas nutrientes líquidos. Mas há outras atrações em A Terra: filmes em terceira dimensão e um divertido show musical de robôs em forma de bananas, ovos, queijo e outros "astros" da cozinha, além do restaurante *The Good Turn*, um dos oito espalhados pelo Epcot.

Um tipo professoral mas amigável chamado *Dreamfinder* (Caçador de Sonhos), que é o mais novo personagem Disney, acompanhado de um dragão cor-de-rosa são os guias no pavilhão Viagem à Imaginação. Dirigindo uma extravagante máquina voadora, eles vão pelo mundo recolhendo idéias e invenções extraviadas. Coletam raios de sol, notas musicais, letras, danças e dão uma lição de como apreciar e explorar a criatividade no mundo da arte, da ciência e da tecnologia.

METROPOLITANA FM

STEREO



MOGI DAS CRUZES

**Nunca se falou com tantos,
em tão pouco tempo.**

Depois dessa "viagem", os visitantes são conduzidos por um túnel que tem paredes iluminadas por anéis de neon e onde são projetados filmes. A sensação é a de um passeio no interior do arco-íris e mais uma prova de que os especialistas da Disney perseguem de perto o sonho do criador de Mickey Mouse: tornar realidade tudo o que a imaginação humana pode criar. O túnel desemboca num grande salão e aí a diversão fica por conta de cada um. Dezenas de jogos eletrônicos permitem, por exemplo, reger uma orquestra imaginária, brincar de ator de cinema, criar desenhos in-críveis ou compor música, apenas sapateando sobre 50 luminosos coloridos dispostos no chão.

O patrocínio do pavilhão Viagem à Imaginação é da Kodak, da mesma forma como a General Motors apresenta o Mundo do Movimento e a Exxon, o Universo da Energia. Mas outras importantes empresas americanas, como a Bell System, a Coca Cola e a Kraft, participam do Epcot, financiando as atrações em conjunto com a Disney. E, como o parque, de acordo com os engenheiros da WED Enterprises, área de desenvolvimento e projetos avançados da Disney Productions, "nunca será concluído", é provável que essa participação aumente sempre - em outubro, por exemplo, será inaugurado o pavilhão Horizons, que vai mostrar as moradias do futuro. O patrocínio é da General Electric.

DINOSSAUROS MECÂNICOS - Construído em forma de roda, o Mundo do Movimento exibe 12 cenas animadas sobre incidentes que ocorreram durante o desenvolvi-

mento dos transportes, além de mostrar como poderão ser os automóveis do futuro, reunindo protótipos de carros que estão sendo estudados pela GM. Enquanto isso, no Universo da Energia dinossauros mecânicos com sete metros de altura lutam entre si, a terra treme e um vulcão em erupção expõe lavas. Inofensivas, mas reais o suficiente para assustar o público. É uma experiência completa de imaginação, som e aromas, graças a uma "máquina de cheiros", desenvolvida pelo grupo Disney e que é capaz de dar a fragrância exata à terra úmida do jardim, aos animais ou a um vulcão em erupção.

Dos animais pré-históricos, o Universo da Energia passa para o futuro e às fontes alternativas de energia, onde um exemplo são os próprios carros que conduzem os visitantes. Com capacidade para 96 passageiros, eles trafegam movidos com o combustível retirado do calor do sol por 80 mil células fotovoltaicas localizadas no teto do prédio, capazes de gerar 70 mil watts de eletricidade.

Depois de visitar todos esses pavilhões, que compõem o chamado Mundo do Futuro, os turistas entram na Vitrina do Mundo, onde nove nações - China, Japão, Canadá, Estados Unidos, México, França, Inglaterra, Itália e Alemanha - são representadas por reproduções de marcos arquitetônicos e cenas de cidade. Um castelo canadense, pirâmides astecas, a Praça de São Marcos e templos japoneses são apenas algumas das estruturas criadas pelos arquitetos da Disney, que cuidaram também de reproduzir a Torre Eiffel e um verdadeiro *pub* inglês.

O outro sonho

Quando Walt Disney resolveu comprar 11 mil hectares de terras pantanosas, em Orlando, a pouco mais de 500 quilômetros de Miami, na Flórida, para transformá-las num "centro de lazer, recreação e repouso", foi considerado um romântico. Quando inaugurou Disneyworld, há 11 anos, depois de um trabalho exaustivo de drenagem da área, foi classificado de um empresário de grande visão. Todos os serviços de informações econômicas dos Estados Unidos fizeram, então, projeções para saber qual seria o efeito de Disneyworld naquela região. Uma década depois, todas as previsões tinham sido superadas. Os crescimentos demográfico e de empregos subiram em 31%. A renda *per capita* cresceu em 161,1% e as vendas a varejo, em 283,3%. E é quase impossível encontrar um terreno em toda a área.

Disneyworld já tinha sido planejada quando a Disneylândia começou a funcionar na Califórnia, do outro lado dos Estados Unidos. O Magic Kingdom (Reino Mágico), seu setor mais divulgado em todo o mundo, é uma réplica da Disneylândia, oferecendo os mesmos 45 brinquedos que ela, divididos nas várias *lands*: Rua Principal, Terra da Aventura, Terra da Fronteira, Praça da Liberdade, Terra da Fantasia e Terra do Amanhã. O Magic Kingdom, como os outros setores de Disneyworld, só tem acesso pelos transportes do parque - o *monorail*, barcos e ônibus. Os automóveis ficam num estacionamento de 12 mil vagas, à entrada de Disneyworld. São necessários, pelo menos, dois dias para se conhecer os principais brinquedos do Magic Kingdom, e o jeito mais econômico de fazê-lo é através do *Passport* - um ingresso múltiplo, com preço variável, conforme as faixas etárias, que abrange esse período. Mas não pense que Disneyworld é um empreendimento apenas para crianças. Em cada quatro

SANDÁLIA NOS PÉS - Tanto a China quanto o Canadá apresentam filmes de 360 graus e as lojas dos pavilhões estão cheias de mercadorias típicas, como os chás *Twinings*, do Reino Unido, e produtos *Hummel*, da Alemanha. Nas calçadas e praças há sempre produtos artesanais, enquanto atores e músicos se apresentam com roupas características e brincam com os visitantes.

Nos estandes do México, Itália, França, Alemanha, Japão, Canadá e Inglaterra há restaurantes com cozinha típica, mas é possível comer bons sanduíches no *Liberty Inn*, dos Estados Unidos, onde não faltam os tradicionais *hamburgers* e *hot dogs* acompanhados da não menos tradicional batata frita. Para os restaurantes, é preciso fazer a reserva com antecedência no local ou na *Earth Station*, localizada no interior da gigantesca esfera prateada. Ali, uma central de computadores fornece todas as informações sobre o Epcot em inglês ou espanhol.

A procura é normalmente grande, mas a espera acaba recompensada pela qualidade dos alimentos servidos. Assim, pode-se saborear, na Itália, massas deliciosas a preços



Sufoko
lanchonete

música ao vivo
(sextas, sábados e domingos)

feijoada aos sábados até
madrugada

refeições e pizzas todos os dias

sucos, vitaminas e coquetéis

exclusividade: caipirinha
com licor canadense

RUA CEL. SOUZA FRANCO, 627
MOGI DAS CRUZES - SP.



Disneyworld: encantando os adultos

As pessoas que chegam a ele apenas uma é criança.

O Magic Kingdom serve de referência a todos os setores de Disneyworld. O Vacation Kingdom (Reino das Férias) está à sua volta, com os hotéis Contemporary Resort, Polynesian Village e Golf Resort, acampamentos, lagos, praias e campos de golfe. Esses hotéis exigem reservas com até um ano de antecedência, mas seu equipamento de lazer pode ser utilizado por todos os visitantes.

O Lake Buena Vista, a 9 quilômetros de Magic Kingdom, dispõe de quatro hotéis – Travelodge Tower, Dutch Inn, Howard Johnn's e Royal Plaza –, campos de golfe, colônias de férias e o centro comercial Walt Disney World Village. O River Country está equipado com piscinas naturais, praias, tobogãs aquáticos, barcos pneumáticos e lanchas. Há ainda a Discovery Island, um viveiro de pássaros tropicais, com vegetação exuberante, na qual os visitantes passeiam livremente entre as aves.

Cada um dos setores dispõe de bares e lanchonetes, mas não servem bebidas alcoólicas. Apenas os restaurantes Top of the World e Papeete Bay Verandah, o Lake Buena Vista Club, o barco-restaurant Empress Lilly e o bar Coconico Cove oferecem carta de vinhos, uísque e aperitivos. Todos eles têm shows com música ao vivo, sendo que o Papeete Bay Verandah promove *luaus* polinésios.

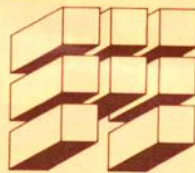
Janete Gutierre

que variam de 6 a 14 dólares ou, no México, *quesadillas* a pouco mais de 3 dólares e tacos de carne, a 6,50 dólares. Na França, também há pratos deliciosos, como as ostras ao vinho branco, e o restaurante *Les Chefs de France* tem a supervisão de grandes nomes como Paul Bocuse, Roger Vergé e Gaston Lenôte.

O ideal é reservar três dias para visitar o Epcot em toda sua extensão e estar preparado para caminhar muito, porque as distâncias são grandes. E, como a temperatura em Orlando é sempre agradável, o melhor é adotar o estilo "descuidado" dos americanos e vestir confortáveis bermudas, camisetas e, nos pés, tênis ou sandálias.

De qualquer forma, se o calor apertar, resta sempre o consolo de que os bares e restaurantes do Epcot, mais liberais que os de Disneyworld, oferecem bebidas alcoólicas. Difícil será resistir à tentação nos deliciosos tostados mexicanos servidos com cerveja gelada ou deixar o *pub* inglês sem provar pelo menos algumas das 50 marcas diferentes de cerveja oferecidas.

Irene Vucovic



MOGI
construções e comércio Ltda.

**PROJETO,
CONSTRUÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO.**

Márcia Ap. Martins Coelho
ARQUITETO

C.W.

R. Major Pinheiro Franco, 454 - Tel. 468-1872 - Mogi das Cruzes - SP.

Férias? Viaje tranquilo!

Se, ao voltar das férias, você não quer encontrar sua casa vazia, ligue para a Mezanino Segurança.

Com a instalação de um sistema de alarme, a Mezanino garante a segurança de sua casa, garantindo férias tranquilas e sem preocupações para você e sua família.

E o que é mais importante: com dinheiro no bolso.

Preocupada com suas férias, a Mezanino oferece um desconto de 20% no pagamento à vista, ou então, o pagamento da primeira parcela só em agosto.

Pronto!

Sua tranquilidade está garantida nestas férias.

Peça mais informações pelo telefone 469-6746.



Instalação – Sistema de Alarme
Segurança Residencial e Comercial

Rua Prof. Flaviano de Mello, 1289 - Tel. 469-6746 - Mogi das Cruzes.

C.W.

O Brasil precisa selecionar objetivos

Dariamente, somos bombardeados com notícias preocupantes, tais como: "Brasil vai ao FMI", "Inflação ultrapassa 10% em abril", "A Marcha dos desempregados", etc. Os ministros e tecnocratas vêm a público com declarações pouco esclarecedoras, até mesmo contraditórias, expressando-se prolixamente, de forma que a grande maioria da população não os entenda. O grande contingente de desempregados de todas as categorias profissionais entra em desespero, sem entender exatamente por que foram colocados na mais cruel condição que um ser humano saudável pode experimentar, a falta de trabalho. Preocupa mais ainda o fato de os ministros mostrarem-se exaustos na corrida sem fim para rolar a dívida externa, a causa maior dos problemas atuais da nação. Sofremos nós, sofrem os ministros, tentando pagar o que é impagável nas condições que foram obrigados a aceitar junto aos nossos credores.

Quando se afirma que é impagável a dívida externa, como nos foi imposta, é porque na teoria se supõe que os segmentos da sociedade atingidos bruscamente pelos sacrifícios que se lhes impõem têm um limite infinito de resistência às privações. Na prática, a realidade é outra, e por necessidade e desespero estes mesmos segmentos poderiam ser levados a romper o equilíbrio social, conduzindo-nos ao caos. Mas dívida é dívida e tem de ser paga, mas nas condições que podemos pagá-la. O Brasil também tem créditos no Exterior junto aos nossos parceiros comerciais e não os está recebendo como queria, e sim como eles podem pagar. Não faço aqui apologia do não pagamento da dívida, aliás até concordo que para pagá-la temos de combater a inflação, reduzindo subsídios, déficit nas contas do governo, aumentar as exportações, etc., só que todas essas medidas tomadas a uma só vez, num prazo muito curto, é remédio muito forte para uma nação fraca e pobre como a nossa.

Entre tudo o que já se falou sobre inflação, há outros fatores inflacionários difíceis, senão impossíveis de se combater, pois são de caráter subjetivo. Entre estes estão os de caráter psicológico e moral. Entre os primeiros está aquele que nos leva a supervalorizar aquilo que temos por antecipação de um aumento futuro. Estes ocorrem especialmente sobre gêneros de primeira necessidade, onde a escassez não permite grande concorrência, e tanto o governo como a sociedade têm dificuldade de exercer controle.

A usura, antes considerada imoral, é hoje aceita pela sociedade sem maiores restrições. Os agiotas usurários, antes em pequeno número, proliferam por toda parte, mesmo os detentores de pequenas quantias. Estes pequenos aplicadores ou agiotas estão presentes em toda parte e, movidos pela onda inflacionária, não têm nenhum escrú-



João Manoel dos Reis*

pulo em assim proceder, pois os seus vínculos com aquilo que a moral permite já há muito se romperam, dada a psicose criada por altas taxas inflacionárias. E chegam a cobrar 25% ao mês.

Paralelamente aos agiotas, temos algumas instituições financeiras que, para liberarem empréstimos aos seus clientes a juros legais, nos obrigam à compra de ações, seguros, sorteios diversos que não servem para nada, a não ser elevar o custo total do dinheiro tomado. A corrupção em todos os níveis, desde o fiscal do feirante àquele figurão que consegue liberar o empréstimo ao pequeno construtor de casas ou ao pequeno fabricante de parafusos, nada mais faz do que aumentar o preço dos seus produtos. E o que é pior, a sociedade encara estes fatos, que antes eram raros e deles pouco se sabia, como normais, pois que hoje fazem parte do nosso dia-a-dia. A forma pacífica com que ocorrem estes fatos, sem que nada se faça, está levando-nos a um impasse, porque a desonestidade e a especulação estão adquirindo valores maiores que o trabalho e a probidade, pois não é possível construir riqueza efetiva senão através da produção, com a participação do esforço e a criatividade de cada um.

Os desvios acima mencionados são os que agravam ainda mais uma economia inflacionária, pela falta de confiança que gera e que recai sobre todo o sistema. Não têm forma de serem combatidos, através de leis ou fiscalização, pois estão incorporados aos acontecimentos de todos os dias. É possível que não faça sentido associar-se a inflação a fatores psicológicos e morais, sendo os últimos influenciados pelos primeiros, atribuindo-se maior correlação dos mesmos com educação e com o distanciamento do povo da religião, devido ao consumismo exacerbado, que desenvolvemos nas últimas décadas através dos meios de comunicação. Parece, ainda assim, um pouco fraco este argumento, visto que tanto a educação como a religião tiveram à sua disposição, para os seus fins, tudo o que hoje dispomos

*João Manoel dos Reis é engenheiro e empresário

em termos de comunicação, que, diga-se de passagem, é um dos sistemas mais modernos do mundo.

Se assim não foi, é porque outras causas se impuseram, tais como, por exemplo, o aumento das dificuldades de todos os dias, que obriga o indivíduo a procurar mais recursos do que consegue produzir, colocando-se, assim, sujeito ao esbulho dos pequenos e grandes emprestadores. Na origem da inflação, e conseqüentemente de todos os fatores que a compõem, está o governo, que, por alguma razão, tem de pagar mais do que recebe pelos bens e serviços que compra e que para zerar a conta imprime o dinheiro equivalente à diferença, e assim paga seus credores. O déficit aqui descrito de forma simplista, somado aos subsídios que o governo dá aos produtos e créditos, como petróleo, trigo, financiamento à agricultura, à exportação, etc., o que o próprio governo tenta combater, sem muito sucesso, pois combate todas as causas de uma só vez — e, espremido pelas circunstâncias diárias, é obrigado a ceder créditos especiais e subsidiados para atender a eventos imprevisíveis, como no caso das regiões assoladas por desastres climáticos, como seca e enchentes, ou outras emergências, que pelas suas origens anulam as providências tomadas antes.

A meu ver, além das medidas atuais de combate à inflação que o governo promove, deveria eleger uma das causas, como por exemplo o subsídio do petróleo ou do trigo, e, individualmente, de forma gradual extingui-la num período de seis meses, mesmo que isto venha a agravar a inflação naquele semestre. Dada a multiplicidade de fatores que promovem a inflação, eliminá-la a curto prazo é impossível, pois provocaria grandes problemas sociais. Combatê-la, pois, firme e gradualmente a médio e longo prazos seria a saída para a atual situação brasileira.

Neste momento, o país sequer tem condições de mencionar qualquer intenção de renegociar a dívida, sem correr o risco de em seis meses parar toda atividade econômica, pelo bloqueio de bens e serviços importados, por parte de nossos credores, com conseqüências gravíssimas para a nação. Portanto, deve o país preparar-se interna e externamente, montando uma estratégia que possibilite a auto-suficiência durante um duro período de negociações, no qual deve incluir um intercâmbio comercial mais intenso com outros países também devedores, mas que tenham produtos que nos faltam, praticando uma política de mútuo suporte, até se que consiga um acordo com os credores do Terceiro Mundo. Esta negociação conduzida de forma que se peça a dilatação dos prazos para o pagamento total da nossa dívida externa atende às imperiosas razões de interesse social, que por si só torna válido, moral e politicamente, o pedido da moratória negociada e planejada por antecipação.

SUA BOA ESTRELA ESTÁ EM BOAS MÃOS.

CARIC
30
ANOS



A Caric dá a você um atendimento à altura da qualidade Mercedes Benz.

Uma completa linha de ônibus e caminhões, oferecidos a você em condições especiais de financiamento e acompanhados de uma sólida infra-estrutura de peças e assistência técnica.

A Caric responde com

rapidez às suas necessidades de reposição de componentes, em qualquer ponto da Grande São Paulo.

No momento de modernizar e ampliar sua frota, na aquisição de ônibus ou caminhões, venha primeiro à Caric.

Aqui, a sua boa estrela está em boas mãos.



CARIC

SUA BOA ESTRELA EM BOAS MÃOS.

Av. José Meloni, 998
Mogi das Cruzes - São Paulo
Tel. 469.7444

E se...

Um dia você faltar para a sua família?



Uma simples pelada num fim de semana prejudicar todos os outros dias de sua vida?



Um simples acidente lhe impedir de trabalhar para o resto da vida?



As suas mãos ficarem incapazes de manter o seu sustento?



Seguro nunca se deixa para amanhã. Principalmente alguns que podem lhe ajudar muito contra os imprevistos do dia-a-dia. Seguro das mãos, seguro de vida, seguro de acidentes pessoais, são seguros que melhoram a sua vida, pois deixam você e sua família mais tranquilos. As Seguradoras Real estão lembrando deles para você, porque na maioria das vezes a gente esquece. Ou então deixa de fazer porque acha que seguro é coisa

cara, por comodismo, "Depois a gente vê..."; ou mesmo por achar que nada de ruim pode lhe acontecer. E muitas vezes, isto acontece por pura falta de conhecimento do assunto, pois na realidade seguro não é um bicho-de-sete-cabeças, nem um bicho caro. Para maiores informações, você pode procurar as Seguradoras Real através de qualquer agência do Banco Real ou simplesmente preencher o cupom anexo.

Estou interessado em conhecer mais sobre os seguros mencionados das Seguradoras Real.

Nome _____

Endereço _____

telefone e cidade para marcar hora _____

Remeter a Real Seguradoras
Av. Paulista, 1374 - 6.º andar - CEP 01310 - S.P.

12

ou

REAL
SEGURADORAS

Faz mais por você em qualquer agência do Banco Real